

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA, FISIOTERAPIA E DANÇA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DO MOVIMENTO HUMANO

SUELLEN DOS SANTOS RAMOS

**FUTEBOL E MULHERES NO RIO GRANDE DO SUL: A TRAJETÓRIA
ESPORTIVA DE EDUARDA MARRANGHELLO LUIZELLI (DUDA)**

Porto Alegre
2016

SUELLEN DOS SANTOS RAMOS

**FUTEBOL E MULHERES NO RIO GRANDE DO SUL: A TRAJETÓRIA
ESPORTIVA DE EDUARDA MARRANGHELLO LUIZELLI (DUDA)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência do Movimento Humano da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Ciência do Movimento Humano.

Orientadora: Prof^a Dr^a Silvana Vilodre Goellner

Porto Alegre
2016

CIP - Catalogação na Publicação

Ramos, Suellen dos Santos

Futebol e Mulheres no Rio Grande do Sul: a trajetória esportiva de Eduarda Marranghello Luizelli (Duda) / Suellen dos Santos Ramos. -- 2016.
156 f.

Orientador: Silvana Vilodre Goellner.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Escola de Educação Física, Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano, Porto Alegre, BR-RS, 2016.

1. Futebol e Mulheres. 2. Mulheres e Esporte. 3. História de Vida. 4. Duda. I. Goellner, Silvana Vilodre, orient. II. Título.

SUELLEN DOS SANTOS RAMOS

**FUTEBOL E MULHERES NO RIO GRANDE DO SUL: A TRAJETÓRIA
ESPORTIVA DE EDUARDA MARRANGHELLO LUIZELLI (DUDA)**

Dissertação apresentada ao Programa Pós-Graduação em Ciência do Movimento Humano da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Ciência do Movimento Humano.

Aprovado em _____ de _____ de 2016.

BANCA EXAMINADORA

Orientadora – Profa. Dra. Silvana Vilodre Goellner – UFRGS

Profa. Dra. Angelita Alice Jaeger – CEFID/UFSM

Prof. Dr. Alberto de Oliveira Monteiro – ESEFID/UFRGS

Prof. Dr. Elisandro Schultz Wittizorecki – ESEFID/UFRGS

À minha mãe, que com sua batalha diária me ensinou a transformar o impossível em realidade.

AGRADECIMENTOS

À minha mãe, por todo o amparo, dedicação e amor. Por todos os valores transmitidos e pela educação ensinada. Por seu incansável sonho de ter uma filha na universidade e sua luta constante para que esse objetivo fosse alcançado.

À Prof^a Dr^a Silvana Vilodre Goellner por me conceder a oportunidade de iniciar essa jornada e pela orientação recebida. Pela paciência, pelas considerações pertinentes e pelo exemplo que transmite a todo grupo. Pela militância constante em torno do futebol de mulheres e das mulheres no esporte. Obrigada! Em frente!

À equipe do CEME/GRECCO por tornarem os dias de trabalho agradáveis e acrescentarem na minha formação tanto acadêmica quanto pessoal. Em especial: à minha parceira de temática e amiga de todas as horas, Pamela; À querida Leiloca, sempre preocupada com nosso bem-estar; À Luiza, Drika, Laura e Jamile pelo auxílio na organização do trabalho e pela troca constante de conhecimento, mais do que bolsistas, amigas. A Rodrigo Mazzeo pela tradução instantânea dos artigos italianos. Sem vocês nada disso seria possível.

À Profa. Dra. Maria Luiza Oliveira pelos esclarecimentos e pelo insistente incentivo na construção deste trabalho. Obrigada Malú!

À Profa. Dra. Angelita Alice Jaeger, ao Prof. Dr. Alberto de Oliveira Monteiro e ao Prof. Dr. Elisandro Schultz Wittizorecki pelo aceite de avaliarem e construírem juntamente comigo esse trabalho. Obrigada pelo aprendizado.

À Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança por esses oito anos de acolhida repletos de momentos e conquistas inesquecíveis. Aos professores que fizeram parte dessa jornada. Ao PPGCMH e às servidoras Ana e Ariadne por serem solícitas na busca por informações.

À Eduarda Marranghello Luizelli em permitir que esse trabalho fosse possível. Pela paciência, interesse e colaboração. Aos seus pais Eduardo e Rosa pelo recebimento carinhoso. À Gabriela Luizelli e Renato Lopes pela atenção recebida.

Às amigas Luanna, Paula, Naná, Amanda, Deise, Cássia e Letícia pela paciência, compreensão e amizade de sempre. Da ESEF para vida. Obrigado por estarem ao meu lado nos momentos difíceis e por compartilhar comigo as minhas alegrias. À Juzona, Giu e Sa por respeitarem esse momento acadêmico e por aguardarem ansiosas pelo término dessa caminhada.

Às bibliotecárias Naila e Ana pelas orientações precisas e por sempre se manterem à disposição para eventuais consultas.

Às minhas entrevistadas, ex-jogadoras de futebol que tornaram possível a construção desse trabalho e que também são protagonistas na história do futebol de mulheres do Rio Grande do Sul.

Aos meus alunos e alunas do Centro Físico Aqualitá por partilharem dos meus desabafos e torcerem por mim ao longo dessa jornada. Em especial à Profa. Dra. Cláudia Eccel Alvim pelo auxílio no processo de construção dessa pesquisa. Obrigada por serem o meu refúgio em tempos de tormenta.

“O impossível é só questão de opinião”
(Chorão e Thiago Castanho)

RESUMO

Essa dissertação tem como objetivo analisar a trajetória esportiva de Eduarda Marranghello Luizelli (Duda) como jogadora de futebol e como dirigente atuando na formação de atletas. Para tanto está fundamentada em marcos teóricos relacionados à participação das mulheres no esporte, mais especificamente no futebol considerando narrativas biográficas. A metodologia utilizada tem um viés qualitativo com fundamentação teórica e metodológica na História Oral, utilizada como procedimento para a produção de fontes, tendo como foco a História de Vida. Foram realizadas 16 entrevistas com pessoas que mantêm relação com a trajetória da Duda como familiares, ex-jogadoras de futebol e profissionais que atuam na escolinha esportiva que dirige. Estas entrevistas foram cotejadas com outros documentos, muitos deles integrantes do acervo pessoal da própria Duda e desse diálogo emergiram dois capítulos intitulados: Primeiro tempo: Duda jogadora e Segundo tempo: Duda dirigente. O primeiro eixo temático discute como se deu a inserção de Duda na modalidade e como consolidou sua trajetória como jogadora de futebol. O segundo eixo temático diz respeito a sua atuação como dirigente de uma escolinha de futebol. A partir das análises percebeu-se que o apoio familiar foi determinante para sua permanência e continuidade na modalidade, assim como, auxiliou ao longo de toda sua trajetória esportiva. Foi possível verificar que suas experiências no futebol italiano e na seleção brasileira, além de proporcionar momentos de realização, foram marcadas por dificuldades e frustrações. Observou-se que sua trajetória no Sport Club Internacional foi permeada de lutas e vitórias em prol do esporte destacando Duda como referência da modalidade. Também foi possível observar que Duda transformou seu nome em uma marca através de sua Escola e consolidou sua representatividade na modalidade como formadora de atletas. Algumas tensões foram evidenciadas no que diz respeito ao gerenciamento esportivo por parte das mulheres, especificamente na ausência das mesmas em cargos de liderança. Conclui-se que Duda foi e ainda é uma das fomentadoras da modalidade no Rio Grande do Sul, sua representatividade como jogadora de futebol influenciou na carreira de muitas atletas e apesar dos obstáculos e das adversidades enfrentadas, sua trajetória esportiva é reconhecida no cenário nacional.

Palavras-chave: Futebol e Mulheres; Mulheres e esporte; História de vida; Duda.

ABSTRACT

This thesis aims to analyze the sporting career of Eduarda Marranghello Luizelli (Duda) as a soccer player and as a director working in the training of athletes. The study is based on theoretical frameworks related to women's participation in sport, specifically in soccer considering biographical narratives. The methodology has a qualitative bias with theoretical and methodological foundation in Oral History, used as a procedure for the production of sources, focusing on the history of life. It was conducted 16 interviews with people who maintain a relationship with the Duda's life trajectory as family members, former players and soccer professionals working in the soccer schools that she runs. These interviews were collated with other documents, many of them part of Duda's personal collection, and this dialogue emerged two chapters entitled: First time: Duda player and second time: Duda director. The first main theme discusses how was Duda's inclusion in the sport and how consolidated her career as a soccer player. The second main theme relates to Duda's role as a director of a soccer school. From the analysis it was realized that family support was the key to the permanence and continuity in the sport, as well as helped throughout her sporting career. It was possible to verify that her experiences in Italian soccer and the Brazilian national team, not only provided realization of moments, but also they were marked by difficulties and frustrations. It was observed that Duda's career in the Sport Club International was fraught with struggles and victories for the sport as highlighting her name as a women's soccer reference. It was also noted that Duda turned her name into a brand through her schools and consolidated her representation in the sport as a trainer of athletes. Some tensions were evident with regard to sports managed by women, especially in the absence of females in leadership positions. It is concluded that Duda was and still is one of the women's soccer developer in Rio Grande do Sul, and that her representation as a soccer player influenced the careers of many athletes and despite the obstacles and adversities faced, her sporting career is recognized on the national scene.

Keywords: Soccer and Women; Women and sport; Life's history; Duda.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1- Duda em partida do Campeonato Gaúcho de 1997.....	23
Figura 2 - Sport Club Internacional na década de 1980	62
Figura 3 - Musas do Futebol.....	71
Figura 4 - Duda em ação no Verona	78
Figura 5 - Conquista do Bi-Campeonato Sul-Americano.....	85
Figura 6 - Crachá de participação da atleta no Campeonato Brasileiro de Futebol feminino de Taubaté – SP	100
Figura 7 - Primeiro Torneio Interno da Escolinha de Futebol Feminino do S.C. Internacional.....	125
Figura 8 - Alunas da escolinha em jogo preliminar no estádio Beira-Rio no ano de 1997	126
Figura 9 - Brasão da Escola de Futebol da Duda.....	131
Figura 10 - Pôster da Colônia de férias da Duda	136
Figura 11 - Equipe Duda/Canoas: campeã do Campeonato Gaúcho de Futebol Feminino de 2015.....	138

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Trabalhos acadêmicos	18
Quadro 2 - Trabalhos acadêmicos	19
Quadro 3 - Entrevistas realizadas	44
Quadro 4 - Materiais cedidos por Duda.....	45

SUMÁRIO

1 PRÉ-JOGO: ASPECTOS INTRODUTÓRIOS.....	14
2 PRELEÇÃO: CONHECENDO O PASSADO PARA DEFINIR A TÁTICA	24
2.1 MULHERES E ESPORTE: O PONTAPÉ INICIAL NA LUTA PELA PRÁTICA	24
2.2 A TRAJETÓRIA DAS MULHERES NO FUTEBOL BRASILEIRO: DE PIONEIRAS A PROTAGONISTAS	27
2.3 MULHERES E FUTEBOL NO RIO GRANDE DO SUL: PRIMEIROS APONTAMENTOS	31
3 AS REGRAS DO JOGO	34
3.1 BIOGRAFIAS e HISTÓRIAS DE VIDA: o gênero biográfico em ação.....	35
3.2 HISTORIA ORAL: A HISTÓRIA NARRADA POR QUEM A VIVEU	38
3.3 CAPTAÇÃO E ELABORAÇÃO DAS FONTES.....	42
4 PRIMEIRO TEMPO: DUDA JOGADORA.....	47
4.1 ROLA A BOLA VALDOMIRO: O INÍCIO ESPORTIVO DE DUDA.....	47
4.2 A DÉCADA DE 1980 E A PRIMEIRA GERAÇÃO DO FUTEBOL DE MULHERES NO RIO GRANDE DO SUL.....	55
4.3 DESCONTINUIDADES: INTERRUPÇÃO DAS ATIVIDADES DO SPORT CLUB INTERNACIONAL	63
4.3.1 <i>S.E.R. bruxas: futsal, um aliado em tempos de interrupção.....</i>	63
4.3.2 <i>Seleção Gaúcha.....</i>	67
4.3.3 <i>CIAO Itália: uma brasileira nel calcio italiano.....</i>	75
4.4 SELEÇÃO BRASILEIRA: SONHOS E FRUSTRAÇÕES VESTINDO A CAMISETA CANARINHO.....	84
4.5 SPORT CLUB INTERNACIONAL: A CONSAGRAÇÃO E O RECONHECIMENTO – SEGUNDA GERAÇÃO.....	90
4.6 FINAL DO PRIMEIRO TEMPO	114
5 SEGUNDO TEMPO: DUDA DIRIGENTE.....	117
5.1 ESCOLINHA DE FUTEBOL FEMININO DO SPORT CLUB INTERNACIONAL	117
5.2 ESCOLA DE FUTEBOL DA DUDA: Gestão e marketing esportivo.....	128
5.3 FINAL DO SEGUNDO TEMPO	139
6 APITO FINAL: ACABA O JOGO, SEGUE A VIDA	142
REFERÊNCIAS.....	146
APÊNDICE A - ROTEIRO ENTREVISTA DUDA.....	153

APÊNDICE B- ROTEIRO DE ENTREVISTA EDUARDO LUIZELLI E ROSA LUIZELLI.....	154
APÊNDICE C - ROTEIRO DE ENTREVISTA RENATO LOPES.....	155
ANEXO A – CONVOCAÇÃO SELEÇÃO BRASILEIRA DE FUTEBOL FEMININO	156

1 PRÉ-JOGO: ASPECTOS INTRODUTÓRIOS

Quem nunca ouviu a sentença: “O Brasil é o país do futebol”? Uma expressão que percorre o mundo e consolida a ideia de que no imaginário social do povo brasileiro o futebol é considerado como um traço da identidade nacional (GOELLNER, 2005). Este esporte, que chegou ao Brasil no século XIX, tomou grandes proporções, e é hoje um dos mais praticados no país. O site Portal 2014¹ aponta 2,1 milhões de jogadores registrados e 11,2 milhões de jogadores não registrados, mas não distingue se é um número total entre homens e mulheres ou somente homens. Franzini (2005) destaca que mais de 400 mil jogadoras praticavam a modalidade de acordo com a Confederação Brasileira de Futebol (CBF) no período de seu estudo. Dez anos depois, Kessler (2015) evidencia a soma de mais de 6 mil registros de jogadoras em outubro de 2014 no Registro Geral de Atletas da CBF, sendo 181 jogadoras representando clubes do Rio Grande do Sul. A Federação Internacional de Futebol (FIFA) por sua vez, diz que no ano de 2016 já são mais 24 milhões de mulheres jogando futebol no mundo e prevê para 2019, ano de Copa do Mundo, o envolvimento de 45 milhões de mulheres e crianças com a modalidade².

Conforme Franco Júnior (2007, p. 196), “A cultura do futebol está entranhada na cultura nacional”. É uma modalidade de tão fácil acesso que basta uma bola e poucas pessoas para que possa ser praticada. Mas quando pensamos em futebol, nos vem automaticamente à cabeça o seguinte formato: o futebol jogado por homens. Esta maneira predominante de pensar o futebol desde cedo me causou desconforto, pois o esporte que mais tenho apreço e paixão é demasiadamente ligado aos homens, colocando de lado outras formas de jogar, incluindo aquele jogado por mulheres. A partir desta ideia surgiu o interesse que motivou este projeto.

O futebol sempre fez parte de minha vida, iniciei jogando com amigos na rua, como a maior parte de meninas e meninos da minha idade, até que um dia minha mãe percebeu a possibilidade de desenvolver minhas habilidades em uma escolinha de futebol. Como naquela época já havia definido o meu clube do coração, a primeira opção de minha mãe foi no Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense. No ano de

¹ Site promocional referente à Copa do Mundo de 2014 no Brasil. Acesso em: 30 set. 2015.

² Fala da Gerente de Desenvolvimento de Futebol Feminino da FIFA, Mayi Cruz Blanco em reportagem para o site da FIFA do dia 13 abr. 2016. <<http://es.fifa.com/womens-football/news/y=2016/m=4/news=el-imparable-y-firme-crecimiento-del-futbol-femenino-2780881.html>>. Acesso em: 15 abr. 2016.

2000 iniciei minha trajetória como jogadora de futebol, em um campo de areia com cerca de 20 metros quadrados, cercado por paredões, carinhosamente apelidado de “careção”, que virava um estacionamento nos dias de jogo da equipe profissional de homens do clube. No ano seguinte ao meu ingresso, o Departamento de Futebol Feminino do Grêmio foi extinto. A única opção para seguir praticando sistematicamente a atividade que tanto gostava era migrar para o clube rival, o que aconteceu no ano de 2001 ao matricular-me na escolinha de futebol feminino do Sport Club Internacional. A partir desse momento, comecei a ter contato direto com jogadoras que faziam do futebol não só seu esporte, mas também sua profissão. Infelizmente no ano de 2004 o Departamento de Futebol Feminino do Internacional também foi fechado, fato que acarretou em uma pequena interrupção nas minhas atividades dentro deste esporte, direcionando meu investimento para os estudos e para minha inserção no mercado profissional.

O futebol, além de me proporcionar diversas experiências, promoveu o gosto por esportes em geral, o que me motivou a escolher a Educação Física como profissão. Assim, no ano de 2008 ingressei no curso de Bacharelado em Educação Física, na Universidade Federal do Rio Grande do Sul. No decorrer das disciplinas do curso absorvi informações sobre a parte pedagógica, social e cultural deste esporte, que me fizeram refletir sobre o assunto para muito além de minha prática. Na UFRGS, integro a equipe de futsal desde 2008, na qual tive o prazer de disputar campeonatos universitários, tanto a nível regional, quanto nacional.

Nesta minha breve trajetória como jogadora de futebol e futsal pude perceber que meus sonhos e objetivos não dependiam somente de mim. Percebi que teria que lutar contra uma construção social enraizada segundo a qual o “futebol é coisa para homem” ou, como citado por Franzini (2005, p. 316), o “futebol é coisa para macho”. Exemplo deste imperativo, vivido por mim, foi a ocasião em que as escolinhas de futebol para meninas, tanto do Grêmio, quanto do Internacional, dois clubes de expressão no cenário gaúcho, foram fechadas, enquanto que as escolinhas de futebol para meninos permaneceram em andamento sem sofrer interrupção nas suas atividades.

A partir desta percepção, me vi engajada em desenvolver ações direcionadas para a visibilidade ao futebol praticado por mulheres, o que me fez ingressar no GRECCO (Grupo de Estudos sobre Esporte, Cultura e História), que desenvolve pesquisas e trabalhos que privilegiam temáticas sobre as relações de gênero, as

representações na mídia, a memória dos sujeitos, entre outros assuntos referentes ao campo das ciências humanas e sua interface com a Educação Física e os esportes. Dentre as atividades desenvolvidas pelo GRECCO tem destaque o Programa Futebol e Mulheres, ação que acontece junto ao Centro de Memória do Esporte, que busca evidenciar a presença das mulheres nesta modalidade, criando registros e promovendo ações que visibilizem o futebol como um espaço de empoderamento das mesmas, projeto no qual me encontro muito engajada.

Ainda como aluna de graduação da ESEF, iniciei um trabalho como estagiária na “Escolinha da Duda”, ministrando aulas de futebol para meninos e meninas de idade escolar. Eduarda Marranghello Luizelli, ou Duda, como é conhecida, é uma referência quando se fala em futebol e mulheres no Rio Grande do Sul. Foi jogadora do time profissional do S.C. Internacional por mais de 10 anos. Iniciou jogando futebol aos 12 anos de idade, por incentivo de sua família e inspirada em seu ídolo Valdomiro³, que na época era um dos craques da equipe do Internacional. Após jogar alguns anos no clube e na Seleção Gaúcha de Futebol, Duda recebeu um convite para atuar na equipe do Milan⁴, da Itália, no ano de 1994. Depois de atuar uma temporada no Milan, transferiu-se para o Verona⁵, no qual ficou mais uma temporada. Durante este período na Itália, Duda teve sua primeira convocação para a Seleção Brasileira, na qual conquistou o título de campeã Sul-Americana, no ano de 1995. No ano seguinte, em 1996, optou por voltar ao Brasil com a decisão de iniciar uma escolinha de futebol exclusiva para meninas dentro do Sport Club Internacional, desejo que concretizou mantendo esta escolinha por nove anos dentro do Parque Gigante⁶.

Após o encerramento das atividades no clube colorado, Duda decidiu fundar uma escola de futebol que leva seu nome e que existe até hoje, sendo considerada uma das maiores escolas de futebol do estado. A Escola da Duda conta com 14 sedes em Porto Alegre e região Metropolitana, e seu trabalho está direcionado para a formação de meninas e meninos no futebol e também na formação de profissionais de educação física que querem trabalhar com o esporte⁷.

³ Valdomiro Vaz Franco, foi jogador da equipe do Sport Clube Internacional durante 14 anos (1968-1982). Foi octacampeão gaúcho e tri campeão brasileiro com o clube. Participou da Copa do Mundo de 1974 com a Seleção Brasileira de Futebol.

⁴ Associazione Calcio Milan.

⁵ Hellas Verona Football Club.

⁶ Área de lazer oferecida aos sócios do Sport Club Internacional.

⁷ Ver em: <www.duda.com.br>.

Em uma época na qual o futebol de mulheres não era transmitido pelos canais televisivos, Duda foi minha primeira referência de mulher que jogava futebol. Eduarda Luizelli foi e ainda é uma das grandes fomentadoras do futebol feminino no Rio Grande do Sul, visto que conseguiu consolidar não somente sua carreira como esportista, mas também como criadora de uma escolinha de futebol, desconstruindo a ideia de que a prática e o gerenciamento deste esporte são predominantemente identificados com os homens.

Ao iniciar esta pesquisa percebi que sobre o futebol jogado por homens existe vasto material publicado em revistas acadêmicas, livros e capítulos de livros, tema que é tratado a partir de diversos enfoques. E em contraponto, sobre o futebol de mulheres pouco se produz, registra e publica. Um levantamento feito pela equipe do Centro de Memória do Esporte em 19 periódicos⁸ científicos evidenciou essa defasagem acadêmica em relação às produções referentes a mulheres e futebol. Entre o período pesquisado (1990–2013), apenas 20 trabalhos (Quadro 1) abordavam a modalidade futebol nas temáticas mulher e esporte/mulher e gênero. Esse número restrito me levou a dar continuidade a esse mapeamento, e uma nova pesquisa foi realizada em conjunto com, Luiza Aguiar dos Anjos, onde utilizamos o Portal de Periódicos da Capes e as palavras-chaves: “futebol e mulheres”, “futebol feminino” e “futebol e gênero”. No período de março de 2013 à julho de 2015, identificamos mais seis trabalhos(Quadro 2).

⁸ ARTUS, Conexões, Corporis, Labrys, Motrivivência, Motriz, MotusCorporis, Movimento, Pagu, Paulista, Pensar a Prática, Perfil, Recorde, Revista Brasileira de Ciências do Esporte, Revista Brasileira de Educação Física, Revista Gênero, Revista Estudos Feministas, Revista UEM.

Quadro 1 - Trabalhos acadêmicos (1990–2013)

Título	Autores	Ano
O Futebol feminino e sua inserção na mídia: a diferença que faz uma medalha de prata.	Martins, L.T. e Moraes, L.	1992
A Mídia impressa e o “futebol de saias” do Brasil: Uma análise dos Jogos Olímpicos de Atlanta 1996.	Pacheco, A.J.P. e Cunha Júnior, C.F.F.	1997
Identidade feminina no esporte: a representação social da mulher no futebol.	Barreto, L.A.	1998
A prática do futebol feminino no ensino fundamental.	Souza Júnior, O. M. e Darido, S.C.	2001
Futebol feminino no Brasil: do seu início à prática pedagógica.	Darido, S.C.	2001
As narrativas sobre o futebol feminino: o discurso da mídia impressa em campo.	Mourão, L. e Morel, M.	2005
Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades.	Goellner, S.V.	2005
A Imprensa e o Futebol Feminino do Brasil nos Jogos Olímpicos de Atlanta 1996: Investigando Manifestações de Estereótipo e Preconceito.	Pacheco, A.J.P. e Cunha Júnior, C.F.F.	2006
A Imprensa Brasileira e o Futebol Feminino – Discurso Produzido e (Re)produzido.	Salles, J.G.C.; Silva, M.C.P. e Costa, M.M.	2006
A Representação da Mulher que Joga Futebol.	Reis, L.C.L.	2006
Resiliência: Uma Possibilidade de Adesão e Permanência na Prática do Futebol Feminino.	Borges, C.N.F.; Lopes, S.M.; Alves, C.A. e Alves, F.P.	2006
Futebol feminino de competição: Uma análise das tendências do comportamento das mulheres / atletas em competir, vencer e estabelecer metas.	Oliveira, S.R.S.; Junior H.S., Mansano, M.M. e Simões, A.C.	2006
Notas acerca do futebol feminino pelotense em 1950: um estudo genealógico.	Rigo, L.C. <i>et al.</i>	2008
Memória, futebol e mulher: anonimato, oficialização e seus reflexos na capital paraense (1980-2007).	Magalhães, S.L.F.	2008
Arbitragem feminina de futebol: a visão dos árbitros.	Silva, A.L.V. e Prof. Chaves, W.M.	2009
Competência na atuação em arbitragem de futebol de campo: questão de gênero?	Braga, P.H.A. e Amaral, V.A.	2009
O museu do futebol e uma história parcial; ou não há futebol feminino no Brasil?	Moraes, E.V.	2009
O Futebol Feminino nos Jogos Olímpicos de Pequim.	Ferretti, M.A.C.; Zuzzi, R.P.; Viana, A.E.S.; Vilha Junior, F.M.	2011
O futebol feminino no discurso televisivo.	Santos, D.S.; Medeiros, A.G.A.	2012
Uma história do futebol feminino nas páginas da revista placar entre os anos de 1980 – 1990.	Salvini, L e Marchi Júnior, W.	2013

Fonte: Autora.

Quadro 2 - Trabalhos acadêmicos (2013-2015)

Título	Autores	Ano
Preconceito no futebol feminino brasileiro: uma revisão sistemática.	Teixeira, F.L.S. e Caminha, I.O.	2013
“BOAS DE BOLA”: Um estudo sobre o ser jogadora de futebol no Esporte Clube Radar durante a década de 1980.	Almeida, C.S	2013
O Clube da Rua Mascarenhas de Moraes: Memórias do Futebol de Mulheres em Copacabana.	Almeida, C.S	2014
Sisi, a craque sem história: Fragmentos sobre o futebol feminino no Brasil (1984 – 1989).	Moraes, E.V. e Roque, Z.S.S.	2014
Migrações e deslocamentos de jogadoras de futebol: mercadoria que ninguém compra?	Pisani, M.S.	2014
Narrativas sobre o futebol feminino na imprensa paulista: entre a proibição e a regulamentação (1965-1983).	Silva, G.C.	2015

Fonte: Autora.

Em se tratando do tema específico deste projeto, ou seja, histórias de vida de jogadoras de futebol, em pesquisa nos principais bancos de dados Scielo e Portal Capes, encontrei somente dois trabalhos acadêmicos análogos, sendo eles: *“From the Cradle to Athens: The Silver-Coated Story of a Warrior in Brazilian Soccer”*, do autor Jorge Dorfman Knijnik, que narra a história da trajetória de Juliana Cabral, ex-capitã da seleção brasileira, que conquistou a medalha de prata nos Jogos Olímpicos de Pequim, em 2008. O outro estudo intitulado *“Sissi, a craque sem história: fragmentos sobre o futebol feminino no Brasil (1984-1989)”*, apresenta aspectos da carreira de Sisleide Lima do Amor, uma das maiores artilheiras de sua época e da história da Seleção Brasileira, de autoria de Enny Vieira Moraes e Zuleika Estefânia Sabino Roque.

Mais recentemente, em 2015, a integrante do GRECCO, Pamela Siqueira Joras defendeu sua dissertação de mestrado no Programa de Pós-Graduação de Ciência do Movimento Humano, intitulada *“Futebol e mulheres no Brasil: a história de vida de Aline Pellegrino”*.

Existem várias lacunas e pouca referência sobre a história do futebol de mulheres no Rio Grande do Sul, conseqüentemente, das suas luta neste esporte. A falta de conhecimento do futebol praticado por mulheres instiga-me a investigar mais sobre a sua história e a trajetória das protagonistas que ajudaram a desenvolver a modalidade.

Um exemplo da escassez das informações referentes ao futebol praticado por mulheres é a baixa visibilidade dada pela mídia à modalidade. No dia 05 de junho deste ano, por exemplo, teve início o Campeonato Gaúcho de Futebol Feminino,

com 14 equipes participantes, oriundas de diferentes regiões do estado. A competição é organizada pela Associação Gaúcha de Futebol Feminino⁹ e acontece desde 2008 concedendo uma vaga para participar da Copa do Brasil¹⁰ do ano posterior à disputa do torneio regional, ou seja, esse campeonato caracteriza-se por ser um evento de expressividade no cenário do futebol de mulheres do Rio Grande do Sul, e ainda assim, tanto seu início quanto seu seguimento, não foi noticiado pela mídia.

Outro exemplo da pouca visibilidade pode ser observado na ínfima cobertura que a mídia, inclusive esportiva, fez no Brasil sobre a Copa do Mundo de Futebol Feminino da FIFA de 2015, que ocorreu entre os dias 6 de junho e 5 de julho, no Canadá. É interessante registrar que, concomitantemente a esta competição acontecia, no Chile, a Copa América do futebol praticado pelos homens. No dia 17 de junho as duas seleções entraram em campo: as mulheres para enfrentar a Costa Rica e os homens contra a Colômbia. A seleção feminina venceu o jogo por um a zero, classificando o Brasil de forma invicta e sem sofrer gols, para as oitavas de final da Copa do Mundo. Já a seleção masculina perdeu para os colombianos pelo mesmo placar. No dia seguinte, as notícias que circulavam nos meios de comunicação davam ênfase à derrota sofrida pelos homens e colocavam as mulheres à sombra mais uma vez. No dia 18 de junho um noticiário na televisão exibiu duas reportagens do futebol dos homens, uma com 3 minutos e 9 segundos e outra com 3 minutos e 20 segundos de duração, enquanto às mulheres foi reservado um espaço de 10 segundos no mesmo telejornal¹¹.

Face ao exposto, percebo que existe um campo de estudo a ser investido na Educação Física brasileira, que se refere ao futebol de mulheres, com o objetivo de dar visibilidade a esta prática, assim como reconstruir sua história que é marcada por dificuldades, descontinuidades e pouca visibilidade.

Estes aspectos me fazem pensar na importância que Duda tem para o futebol de mulheres, tanto no estado, quanto no país, pois a sua trajetória de vida é atrelada a história do futebol no Rio Grande do Sul a partir da década de 1980. Diante destes fatos, justifico a minha escolha por este tema de estudo, por considerar significativo

⁹ <<http://www.agff.info/>>

¹⁰ Competição patrocinada e organizada pela Confederação Brasileira de futebol que acontece anualmente desde 2007. São 32 equipes participantes à cada edição e conta com aproximadamente 770 atletas inscritas (PISANI, 2014).

¹¹ Site em que as matérias referidas se encontram: <<http://g1.globo.com/jornal-nacional/edicoes/2015/06/18.html>>

analisar a trajetória desta mulher, que conseguiu se estabelecer dentro do futebol (tanto no cenário regional, quanto nacional), um ambiente predominantemente dominado pelos homens.

Por tanto, o objetivo geral desta dissertação é analisar a trajetória esportiva de Eduarda Marranghello Luizelli (Duda), relacionando-a com a história do futebol de mulheres no Rio Grande do Sul a partir da década de 1980, construindo uma narrativa sobre sua trajetória esportiva, como jogadora de futebol e como formadora de atletas.

Para atingir tal intento me proponho a descrever sua trajetória como atleta e como gestora assim como identificar os principais desafios que enfrentou para se consolidar como uma referência no futebol.

Considerando esses objetivos, elejo a seguinte questão orientadora deste estudo: ***Como Eduarda Luizelli construiu sua carreira no futebol de mulheres, tanto como jogadora, quanto como dirigente de uma escolinha esportiva?***

Visando atingir o objetivo desta dissertação e responder sua questão norteadora, fundamento este estudo em marcos teóricos relacionados a participação das mulheres no esporte, mais especificamente no futebol, considerando ainda as narrativas biográficas, que compõem o capítulo 2 desse trabalho intitulado *Preleção: conhecendo o passado para definir a tática*. A pesquisa, portanto, tem um viés qualitativo com fundamentação teórica e metodológica, baseada na História Oral, tendo como foco a História de vida, presentes no capítulo 3 intitulado *As regras do jogo*. O diálogo com as fontes deu origem aos dois capítulos de análise do trabalho.

No capítulo 4, o primeiro capítulo analítico, discorro sobre a trajetória esportiva de Duda como jogadora de futebol. Intitulado *Primeiro Tempo: Duda jogadora*, está dividido em seis seções.

Na seção 4.1 intitulada *Rola a bola Valdomiro: o início esportivo de Duda* disserto sobre como ocorreu sua aproximação ao futebol através das práticas nas praças e na escola, destacando uma figura marcante nessa trajetória: Valdomiro ponta-esquerda que atuava na equipe do Sport Clube Internacional.

Na seção 4.2 nomeada *Década de 1980: a expansão do futebol de mulheres – primeira geração*, trato sobre a primeira passagem de Duda no Sport Club Internacional, suas expectativas e seu ingresso oficial no futebol de mulheres.

A seção 4.3 intitulada *Cartão amarelo para as descontinuidades do futebol de mulheres* diz respeito as interrupções que permeiam esta modalidade no Rio Grande

do Sul no final da década de 1980 e início da década de 1990 caracterizando os espaço em que atuou. Para melhor entendimento separei nas sub-seções 4.3.1 *S.E.R. Bruxas: futsal, um aliado em tempos de pausa* onde descrevo como as atletas se movimentaram para permanecer em atividade enquanto a Federação Gaúcha de Futebol não organizava campeonatos em prol da modalidade; 4.3.2 *Seleção Gaúcha* onde discorro também sobre a composição deste coletivo na década de 1990 e as competições que participou representando o estado do Rio Grande do Sul e 4.3.3 *CIAO Italia: uma brasileira nel calcio italiano* onde finalizo abordando a ida de Duda para a Itália e a migração de jogadoras de futebol para o exterior do país.

Na seção 4.4 intitulada *Seleção Brasileira: sonhos e frustrações vestindo a camiseta canarinho* é composta sobre questões que permeiam a passagem de Duda pela seleção brasileira.

Na seção 4.5, nomeada *Sport Club Internacional: consagração e reconhecimento – segunda geração*, abordo a trajetória da atleta na sua segunda passagem pela equipe colorada. A história em prol do futebol de mulheres trilhada por Duda e suas companheiras de equipe que surgiram também como protagonistas da modalidade. Os momentos memoráveis, os obstáculos, e as dificuldades vividas pela atleta são trazidos à tona nessa seção.

A última seção intitulada *Final do Primeiro Tempo*, diz respeito ao encerramento da carreira de Duda como jogadora de futebol e o que levou a atleta a finalizar seu ciclo como atleta. Discute também os aspectos que influenciaram no encerramento das atividades do Sport Clube Internacional.

No capítulo 5, segundo capítulo de análise, discorro sobre a trajetória esportiva de Duda como dirigente esportiva e dona de uma rede de escolinhas de futebol. Intitulado *Segundo Tempo: Duda dirigente* está dividido em três seções.

Na seção 5.1 intitulada *Escolinha de Futebol Feminino do Sport Club Internacional*, abordo aspectos de como se deu o início da escolinha nas dependências do Parque Gigante, assim como, as primeiras ações de Duda na formação de jogadoras de futebol

Na seção 5.2 intitulada *Escola da Duda: Gestão e Marketing esportivo*, diz respeito a consolidação da trajetória de Duda como dirigente e sobre a difusão e crescimento da marca.

E por fim, a seção intitulada *Final do segundo* tempo faz um fechamento da análise de Duda como gestora, sua representatividade perante o futebol de mulheres no Rio Grande do Sul e sua permanência como uma das referências da modalidade no estado.

Figura 1- Duda em partida do Campeonato Gaúcho de 1997.



Fonte: Acervo pessoal de Duda.

2 PRELEÇÃO: CONHECENDO O PASSADO PARA DEFINIR A TÁTICA

2.1 MULHERES E ESPORTE: O PONTAPÉ INICIAL NA LUTA PELA PRÁTICA

As mulheres tiveram e, em algumas áreas, ainda têm muita dificuldade de inserir-se no meio esportivo, apesar de estarem presentes desde os primórdios deste universo, tanto como espectadoras quanto praticantes. O esporte, durante muito tempo foi uma área de exclusividade dos homens e restrita às mulheres. Tomou grandes proporções no início no século XX com o início dos Jogos Olímpicos Modernos, idealizados pelo francês Pierre de Coubertin, que, inclusive, era avesso à participação das “damas” no esporte, proibindo sua participação na primeira edição dos Jogos, em 1896, voltando atrás na segunda edição em 1900, ainda assim, limitando o envolvimento das mulheres em apenas duas modalidades: golfe e tênis (PHILOMENA, 2010). E este ato é considerado um marco na inserção das mulheres no esporte de competição em um evento de grande abrangência e na desconstrução de papéis atribuídos a elas na época, pois os padrões sociais e culturais decretavam que a mulher não era somente incapaz de praticar uma atividade dita “extenuante”, mas que a participação feminina nessas atividades era além de pecaminosa, degradante (KLAFS; LYON, 1981).

Como se fosse um campo de batalha e considerado um espaço particular, o meio esportivo foi ao longo dos anos um lugar onde os homens resgatavam e afluavam sua masculinidade. Segundo Darido (2002, p. 44), o esporte foi “constituído como meio de expressão da masculinidade”, no qual o vigor físico, o suor em excesso, os músculos à mostra e as emoções à flor da pele eram características obrigatoriamente presentes, demonstradas e exploradas pelos seus praticantes e, conseqüentemente, não condizentes com os padrões de feminilidade impostos no início do século XX, principalmente em se tratando de mulheres de classe alta. De acordo com Goellner (2005, p. 145), na transição do século XIX para o XX “o temor à desmoralização feminina frente à exibição e espetacularização do corpo se traduzia num fantasma a rondar as famílias, em especial, as da elite”, ainda que nesse período o esporte tivesse sido identificado como um símbolo de modernidade, já eram identificadas mulheres competindo, sobretudo, nas elites (GOELLNER, 2012).

A busca pela legitimação das mulheres na prática esportiva acontece concomitantemente à sua inserção na esfera pública. O desafio e a curiosidade em torno do esporte provocou a ampliação da participação das mulheres em sua prática, mesmo que isso fugisse às convenções normativas, morais e sociais daquela época, qual seja o final do século XIX. O aumento de participantes mulheres em atividades esportivas possibilitou também o surgimento de algumas competições destinadas exclusivamente ao público feminino (MOURÃO; MOREL, 2005).

O furor provocado pelas mulheres no meio esportivo, e principalmente o “incômodo” gerado por elas ao praticarem alguns esportes, trouxe consigo algumas interdições que deixaram marcas sentidas até os dias de hoje. Os discursos acerca da participação de mulheres nos esportes, em grande parte, estavam direcionados para o que era representado como uma suposta masculinização de seus corpos que, uma vez fortalecidos pela atividade física, apresentavam traços que pareciam se afastar do ideal projetado para a maternidade, a feminilidade e a beleza.

Tamanha foi a resistência referente à participação das mulheres no esporte, que no ano de 1941 foi promulgado pelo Conselho Nacional de desportos, o Decreto-Lei 3.199 oficializando a interdição das mulheres à prática de algumas modalidades esportivas. Este documento afirmava que “[...] Às mulheres não se permitirá a prática dos esportes incompatíveis com as condições de sua natureza, devendo para este feito, o Conselho Nacional dos Desportos (CND) baixar as necessárias instruções às entidades esportivas do país [...]” (MOURÃO E MOREL, 2005, p. 77). Lutas, boxe, salto com vara, salto triplo, decatlo e pentatlo estavam entre as modalidades interditadas. Já outras estavam “liberadas” e eram até mesmo “recomendadas”, desde que “praticadas moderadamente”, sendo elas: tênis, voleibol, críquete, natação e ciclismo (FRANZINI, 2005, p. 322). No ano de 1965 o Conselho Nacional de Desportos aprovou a Deliberação N. 7, que proibiu às mulheres a prática de lutas de qualquer natureza, futebol, futebol de salão, futebol de praia, pólo aquático, “*rugby*”, halterofilismo e “*baseball*” (GOELLNER, 2005, p. 145).

Apesar da repressão exercida pela sociedade e seus governantes, as mulheres nunca deixaram de praticar esportes, dando força no decorrer dos anos a um movimento de inserção destas no meio esportivo, sendo que somente em 1979 o CND revogou a deliberação que reprimia a sua prática daquelas modalidades que foram consideradas inadequadas ao seu sexo.

Desde então as mulheres puderam se apropriar, com menos restrições dos esportes representados como predominantemente masculinos. A partir da década de 1980 a inserção das mulheres em esportes considerados violentos aumentou em relação à décadas anteriores (MOURÃO; MOREL, 2005). Segundo Knijnik e Vasconcellos (2003, p. 2),

as mulheres competem em quase todos os níveis e modalidades esportivos, o que não quer dizer que a sua participação ativa neste contexto não continue sendo motivos de questionamentos, nem que ela seja plena e pacificamente aceita no ambiente dos esportes.

Um estudo realizado por Goellner (2012) indica que os Jogos Olímpicos de Londres 2012, além de ser o primeiro no qual todos os países participantes tinham mulheres em suas delegações, foi ainda o que teve o maior número de participantes mulheres ao longo da história deste megaevento esportivo. Em Londres a participação das mulheres totalizou 44% nos Jogos Olímpicos e 35,4% nos Jogos Paraolímpicos. A delegação brasileira foi representada por 47,47% de mulheres nos Jogos Olímpicos e 37,57% nos Jogos Paraolímpicos. Estes dados reforçam a contestação do aumento da participação das mulheres no meio esportivo, ainda assim Mourão e Morel (2005, p. 80) alertam:

Apesar da sempre crescente presença feminina na vida esportiva do país, a situação atual das mulheres deve ser avaliada com cautela. Mesmo que sua participação como esportistas seja significativa, ainda é consideravelmente menor que a dos homens.

Ou seja, a equidade de gênero no esporte ainda deve ser buscada, pois se comparadas aos homens, as mulheres seguem tendo oportunidades desiguais com relação a patrocínios, incentivos, premiações, salários e estrutura em geral (GOELLNER, 2012).

Discutir sobre estas questões que permeiam as mulheres no esporte permite refletir sobre o contexto no qual estas esportistas se encontram e o quanto das dificuldades que existem hoje são também reflexos de acontecimentos do passado.

2.2 A TRAJETÓRIA DAS MULHERES NO FUTEBOL BRASILEIRO: DE PIONEIRAS A PROTAGONISTAS

Neste capítulo apresentarei alguns fragmentos da história do futebol jogado por mulheres no Brasil, considerando que “um dos aspectos menos conhecidos da história do futebol no Brasil diz respeito à inserção da mulher nesse universo eminentemente masculino”. (FRANZINI, 2005, p. 315).

Segundo Joan Scott (1995), os papéis atribuídos às mulheres e aos homens resultam de uma construção social, justificados biologicamente a partir da diferença entre os sexos. Com base nisso são criadas representações de feminilidades e masculinidades: de que a mulher seja graciosa, bela e maternal, e de que os homens sejam fortes, musculosos e corajosos. O rompimento destas barreiras normativas é considerado como algo transgressor, o que pode ser entendido como uma explicação para tanta resistência em relação à prática de futebol por parte das mulheres (GOELLNER, 2005).

O pouco espaço dado ao futebol feminino no Brasil se faz ver nas raras referências encontradas sobre sua prática, especialmente no início do século passado. Alguns registros são recorrentes como, por exemplo, a realização, em 1921, de um jogo entre as senhoritas Tremembenses e as senhoritas Cantarinenses dos bairros Tremembé e Cantareira, na cidade de São Paulo (GOELLNER, 2005) e esparsas informações publicadas na revista Educação Física de 1940 que informava sobre uma partida entre senhoras que acontecia na cidade do Rio de Janeiro (FRANZINI, 2005).

Um estudo feito por Mourão e Morel (2005), analisou as narrativas da mídia impressa sobre a trajetória do futebol feminino em seis jornais e uma revista entre as décadas de 1930 e 1990 e as autoras perceberam uma escassez de publicações entre as décadas de 1930 e 1940, assim como uma insuficiência de fontes entre as décadas de 1950 e 1960 (período de interdição do futebol feminino pelas leis da época). Já a partir da década de 1970 (após a liberação), os jornais e as revistas abordavam com mais sistematicidade a presença das mulheres praticando futebol.

Silva (2015) realizou um estudo que retrata os discursos da imprensa paulista durante o período da proibição até a revogação da lei que impedia a prática do futebol pelas mulheres entre os anos de 1965 e 1979, concluindo que os discursos e as justificativas que pairavam tal interdição se modificavam, mas seguiam

sustentadas pelo mesmo alicerce: o ideal hegemônico do *ser mulher*. A autora identificou ainda que “o que era comum aos discursos veiculados sobre a prática do futebol pelas mulheres era a desqualificação delas como mulheres ou de sua atividade como esportiva” (SILVA, 2015, p. 115), afirmando o espaço esportivo e a prática do futebol como predominantemente masculinos e incompatíveis com o corpo da mulher. Além disto, alerta que apesar da proibição e do silenciamento entorno da modalidade não houve ausência total por parte das mulheres na prática do futebol, ainda que, quando ligado às mesmas, era caracterizado como mero entretenimento, ato de caridade ou festividade, sendo estas as maneira mais recorrente de se praticar o futebol durante o período de interdição legal.

Vale ressaltar que, embora tenha havido a proibição para as mulheres da prática de determinadas modalidades esportivas pelo Decreto-Lei 3.199, conforme mencionado anteriormente, bem como a ausência de espaço nos meios de comunicação, há registros que mostram que elas não abandonaram os esportes e, especificamente, o futebol. A exposição “Visibilidade para o Futebol Feminino”¹², ocorrida no Museu do Futebol¹³, em São Paulo, foi inaugurada no dia 19 de maio de 2015 e ficou aberta ao público até o mês de abril de 2016 e a organização teve como base acervos de clubes e atletas. Um fato apresentado nesta exposição e já com certo conhecimento na mídia evidencia uma das equipes pioneiras do futebol de mulheres no Brasil: o Araguari Atlético Clube¹⁴, que em 1958 fazia seu jogo de estreia nos campos de Minas Gerais, em meio a proibição. Este é um exemplo de que apesar de “desaconselhadas” a jogar este esporte, algumas mulheres transgrediram a lei e permaneceram como clandestinas em prol desta prática.

Foram praticamente 40 anos de interdição oficial da modalidade no país, razão pela qual somente a partir da década de 1980 o futebol de mulheres começa a ganhar mais relevância em função da revogação do Decreto-lei. A partir deste momento surgem várias equipes em diferentes regiões do país, assim como ligas e campeonatos. Segundo Darido (2002) no final da década de 1980 a Confederação

¹² A exposição foi realizada por meio de uma parceria do Museu do Futebol com o Centro de Memória do Esporte (ESEF/UFRGS) e contou com a curadoria da professora Silvana Goellner.

¹³ O Museu do Futebol está situado no Estádio Municipal do Pacaembu na cidade de São Paulo.

¹⁴ O Araguari Atlético Clube é conhecido como o primeiro clube brasileiro a formar uma equipe de mulheres. A criação surgiu com um convite para uma partida beneficente entre os clubes Araguari e Fluminense Futebol Clube, de Minas Gerais, no dia 19 de dezembro de 1958. A partir deste jogo, amistosos foram promovidos contra outras equipes de mulheres com o intuito de profissionalizar a modalidade. Este movimento chamou a atenção de religiosos e do Conselho Nacional de Desportos que encerrou as atividades do clube no ano de 1959.

Brasileira de Futebol (CBF) já havia cadastrado 2 mil clubes e 40 mil jogadoras em todo país.

Um dos mais expressivos clubes desta época surgiu no Rio de Janeiro, em 1981, e tinha o nome de Esporte Clube Radar. Fundado por Eurico Lyra Filho, um dos maiores fomentadores do futebol feminino no Brasil daquele período, o Radar desfrutou de uma hegemonia na década de 1980, visto que foi o time com mais conquistas no Campeonato Carioca e na Taça Brasil no período de sua existência.

Em 1986 o Radar se tornou tricampeão brasileiro vencendo a III Taça Brasil de Futebol Feminino realizada no Rio de Janeiro. Um ano antes, em 1985, já era tricampeão carioca, vencendo o campeonato de forma invicta (ALMEIDA, 2014). Tamanha era sua expressividade nos gramados brasileiros que foi convidado a participar de torneios fora do Brasil, como, por exemplo, o Women's Cup of Spain no ano de 1982 (DARIDO, 2002). O Radar foi um clube que revelou grandes jogadoras e representou o Brasil em algumas competições internacionais, sendo a base da Seleção Brasileira de Futebol Feminino que disputou o primeiro Campeonato Mundial organizado pela FIFA em 1988 na China (ALMEIDA, 2014).

Enquanto o final da década de 1980 marcava a decadência do Radar, outra grande equipe de futebol de mulheres surgia no Brasil. O Saad Esporte Clube abriu as portas do departamento para futebol de mulheres em 1985 e colecionou diversos títulos nacionais e internacionais no decorrer da década de 1990. Por meio de um convênio com a National American University (NAU) de Dakota do Sul, participou da liga profissional feminina dos Estados Unidos. A equipe foi campeã do Troféu Brasil em 1989, hexacampeã da Copa São Paulo (1990-1995), campeã do Campeonato Brasileiro de 1996 entre outras conquistas com a equipe adulta e com as categorias de base. No período de sua existência muitas atletas do clube foram convocadas para defender a Seleção Brasileira de Futebol, entre elas, Juliana Cabral¹⁵, Emily Lima¹⁶, Kátia Cilene¹⁷, Maravilha¹⁸ e muitas outras.

¹⁵ Capitã da seleção brasileira de 2001 a 2004. Bicampeã Sul americana (1998 e 2003). Medalha de prata nos Jogos Olímpicos de Atenas em 2004 e medalha de ouro nos Jogos Pan-Americanos de Santo Domingo em 2003.

¹⁶ Atual técnica do São José Esporte Clube, ex-técnica da seleção brasileira sub-15 e sub-17.

¹⁷ Medalha de ouro nos Jogos Pan-Americanos de Santo Domingo em 2003. Participou dos Jogos Olímpicos de Atlanta em 1996. Artilheira dos Jogos Mundiais Militares em 2011.

¹⁸ Marlisa Wahlbrink conquistou o terceiro lugar da Copa do Mundo de Futebol Feminino nos EUA em 1999. Participou dos Jogos Olímpicos de Sydney em 2000 e conquistou a medalha de prata nos Jogos Olímpicos de Atenas em 2004.

Ao longo da década de 1980 houve uma rápida expansão do futebol de mulheres pelo mundo, tanto que em 1991 a FIFA organizou a primeira edição da Copa do Mundo de Futebol Feminino, sediada na China, tendo as americanas como primeiras campeãs. Em 1996 o futebol feminino aparece pela primeira vez no calendário oficial dos Jogos Olímpicos, em Atenas, e o Brasil se consagra como a 4ª melhor equipe da competição, apesar de todos os tropeços, dificuldades e faltas de incentivos vividos para participarem da competição como, por exemplo, a insipiente estrutura da modalidade (GOELLNER; SILVA; GOMES, 2013).

A Taça Brasil de Futebol Feminino, iniciada no ano 1983, teve sua última edição em 1989. Depois, surgiram outras competições, uma delas o Campeonato Brasileiro de Futebol Feminino que aconteceu anualmente de 1994 a 2001. A Copa do Brasil de Futebol Feminino foi criada em 2007 e acontece até os dias de hoje, da qual participam 32 equipes de todos os estados do Brasil (PISANI, 2012). O Campeonato Brasileiro de Futebol Feminino foi retomado em 2013 após doze anos sem edições. A competição foi reavivada pelo Ministério do Esporte e teve o financiamento da Caixa Econômica Federal sendo que participam as 20 melhores equipes do país. Em 2013 a equipe da Associação Desportiva Centro Olímpico (SP), sagrou-se campeã; já em 2014 a competição foi conquistada pela equipe da Associação Ferroviária de Esportes de Araraquara (SP); em 2015 as campeãs foram as meninas do Rio Preto Esporte Clube (SP); e finalmente em 2016 a escrete do Clube de Regatas Flamengo (RJ), levantou a taça do Brasileirão.

Em 2001, com a intenção de estimular a modalidade e torná-la mais visível, houve uma tentativa de reorganização do Campeonato Paulista de Futebol Feminino, uma iniciativa da Federação Paulista de Futebol, quando lançou, na década de 1990, a “Paulistana”. Os organizadores do evento realizaram uma peneira para selecionar as atletas que participariam desta competição, que utilizaria como forma de avaliação não somente as habilidades técnicas e físicas, mas também critérios estéticos. A estratégia de *marketing* tinha o embelezamento das atletas como ponto chave para desenvolver a modalidade (SOUZA JÚNIOR, 2013). A proposta foi mal sucedida, pois limitava a participação das atletas segundo critérios de beleza e de idade, sendo pré-requisitos para participação no campeonato que as meninas respeitassem algumas condições, tais como não raspar os cabelos e mantê-los compridos e ainda que tivessem menos de 23 anos de idade (KNIJNIK; VASCONCELLOS, 2003). Tal iniciativa segundo Franzini (2005)

demonstra o presente machismo em nossa cultura. Com o pretexto de que enaltecer a beleza e a sensualidade da jogadora chamaria a atenção da mídia, os organizadores do evento corroboram com a ideia de que a feminilidade da mulher precisa ser mostrada, ainda mais quando se trata de modalidades esportivas ditas predominantemente como masculinizadoras. A erotização de seus corpos se torna presente na grande maioria dos meios midiáticos de modo a evitar questionamentos referentes à feminilidade das atletas (GOELLNER; SILVA; GOMES, 2013), e segundo Souza Júnior (2013, p. 138), quando se refere ao futebol, a sensualidade da mulher acaba por se tornar uma “*moeda de troca*” para alavancar a modalidade.

Abordar aspectos relacionados às competições de futebol de mulheres depois da sua liberação justifica-se porque foi neste contexto que Duda se inseriu no cenário nacional. Como jogadora de futebol participou da Taça Brasil de 1986 pela equipe do Sport Clube Internacional e disputou a final da competição contra a equipe do Radar. Foi artilheira de uma edição do Campeonato Brasileiro que aconteceu em Ubá, Minas Gerais, no qual o Internacional ficou em terceiro lugar. Tais informações serão desenvolvidas com maior ênfase nos capítulos posteriores deste trabalho, nos quais abordo aspectos relacionados às competições disputadas por Duda.

Considerando as lacunas referentes aos registros sobre a participação das mulheres no futebol, entendo como necessário uma pesquisa como esta, visto que poderá, de alguma forma, contribuir para visibilizar a presença das mulheres na história do futebol gaúcho.

2.3 MULHERES E FUTEBOL NO RIO GRANDE DO SUL: PRIMEIROS APONTAMENTOS

Dos poucos registros encontrados sobre os primórdios da inserção das mulheres no futebol gaúcho há o estudo desenvolvido por Rigo *et al.* (2008), no qual analisa alguns jogos no Estado datados do ano de 1950 na cidade de Pelotas, quando houve a organização de duas equipes, a Vila Hilda F.C. e o Corinthians F.C. Além de treinos e jogos, estas equipes fizeram excursões para outras cidades do estado jogando entre si e contra equipes das cidades visitadas. O futebol de mulheres estava em ascensão na região, conquistou o carinho do público e o interesse da imprensa local, além de aumentar o número de equipes participantes em todo o estado. Porém, esse prestígio conquistado pelas jogadoras pelotenses

atraiu os olhares do Conselho Nacional de Desportos, que colocou em prática o Decreto-Lei que proibia a prática de futebol pelas mulheres. Mesmo assim, é importante salientar o interesse das mulheres pela modalidade, fazendo com que ignorassem a normativa da época a fim de experimentar e buscar formas de praticar este esporte (RIGO *et al*, 2008).

Assim como no contexto nacional, no Rio Grande do Sul há uma lacuna de informações sobre o futebol praticado por mulheres entre 1950 e 1980, o que não quer dizer que tenha se extinguido, mas os acontecimentos que permearam a modalidade desta época em nosso estado são pouco conhecidos e quase nada registrados.

Um estudo de Kessler (2010) aponta que o futebol de mulheres surgiu na cidade de Santa Maria na década de 1980 e que o primeiro campeonato disputado na cidade (Copa Pepsi), contava com a participação de 20 equipes.

Em 1983, por intermédio da Federação Gaúcha de Futebol (FGF), o futebol de mulheres ganhou força com a formação das equipes do Grêmio e Internacional dando sustentação a algumas iniciativas nessa direção. Os dois clubes rivais da capital gaúcha criaram um Departamento de Futebol Feminino conferindo um apoio estrutural para o início da modalidade tal como a destinação de espaços para sua prática, de materiais esportivos, de uniformes de treino e de jogo, assim como de uma equipe especializada (comissão técnica) para trabalhar junto às equipes de mulheres (TEIXEIRA JÚNIOR, 2006). Na década de 1990, mais propriamente nos anos de 1993 e 1994, uma Seleção Gaúcha foi constituída (KESSLER,2010). Esta formação visava a disputa de um torneio entre seleções de todo país que representariam os seus estados.

Com o passar do tempo, novas equipes foram surgindo sendo que no ano de 2002 nove equipes disputaram o Campeonato Gaúcho de Futebol: E.C. Juventude (Caxias do Sul), E. C. Pelotas (Pelotas), CMD/Ingool (Canela), A. São Chico (São Francisco de Paula), A. A. Montanha (Lajeado), E.C. Dullius (Venâncio Aires) e Bonsucesso F.C (Rio Pardo), além da dupla Grenal de Porto Alegre (TEIXEIRA JÚNIOR, 2006).

Eduarda Luizelli, que inicia sua carreira como jogadora neste período, vai gradativamente conquistando espaço no futebol gaúcho de modo a se tornar na década de 1990, uma das principais protagonistas da modalidade. Com a criação da escolinha no S.C Internacional, Duda passa a ser referência no estado para quem

gostaria de se tornar uma jogadora de futebol, ou ainda, para quem tinha a pretensão de se profissionalizar como tal. Em 1996 participou diretamente da reabertura do Departamento de Futebol Feminino do clube e ajudou a difundir a modalidade tanto como praticante como coordenadora da escolinha que instaurou no clube nesse mesmo ano. Representando o Inter, participou de Campeonatos Gaúchos, Copa Sul, Campeonatos Brasileiros, entre outros. Ou seja, a história de Duda se entrelaça com a do futebol de mulheres jogado no Rio Grande do Sul e no Brasil, sendo assim, torna-se pertinente explorar esta história na medida em que sua carreira pessoal de certo modo representa o contexto da época. Contexto esse que foi analisado e está exposto na atual pesquisa ao mesmo tempo em que descrevo a trajetória de Duda considerando, sobretudo, as suas próprias narrativas.

3 AS REGRAS DO JOGO

Como referido no capítulo introdutório desta dissertação, encontro-me profundamente engajada em um dos projetos do Centro de Memória do Esporte (UFRGS), o Programa Futebol e Mulheres, que tem como principal missão: dar visibilidade à modalidade praticada por elas. Este programa está inserido no Projeto Garimpando Memórias¹⁹ que é fundamentado no aporte teórico-metodológico da História Oral.

Sendo assim, iniciei meu caminho como pesquisadora do Centro de Memória do Esporte realizando entrevistas com personagens que tiveram e ainda tem participação no desenvolvimento do futebol de mulheres no estado, visto que o projeto inicial de ingresso no Programa de Pós-Graduação de Ciência e Movimento Humano da UFRGS, tinha o objetivo de reconstruir a história do futebol de mulheres no Rio Grande do Sul a partir da década de 1980.

Ao decorrer dos relatos um nome surgia como grande fomentadora da modalidade: Eduarda Luizelli. Uma vez que eu tinha com Duda uma certa aproximação, em conversa com minha orientadora, Silvana Goellner, discutimos a possibilidade de tornar sua trajetória de vida tema de minha pesquisa, o que contemplaria meu desejo inicial de dissertar sobre o passado do futebol de mulheres no Rio Grande do Sul, além de trazer à luz a história de uma das protagonistas de maior destaque da modalidade. Entrei em contato com Duda para demonstrar o interesse em descrever e analisar sua trajetória esportiva no futebol, que de pronto aceitou e iniciamos ali uma jornada desafiadora.

A presente dissertação ancora-se da pesquisa qualitativa, mais especificamente na abordagem teórico-metodológica da História Oral, que será utilizada como procedimento para a produção de fontes e contará com a vertente da História de Vida como foco. Além das fontes orais (entrevistas), outras fontes documentais (reportagens de jornais, revistas, anotações pessoais, entre outros) e iconográficas (fotografias, cartazes, etc) foram utilizadas a fim reconstruir a trajetória de Eduarda Luizelli.

A apropriação destes conceitos, principalmente relacionados à História de Vida e narrativas biográficas, foi instigante visto que minha proximidade com o tema

¹⁹ Objetiva reconstruir e preservar a memória das práticas corporais e esportivas do Rio Grande do Sul (GOELLNER; JAEGER, 2007).

era iniciante. No contraponto, ao mesmo tempo em que me sentia um tanto limitada por conta desta falta de intimidade com o assunto, outro sentimento surgia ao decorrer da pesquisa: o da curiosidade. Concentro-me em discorrer sobre esse tema nas próximas seções.

3.1 BIOGRAFIAS E HISTÓRIAS DE VIDA: O GÊNERO BIOGRÁFICO EM AÇÃO

O gênero biográfico se faz presente na literatura e no campo das ciências humanas desde o século XVIII, mas vem ganhando renovado interesse nas últimas décadas, tanto no campo da pesquisa acadêmica, quanto no mercado de publicações editoriais. Visa narrar as trajetórias dos sujeitos, assim como dos grupos no qual estão inseridos, caracterizando histórias individuais e coletivas. Atualmente no campo esportivo há uma produção extensa de biografias direcionadas a personagens que conquistaram notoriedade no esporte. Nacionalmente encontram-se alguns exemplos destas publicações como: “Pelé – O Rei da Bola” (AGUIAR, 2006), “Guga, um brasileiro” (KUERTEN, 2014), “Gabriel Medina - A Trajetória do Primeiro Campeão Mundial de Surfe do Brasil” (BRANDÃO, 2015). Interessa destacar a quase inexistente biografia de mulheres atletas²⁰.

Segundo Haike Roselane Kleber Silva (2011), as primeiras décadas do século XX caracterizaram-se como os anos dourados para a biografia. Neste primeiro cenário o gênero biográfico focava de maneira única o indivíduo. Suas histórias eram embasadas nas narrativas do sujeito pesquisado, dando ênfase à sua concepção pessoal de como seria seu “eu”. (SILVA, H.R.K., 2011). Os biografados escolhidos se tratavam de membros da elite, militares, intelectuais, entre outros sujeitos ditos como representativos da época, deixando no esquecimento os “sujeitos comuns” da história. (MACEDO; GOELLNER, 2013).

A partir da década de 1970, o gênero biográfico foi retomado na pesquisa acadêmica, vinculado ao campo das Ciências Sociais com uma nova abordagem. Biografias, Histórias de Vida e Autobiografias, são algumas das várias modalidades do gênero biográfico, distintas entre si e em relação ao modo como elaboram e apresentam as trajetórias de vida, mas têm em comum o fato de serem baseadas na sequência de vida individual (PEREIRA, 2000). Esta nova abordagem biográfica,

²⁰ Em pesquisa feita nos sites de diversas livrarias e não foram encontradas publicações biográficas referente às atletas brasileiras.

denominada *método biográfico*, a partir das Ciências Sociais, buscou descentralizar o foco no indivíduo. Ou seja, para dar conta da explicação estrutural e social de um determinado grupo, seria necessário não somente um relato de uma história de vida, mas sim vários relatos de um número suficiente de histórias de vida (SILVA, H.R.K., 2011).

Na literatura, a História de Vida pode ser encontrada de algumas formas: como fonte, considerando diários, fotos, depoimentos, documentos pessoais, entre outros (MACEDO; GOELLNER, 2013); como metodologia de pesquisa (SILVA, H.R.K., 2011); ou ainda, como técnica, na construção de entrevistas (SOUZA, 1997, VÍCTORA; KNAUTH; HASSEN, 2000). Todas estas abordagens se complementam e mantêm um ponto em comum: o relato. Segundo Betti e Mizukami (1997), o relato nos permite uma aproximação do que foi, para o indivíduo, sua trajetória de vida. Por mais que não se encontrem de forma linear e simétrica, o mesmo deve ser interpretado a fim de visualizar seus pontos fortes, e segundo as autoras “principalmente quando estes (pontos) são encontrados também em outras histórias de vida[...]” (BETTI; MIZUKAMI, 1997, p. 113).

No presente estudo, trato a História de Vida como uma vertente metodológica da História Oral que, segundo Queiroz (1988), é uma metodologia de quadro amplo, e a história de vida seria um fragmento deste quadro que valoriza quem narra.

Ainda para a autora, a História de Vida traz o/a informante como representante de sua coletividade, sendo esta a parte chave a ser atingida, diferente da biografia que ressalta as particularidades marcantes do indivíduo, sem revelar traços desta coletividade (QUEIROZ, 1988). Ligia Maria Leite Pereira (2000, p. 118), expressa de forma ampla o conceito de História de Vida dizendo que “é o relato de um narrador sobre sua existência através do tempo, com a intermediação de um pesquisador. É um trabalho coletivo de um narrador-sujeito e de um intérprete”. Para Víctora, Knauth e Hassen (2000, p. 67) a história de vida “é sempre uma reconstrução, ou seja, trata-se de um informante relatando a sua história pregressa a partir de sua percepção e avaliação atual dos fatos.”

Wittizorecki *et al* (2006) expõem as delimitações conceituais de *relatos de vida* e *história de vida* expostas por Gómez, Flores e Jiménez (1996). Os autores discutem acerca de tais conceitos afirmando que:

[...] os primeiros seriam a história de uma vida tal como uma pessoa viveu e contou e, na segunda, a perspectiva de um estudo de caso sobre uma pessoa, quando, então, se busca a compreensão de seu relato de vida na interação com outras informações ou documentos (pessoais ou oficiais) que possibilitem a reconstrução da trajetória de um ou mais aspectos de sua vida[...] (GOMES; FLORES; JIMÉNEZ, 1996 *apud* WITTIZORECKI *et al.*, 2006, p. 24).

Diante disto, os aspectos referentes a esta dissertação são: a trajetória de Duda como jogadora de futebol e sua trajetória como dirigente de uma escolinha de futebol. Delimitar sua história de vida por meio destas duas dimensões de sua trajetória esportiva busca dar ênfase às relações sociais que as permeiam, assim como um melhor entendimento de sua própria história.

A escolha destes aspectos corrobora com a ideia de Souza (2007), pois não se deu através da singularidade de sua trajetória, e sim pela valorização de muitas outras biografias que emergiram durante a pesquisa, por exemplo, outras protagonistas do futebol de mulheres no Rio Grande do Sul, colegas de equipe de Duda durante sua trajetória como jogadora de futebol. Em entrevista para o Centro de Memória do Esporte, uma destas protagonistas, Tatiele Silveira, que foi atleta da escolinha e do time profissional do S.C. Internacional no período em que Duda era coordenadora e jogadora, a cita como um “ícone” e que “poder jogar junto com ela, era a realização de um primeiro sonho” (SILVEIRA, 2014, p. 9). Tatiele iniciou sua vida profissional como técnica de futebol na escolinha do Inter junto à Duda, atualmente é auxiliar técnica da Seleção Brasileira Sub-17 de Futebol Feminino.

Como citado por Macedo e Goellner (2013), a construção de outras histórias é feita através da visibilização das trajetórias de sujeitos que estão à margem dos feitos ditos oficiais e de cunho representativo, estas trajetórias, quando ganham vez, evidenciam a pluralidade dos discursos ao redor de áreas específicas. Refiro-me aqui não somente a invisibilidade da história de vida de Duda, mas também a de histórias vivenciadas por mulheres que praticaram futebol a partir da década de 1980 no Rio Grande do Sul.

Segundo Pesavento (2005, p. 16) “tudo que foi, um dia, contado de uma forma, pode vir a ser contado de outra. Tudo o que hoje aconteceu terá, no futuro, várias versões narrativas”. Desta forma, se há uma história no passado, esta poderá vir à tona por meio das narrativas, lembrando que cada sujeito poderá fazer recortes específicos, delineando, assim, a sua própria versão sobre aquilo que é narrado. É

pertinente salientar que as trajetórias, por vezes, não serão observadas de forma cronológica, podem se encontrar de modo contraditório quando confrontadas com outras versões ou até mesmo narradas de forma descontínua, mas estes pontos não comprometem a importância da narrativa, o importante é analisar o porquê das diferentes versões e os dados, posteriormente levando estas questões em consideração (VÍCTORA; KNAUTH; HASSEN, 2000).

A narrativa vai além da reconstrução de acontecimentos do passado, traz consigo uma bagagem de subjetividades: afetos, modo de ver, perceber e sentir o outro (BORGES, 2009, p. 232). Intimidades, tomadas de decisão e aspectos da vida cotidiana podem ser mais bem exploradas nas narrativas da história de vida (PEREIRA, 2000). Wittizoreckiet al (2006), se referem a narrativa como uma ferramenta na construção de um “mosaico”, que teria por finalidade “compreender os significados”, corroborando assim com a ideia da história de vida pautada no diálogo.

Por fim, investigar e (re)construir a história de vida de Duda faz-se necessário para trazer à luz, não somente uma, mas várias histórias de protagonistas do futebol de mulheres no Rio Grande do Sul que até então se encontram nas sombras.

3.2 HISTORIA ORAL: A HISTÓRIA NARRADA POR QUEM A VIVEU

As entrevistas fundamentadas no aporte teórico-metodológico da História Oral conduziram este estudo visto que segundo Alberti (2005, p. 155), “permitem o registro de testemunhos e o acesso a “história dentro da história” ampliando, dessa forma, as possibilidades de interpretação do passado”. Para a autora a História Oral é:

[...] um método de pesquisa (histórica, antropológica, sociológica, etc.) que privilegia a realização de entrevistas com pessoas que participam de, ou testemunharam acontecimentos, conjunturas, visões de mundo como forma de se aproximar do objeto de estudo [...] (ALBERTI, 1989, p. 1).

A História Oral traduz-se, portanto, em um modo de valorizar a memória como fonte de informação. No entanto, traz consigo incertezas que podem indicar diversas possibilidades da construção do passado. Para Silva, Pereira e Mazo (2014, p. 4) “a História Oral busca conhecer um determinado passado por meio dos depoimentos

de pessoas que vivenciaram esse determinado passado. E, desta forma, irá recorrer às memórias dessas pessoas (entrevistados) para buscar diferentes representações”.

Assim, a pessoa que conduz a pesquisa deve estar consciente das possíveis distorções que o uso da fonte oral pode provocar e, ao mesmo tempo, deve também tentar lidar com a subjetividade como uma possibilidade de reflexão, questionando a fonte para reconstruir uma versão da história. Segundo Alberti (2010, p. 163) “hoje já é generalizada a concepção de que fontes escritas também podem ser subjetivas e de que a própria subjetividade pode se constituir em objeto do pensamento crítico”. A pessoa entrevistada pode não tratar dos fatos em ordem linear e cronológica, e isto também deve ser levado em consideração, pois é relevante saber as razões pelas quais o sujeito deu mais importância a um fato e não a outro.

A presente pesquisa utiliza-se da História Oral para (re)construir fragmentos de uma história de vida, tendo em vista que descreve a trajetória de vida de um sujeito, que segundo Gonçalves e Lisboa (2007 p. 09) “podem ser consideradas como partes de uma história de vida, um determinado percurso, itinerário ou ciclo que vai ao encontro do interesse do profissional ou pesquisador”. No caso de Duda, como dito anteriormente, a pesquisa é centrada em dois pilares de sua história de vida que foram construídos a partir de sua narrativa. Esta narrativa foi produzida por meio de entrevistas realizadas com a atleta e com outras pessoas que estiveram presentes, de diferentes modos, na história da vida esportiva de Duda.

A história de vida reconstrói as experiências do indivíduo, assim como desvela seus mitos, crenças e tradições. Esta técnica, traça com o/a informante uma biografia que descreve sua trajetória até o momento atual, o que permite um melhor entendimento da sua própria história, do mesmo modo que busca compreender o desenvolvimento de sua vida (VÍCTORA; KNAUTH; HASSEN, 2000). Para Ligia Maria Leite Pereira (2000, p. 119) “a história de vida permite explorar melhor certos elementos que, em geral, são lacunares nos textos autobiográficos e biografias: aspectos da intimidade, processos de tomada de decisões, vida cotidiana, etc..”.

Para Gonçalves e Lisboa (2007, p. 86):

O método da história oral, em suas vertentes histórias de vida, narrativas, trajetórias de vida, requer o uso de fundamentos epistemológicos, isto é, o pesquisador deve orientar-se através de pressupostos que delimitam o entendimento sobre o uso dos procedimentos metodológicos em questão, que por sua vez definirão o caráter de investigação social.

Ou seja, o diálogo entre o/a pesquisador/a e o sujeito da pesquisa construirá as trajetórias de vida por meio de entrevistas. Wittizorecki *et al.* (2006) destaca dois tipos de entrevistas: a entrevista temática e a entrevista de história de vida. A primeira aborda a participação da pessoa entrevistada em um tema pré-determinado, já a segunda tem como tema central o próprio indivíduo dentro da história. Se tratando de entrevistas de História de Vida, Alberti (2010) destaca a realização de várias sessões de entrevistas que acompanham a vida do/a entrevistado/a desde a infância e se aprofundam em temas específicos que dizem respeito aos objetivos da pesquisa. Para tanto, é necessário que o/a pesquisador/a tenha domínio de seus objetivos de pesquisa, pois são a partir deles que será definido “quem entrevistar, os conteúdos da entrevista, o número de pessoas entrevistadas, o número de entrevistas com cada informante e o tipo de entrevista apropriada para cada caso” (VÍCTORA; KNAUTH; HASSEN, 2000, p. 64).

É válido destacar que existem memórias coletivas que são comuns a pessoas ou grupos. Na busca de maiores informações sobre o contexto social no qual Duda está inserida e para maior exploração de suas relações de história individual, outros sujeitos foram entrevistados sendo eles: Familiares (pai, mãe, irmã e marido): a fim de aprofundar aspectos sobre sua inserção e sua permanência no esporte, desde a infância até os dias atuais; Colegas da equipe do S.C Internacional, a fim de compreender o cotidiano de Duda como jogadora de futebol no clube, suas ações em prol do futebol de mulheres, assim como seu pertencimento clubístico; Colaboradores/as da escolinha (gerentes e professores/as) visando conhecer o dia a dia de Duda no gerenciamento da empresa e os modos pelos quais coloca em prática sua visão sobre o esporte.

A entrevista é o meio pelo qual é gerada a história oral, que de fato pode ser definida como um trabalho de reconstrução de memórias, assim sendo, as entrevistas produzidas para o presente estudo foram tratadas de acordo com os procedimentos teórico e metodológicos do Projeto Garimpando Memórias desenvolvido pelo Centro de Memórias do Esporte (ESEF/UFRGS).

Este projeto existe desde 2002 e tem por objetivo “a realização de entrevistas com pessoas cuja história de vida esteja relacionada com a estruturação e consolidação do esporte, lazer, educação física e dança no Rio Grande do Sul e Brasil” (GOELLNER *et al*, 2012). Uma de suas principais ações é a produção de fontes com aporte teórico-metodológico na história cultural e na história oral. Para a coleta de depoimentos seguiu os passos do Manual Básico do Projeto que baseou-se inicialmente nas orientações do Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil, Fundação Getúlio Vargas (CPDOC). Os procedimentos adotados são os seguintes:

- 1 – Escolha das pessoas a serem entrevistadas e contato com as mesmas.
- 2 – Elaboração de um roteiro (mediante pesquisa prévia para obter informações sobre a pessoa entrevistada e seu envolvimento, relevância e significado com o tema da pesquisa).
- 3 – Realização da entrevista: registradas por meio de mídia digital (gravador), poderão ser temáticas (sobre o presente estudo) ou sobre a história de vida do/a próprio/a entrevistado/a.
- 4 – Processamento da entrevista: envolve a transcrição do áudio em um documento de texto, o copidesque (conferência do áudio com a parte escrita e ajuste do documento para sua melhor interpretação), a pesquisa (registra o maior número de informações possíveis, visto que pessoas de diferentes contextos terão acesso às entrevistas), e a revisão final (feita pela coordenadora do projeto para liberação da publicação).
- 5 – Devolução da entrevista: após a finalização dos processos pós-entrevista, a pessoa entrevistada recebe uma cópia transcrita para fazer conferência de seu depoimento, podendo ou não fazer alterações no mesmo.
- 6 – Assinatura da Carta de cessão: documento que autoriza o Centro de Memória do Esporte (UFRGS/ESEF) a publicar e divulgar a entrevista. Deve ser assinada pelo/a entrevistado/a no momento da entrevista ou após a conferência final.
- 7– Catalogação da entrevista: visa a organização do acervo do Projeto Garimpando Memórias.
- 8 – Disponibilização da entrevista por meio do LUME - Repositório Digital da UFRGS e dos portais na internet do Centro de Memória do Esporte E do Grupo de Estudos sobre Esporte, Cultura e História (GRECCO).

Vale ressaltar que a disponibilização da entrevista na íntegra visa possibilitar o acesso a quem se interessar além de estar relacionado ao movimento de acesso livre à informação científica por meio do qual pode ser acessada sem nenhum custo.

3.3 CAPTAÇÃO E ELABORAÇÃO DAS FONTES

O primeiro encontro com Duda teve um caráter exploratório buscando delinear as primeiras metas do trabalho, assim como definir de forma direta os seus objetivos. Ela me recebeu em sua casa em uma segunda-feira, dia 15 de abril de 2015 para fazer a entrevista que serviu de norte para esta pesquisa. Durante a investigação foram feitos muitos contatos com Duda geralmente via o aplicativo *WhatsApp* ou por ligações telefônicas. O principal obstáculo para um maior número de encontros foi a conciliação de nossas agendas, principalmente a dela. No entanto, evidencio que sempre se mostrou interessada com o trabalho, mas em virtude de seus múltiplos compromissos profissionais (viagens, gerenciamento das escolinhas, reunião com professores, etc.) e pessoais (acompanhar os filhos nas atividades escolares e em eventos, tarefas da casa), nossos encontros se tornaram um desafio, ainda assim, conseguimos fazer outra entrevista temática que aconteceu no dia 16 de maio de 2016.

Na busca por maiores informações sobre a modalidade e especificamente sobre o Sport Club Internacional e seu Departamento de Futebol Feminino entrei em contato via e-mail com a Federação Gaúcha de Futebol, entidade responsável pela organização do Campeonato Gaúcho de Futebol Feminino nas décadas de 1980 e 1990. A resposta foi a seguinte: “Acredito que este material possa ser encontrado no próprio SC Internacional”.²¹ Na mesma semana, fui pessoalmente ao Estádio Beira-Rio, conforme indicado, visitar o “Museu do Inter”. Em conversa com um dos responsáveis pelo acervo, descobri uma foto da década de 1980, o único material que diz respeito ao futebol de mulheres do Internacional, ainda assim sem a identificação das atletas, nem do evento do qual participavam. Fui encaminhada para a FECI²², situada no 2º andar do Ginásio Gigantinho. A Fundação mantém em

²¹ E-mail enviado no dia 11 mar. 2015. Resposta recebida no dia 11 mar. 2015.

²² Fundação de Educação e Cultura do Sport Clube Internacional, situada no 2º andar do Ginásio Gigantinho.

seu espaço físico uma Biblioteca²³, que conta com mais de 82 mil obras dos mais diversos gêneros, e com uma coleção especial na área do esporte, com ênfase na história do futebol e do Sport Club Internacional. Constato, outra vez, que as mulheres não figuravam nesse acervo.

Os contatos com os demais entrevistados e entrevistadas se sucederam, na maioria das vezes por meio de uma rede social, o *Facebook*, visto que mantinha um contato informal com as entrevistadas que jogaram no Sport Clube Internacional. A partir deste primeiro contato estabelecíamos uma data para a realização da entrevista o que era executada consoante um roteiro previamente elaborado.

As entrevistas apresentam um modelo semi-estruturado, ou seja, têm como referência um roteiro pré-estabelecido, podendo ser ajustadas, garantindo mobilidade quanto à interferência do/a entrevistador/a para criar novas questões, fazendo com que a pessoa entrevistada se aprofunde sobre determinado assunto. As perguntas foram em sua grande maioria abertas, possibilitando que a pessoa falasse sobre o que foi questionado e que as respostas não fossem concisas e sem reflexão. Ressalto que o intuito deste projeto não é saber “a verdade” sobre a história de vida de Duda, mas sim contar uma “versão” desta trajetória e levar em consideração na análise e interpretação dos dados o aparecimento de possíveis pontos de vista sobre as trajetórias.

O conteúdo das entrevistas foi observado em conjunto com as informações coletadas nas demais fontes, os quais foram analisados e interpretados à luz das teorias sobre mulheres e futebol no Brasil e no Rio Grande do Sul.

²³ Biblioteca Zeferino Brazil do Sport Club Internacional.

Quadro 3 - Entrevistas realizadas

	NOME	RELAÇÃO
1	Carlos Alberto Souza	Presidente da AGFF
2	Carlos Renato Lopes	Marido de Duda e integrante da comissão técnica do S.C. Internacional
3	Célia Liése Brancão Ribeiro	Atleta do S.C. Internacional
4	Eduarda Marranghello Luizelli	Duda
5	Eduardo Marranghello Luizelli	Pai de Duda
6	Fernanda Portinho Vlasak	Atleta do S.C. Internacional e do Grêmio F.B.P.A.
7	Gabriela Marranghello Luizelli	Irmã de Duda e atleta da escolinha do S.C. Internacional
8	Geisa Lima Oliveira	Atleta do S.C. Internacional
9	Gisele Rodrigues Ramos	Atleta do S.C. Internacional e Professora da Escola da Duda
10	Isabel Cristina Nunes (Bel)	Atleta do S.C. Internacional e do Grêmio F.B.P.A.
11	Ivete Gallas	Atleta do S.C. Internacional e do Grêmio F.B.P.A.
12	Karina Balestra da Luz	Atleta do S.C. Internacional
13	Marcos Planela Barbosa	Técnico do E.C. Pelotas
	Maria Giovana Eiserman	Atleta do Grêmio F.B.P.A.
14	Monica Hickmann	Atleta do S.C. Internacional
15	Patrícia Gusmão	Atleta do S.C. Internacional e Professora da Escola da Duda
16	Rosa Marranghello Luizelli	Mãe de Duda

Fonte: Autora

Além das entrevistas realizadas para o presente estudo, outros relatos foram agregados ao trabalho visando uma maior diversidade de informações acerca do futebol de mulheres no Rio Grande do Sul. Sendo elas: Tatiele dos Santos Silveira, Márcia Tafarel, Lícia Sobrosa Machado e Rafaela Cavalheiro do Espírito Santo. As entrevistas compõem o Programa Futebol e Mulheres e estão disponíveis para acesso no LUME - Repositório Digital da UFRGS –.

Na ocasião de nosso primeiro encontro, Duda cedeu para a pesquisa parte de seu acervo pessoal, que está em fase de processamento e análise pela equipe do Centro de Memória do Esporte (ESEF/UFRGS). Esse acervo contém documentos de natureza distinta e foram fundamentais para a realização da pesquisa. São eles:

Quadro 4 - Materiais cedidos por Duda

Recortes de Jornal	318
Revistas	05
Álbuns	21
Fotos	1082
Quadros	03
Flâmulas	23
Mantas	03
Bandeira	01
Roupas	03
Camisetas	12

Fonte: Autora.

É pertinente salientar que os materiais cedidos por Duda se encontram em excelente estado e a organização criada pela atleta, para registrar suas fotografias e documentos no formato de álbuns, simplifica o trabalho do Centro de Memória do Esporte, no que se refere a sua catalogação. As fotos que compõem os álbuns, por vezes, possuem legendas escritas pela própria Duda, o que auxilia na sua identificação. Além das fotos, os recortes de jornais foram anexados em folhas A4 e colocados igualmente nos álbuns facilitando o seu manuseio. Ao chegar no Centro de Memória do Esporte, seu acervo foi listado, como visto à cima, e os álbuns foram numerados a fim de facilitar e dinamizar a digitalização dos mesmos. As fotos e os recortes de jornal estão sendo digitalizados em formato *jpg* e *pdf* pesquisável, respectivamente, para que futuramente possam ser inseridos no Repositório Digital do Centro de Memória do Esporte no LUME, e assim serem acessados por quem deles se interessar.

À partir do material cedido cuja sistematização e catalogação foi fundamental para o desenvolvimento desta pesquisa, utilizei como ferramenta analítico o método de análise de conteúdo. Para tanto, busquei fundamentação na proposição de Bardin (2000), fazendo com que, a partir dos dados empíricos, fossem criadas categorias de análise para aprofundar a interpretação do objeto de estudo, no caso, a partir das memórias de quem viveu o futebol de mulheres e construiu sua história.

Bacellar (2005) diz que contextualizar o documento é fundamental, pois o mesmo foi escrito em um determinado tempo, num outro contexto e por uma determinada pessoa que, ao escrever leva consigo crenças, valores e opiniões para

o “papel”. Segundo o autor, é importante entender o contexto no qual o material foi escrito, além de entender os significados e expressões daquele determinado tempo, para deixar sua interpretação mais fidedigna. Como é sabido, nenhum documento é neutro, todos são influenciados por algo, alguma coisa ou algum contexto, ainda mais se falarmos de entrevistas que são fontes diretas de informação. Ciente disto, o historiador/pesquisador deve ser crítico ao analisar suas fontes, não as tomando como verdades absolutas e questionando-as sempre que necessário (BACELLAR, 2010).

Sendo assim, as categorias que emergiram após o cotejamento das fontes estão descritas nos próximos capítulos desta dissertação, intitulados, *Primeiro tempo: Duda jogadora* e *Segundo tempo: Duda dirigente*.

4 PRIMEIRO TEMPO: DUDA JOGADORA

Passando pelo túnel de acesso, ouvindo o som da torcida e subindo as escadas que dão entrada ao mundo do futebol convido os/as leitores/as a entrar em campo, com o pé direito. Os tópicos a seguir são resultado da análise do corpus analítico dessa dissertação, tendo como fio condutor a narrativa da atleta, de seus familiares, de suas colegas de equipe, os quais foram cotejados com documentos e publicações, muitas delas encontradas em seu acervo pessoal. O sorteio foi realizado e a escolha do lado do campo definida, as duas equipes já estão posicionadas esperando o início da partida. É hora da última amarrada na chuteira. Apita o árbitro, começa o jogo e rola a bola no estádio da vida.

4.1 ROLA A BOLA VALDOMIRO: O INÍCIO ESPORTIVO DE DUDA

Eduarda Marranghello Luizelli nasceu no dia 25 de agosto de 1971, em Porto Alegre. Filha de Eduardo Sétimo Luizelli e Rosa Maria Marranghello Luizelli, pais de quatro mulheres: Juliana, Marcela, Gabriela e Eduarda, a filha mais velha, que logo na infância foi apelidada carinhosamente como Duda.

O pai, Eduardo é dono de uma livraria chamada Aurora, situada no Centro Histórico de Porto Alegre. Sempre foi envolvido com os esportes, principalmente o futebol, jogava com os amigos aos finais de semana no Cantegril Clube, em Viamão. Além de praticante da modalidade era um torcedor muito presente nas partidas do Sport Club Internacional entre as décadas de 1970 e 2000, e nesse período carregava consigo um fanatismo pelo certame colorado, o que influenciou na escolha da família pela equipe gaúcha como o time do coração. Desde cedo estimulou nas filhas a paixão pelo futebol levando-as para assistir aos jogos do Internacional no estádio Beira-Rio. Em suas palavras afirmou:

[...] eu já larguei de mão o futebol, já não sou tão doente como eu fui. Mas graças a Deus eu passei um período muito bom no Internacional, vendo o Internacional jogar e ganhar, hoje em dia as coisas estão mais difíceis, mudou muito os esquemas [...] (LUIZELLI, Eduardo, 2015, p. 2).

Esta dedicação ao esporte também foi identificada nas praticas esportivas de Rosa, mãe De Duda. Nos tempos de colégio, época em que as turmas eram

divididas por sexo, jogava handebol e vôlei nas aulas de Educação Física, modalidades que eram oferecidas para as meninas. Praticou vôlei periodicamente durante um longo período de sua vida, e só diminuiu as atividades esportivas por conta de outros afazeres que ocupam o seu dia-a-dia. Gostava muito de jogar futebol quando criança, mas só podia jogar com seu irmão “entre quatro paredes”, pois o futebol era ainda uma modalidade proibida para meninas e mulheres, vista com maus olhos sendo considerado como feio. Conforme relata em sua entrevista:

Eu gostava muito de jogar futebol, mas jogava com o meu irmão só, porque naquela época nem podia se falar em menina jogando futebol [...] (LUIZELLI, R., 2015, p. 1).

Rosa diz ser apaixonada pelos esportes e em suas palavras acha de suma importância fazer o que se gosta.

Sempre gostei de esporte e sempre pratiquei esporte, e agora, de uns anos para cá, que eu ando com outras ocupações que me tiraram um pouco das atividades esportivas, mas eu sempre pratiquei esporte a minha vida inteira (LUIZELLI, R., 2015, p. 1).

Neste contexto nasce Duda que, mesmo antes de andar, já tinha em seu berço, como primeiro brinquedo, uma bola de futebol. Segundo Wenez (2012), esta informação desconstrói as barreiras de gênero valorizadas pela sociedade em que bolas de futebol são brinquedos de meninos e não de meninas. A autora ainda sustenta “que as brincadeiras das crianças são permeadas por relações de gênero e que o gênero também as permeia ou atravessa” (WENETZ, 2012, p. 29).

Tratar de futebol de mulheres e não tratar de gênero é uma tarefa praticamente impossível, visto que a relação entre modalidade e categoria se entrelaça fortemente em nossa sociedade. O futebol encontra-se no grupo dos esportes representados como masculinos e como já explorado anteriormente, durante muitos anos foi uma área de exclusividade dos homens. A prática deste esporte é constantemente associada à virilidade, força física, agressividade, coragem, entre outros atributos diretamente relacionados a eles. Enquanto às mulheres são representadas pela fragilidade, beleza e graça, traços não condizentes ao desempenho esportivo exigido por algumas modalidades esportivas como, por exemplo o futebol. Razão pela qual, quando inseridas neste espaço representado

hegemonicamente como masculino, as mulheres são tachadas como transgressoras ou desviantes em função de não seguirem os padrões definidos culturalmente.

De acordo com Louro (1997), diferentes características são atribuídas a homens e mulheres, assim como são impostos determinados papéis sociais de acordo com o seu sexo. O conceito de gênero torna-se fundamental para a discussão entorno da distinção entre os sexos, e das desigualdades sociais ocasionadas a partir desta diferença biológica. Para a autora

É necessário demonstrar que não são propriamente as características sexuais, mas é a forma como essas características são representadas ou valorizadas, aquilo que se diz ou se pensa sobre elas que vai construir, efetivamente, o que é feminino ou masculino em uma dada sociedade e em um dado momento histórico (LOURO, 1997, p. 21).

Segundo Goellner (2005, p. 148), “a masculinização das mulheres pelo futebol, portanto, só pode ser compreendida a partir de uma representação essencialista dos gêneros que não permite visualizar as multiplicidades que cada um dos dois pólos contém”. Instaurar um esporte como feminino ou masculino é excluir as diversas possibilidades de expressão dos corpos e ainda minimizar as oportunidades de prática entre meninos e meninas em determinadas atividades corporais.

Altmann (1998) afirma que a associação do esporte com a masculinidade varia muito de acordo com a modalidade, isto é, existem esportes representados como predominantemente masculinos ou femininos, ou ainda, esportes para homens e para mulheres. Esta diferenciação é demarcada já a partir dos anos iniciais da infância, quando meninos e meninas são incentivados pelos pais, pelos professores, entre outros, de maneiras diferentes para prática de atividades (ROMERO, 1994, KNIJINIK; VASCONCELLOS, 2003).

Transgredindo algumas regras socialmente impostas e contando com o apoio de seus pais, Duda dá seus primeiros chutes nos corredores do prédio em que residiam do bairro Menino Deus e começa a criar gosto pelo futebol com seu vizinho de porta, o jogador Valdomiro, ponta-direita e ídolo da equipe colorada na década de 1970. Valdomiro e Natália, sua esposa, não tinham filhos e criaram por Duda um carinho muito grande, após seus treinos no clube, o craque não se importava em brincar de bola com a garota pelos corredores do prédio. O jogador que atuava

brilantemente na ponta-esquerda rolava a famosa Bola do Figueroa²⁴, e Eduarda chutava a mesma, iniciando ali sua iniciação ao futebol.

Ainda na infância, a brincadeira se deslocou dos corredores do condomínio para a “pracinha” que existia no bairro. Os colegas, após o término das aulas, tocavam a campainha do apartamento de Dona Rosa e chamavam Duda para jogar futebol. Duda conta que era a única menina entre os vários meninos e era uma das primeiras a ser escolhida para as partidas. Seu pior castigo nos tempos de colégio era ficar sem poder jogar bola com os amigos na praça, o que a incentivava a manter as médias das notas altas e sempre passar de ano, sem nunca ter repetido a série uma única vez. Assim podia seguir, sem interrupções, com a brincadeira que mais gostava.

Jogava com os meninos na pracinha. E sempre joguei, chegava do colégio e os guris já batiam na campainha porque se eu não era a primeira, era a segunda a ser escolhida, e a gente jogava futebol até escurecer, e o meu castigo era, quando eu não fazia alguma coisa direito no colégio era “sem futebol hoje” (LUIZELLI, Eduarda, 2015, p. 2).

Tal situação também foi observada no estudo desenvolvido por Mariane Pisani (2012), quando analisou um time renomado nacionalmente de futebol de mulheres fundado na cidade de Foz do Iguaçu, oeste do Paraná o Foz Cataratas Futebol Clube. O trabalho apontou que a prática futebolística das jogadoras da equipe foi iniciada predominantemente com homens. E ainda, que são raros os casos de alguma futebolista que tenha começado a jogar bola em uma escolinha para meninas, visto que só recentemente estas escolinhas específicas começaram a surgir. Este foi o caso de Duda e das doze jogadoras entrevistadas para este estudo. Todas relatam que iniciaram jogando futebol na rua com os amigos e deram continuidade no universo escolar. Os jogos aconteciam com os amigos de bairro, predominantemente em praças e elas eram as únicas meninas no meio de muitos meninos. Patrícia Regina Gusmão²⁵ e Gisele Rodrigues Ramos²⁶, atletas de futebol do Rio grande do Sul, relatam em suas entrevistas que iniciaram jogando futebol na

²⁴ Elías Figueroa, atuou no Sport Club Internacional de 1971 à 1976. Foi hexacampeão gaúcho e bicampeão brasileiro pelo clube. Teve passagem pela Seleção Chilena de Futebol.

²⁵ Técnica da equipe Canoas/Duda/Unilasalle. Atuou na equipe do Sport Club Internacional de 1997 a 2004.

²⁶ Professora da Escola da Duda. Atuou no Sport Club Internacional de 2000 a 2004.

rua e no colégio com os amigos e que normalmente eram as únicas meninas no grupo de crianças que jogava futebol:

Comecei jogando [...] Acho que como a maioria das meninas começa, no meio dos guris, no colégio, porque não... Quando eu... Na minha idade não tinha uma escolinha, não tinha onde eu procurar (GUSMÃO, 2014 p. 1).

Eu comecei jogando na escola então não tinha quase nenhuma menina que jogava, só haviam torneios para meninos e eu jogava na minha turma na Educação Física. [...] jogava no recreio, jogava sempre no colégio mesmo ou na rua com os amigos também, “três dentro, três fora” que é o mais jogado precisa só de três pessoas, foi como eu comecei, na rua, no colégio [...] (RAMOS, 2015 p. 1)

Brincadeiras mais agressivas como os jogos com bola, as lutas e andar de bicicleta eram (são) mais estimuladas aos meninos, enquanto as mais calmas, como brincar de casinha e de boneca eram (são) recomendadas às meninas, ao lado de “restrições” das brincadeiras masculinas (ROMERO, 1994). Este imperativo faz com que por muitas vezes as meninas sofram algum tipo de resistência que se direcionam a estas restrições. Foi observado nas narrativas das entrevistadas que a oposição à inserção nas “brincadeiras de meninos” vinha na maioria das vezes por parte dos amigos, das amigas e dos vizinhos, em nenhum momento de seus pais. Os relatos trouxeram rechaça e contestações quando houve o questionamento sobre a intolerância vivida pelas jogadoras ainda crianças nesses ambientes. Segundo Geisa Lima Oliveira²⁷, essa era uma situação recorrente durante as brincadeiras que envolviam o futebol. Questionamentos sobre “ser menino ou ser menina” em função da prática da modalidade apareceram no relato da atleta:

Sempre. Sempre teve. Essa coisa do futebol. Naquela época ainda era mais, quando eu era criança “tu é menino ou menina?”, tu cresce ouvindo isso, tu vai escutando, escutando... Isso não deve ser só eu, todas as meninas que jogam futebol devem ter passado por isso (OLIVEIRA, 2015 p. 20)

Tais narrativas indicam o quanto, em nossa sociedade, existem funções e papéis distintos para as mulheres e para os homens porque “lavar as calcinhas” e “lavar a louça” são “coisas de mulher” (ALVES, 2015, p. 11-12). Estas atribuições

²⁷ Atleta do Sport Club Internacional entre os anos de 1998 e 2002. Atuou no Grêmio Esportivo Onze Unidos (Cachoeirinha) em 2014.

tornam-se ofensas em momentos oportunos, especialmente quando a menina ou mulher encontra-se em uma esfera que é de domínio predominante dos homens, e o universo esportivo faz parte desta instância. Como citado por Franzini (2005, pg. 02) “quanto mais machista, ou sexista, ela (sociedade) for, mais exacerbada as suas réplicas”. No relato de outra atleta entrevistada para essa pesquisa Mônica Hickmann Alves²⁸, fica evidente o incômodo gerado por tais afirmações. A atleta conta como os insultos apareciam no meio das brincadeiras e que se sentia culpada pela circunstância:

Eu lembro que a gente brincava na rua, jogava e alguns vizinhos falavam: “Ah, por que tu não vai para casa lavar tuas calcinhas, lavar uma louça, não é lugar de mulher estar na rua”, esse tipo de coisa. Parece que eu era sempre a culpada da situação [...] (ALVES, 2015 p. 11-12)

Para a mãe e para o pai de Duda, jogar futebol nunca foi transgressor ou proibido. Segundo a jogadora, essa compreensão e o apoio recebido pela família foram determinantes para seu sucesso na carreira de futebolista. O que também foi observado por Pisani (2012, p. 74) ao afirmar que “as jogadoras que conseguem traçar uma carreira no esporte contam com o apoio e incentivo de familiares”. Esse cenário pode ser visto como exceção dentro do cenário do futebol de mulheres, visto que muitas meninas não conseguiram fazer carreira ou até mesmo jogar devido ao preconceito social e o impedimento familiar. Recentemente foi divulgada nas redes sociais a situação da menina Laura, de 12 anos que foi impedida de participar de torneio que só permitia a participação de meninos. Laura atua em torneios mistos com sua equipe, a ADESM, da cidade de São Carlos e sagrou-se campeã na etapa municipal da competição, ao passar para a etapa regional, foi barrada pelo fato de ser menina. O pai de Laura, incomodado com a situação criou um abaixo assinado na internet pelo direito da filha de participar do torneio, além do pedido ser atendido pela Secretaria de Esporte, Lazer e Juventude do Estado de São Paulo, organizadora da competição, a repercussão do caso chegou até a CBF que convidou Laura para conhecer as jogadoras da seleção brasileira que estavam em fase de treinamento para os Jogos Olímpicos do Rio 2016. Apesar de não mudar a situação do futebol de mulheres no Brasil, o exemplo evidencia uma maior

²⁸ Atuou no Sport Club Internacional no ano de 2004. Atualmente é atleta do Orlando Pride (EUA) e da seleção brasileira de futebol que estará presente nos Jogos Olímpicos do Rio 2016.

visibilidade acerca dos limites e impedimentos a inserção e permanência das meninas e mulheres no futebol²⁹.

Duda parece não ter vivenciado essas restrições visto que seus pais lhe davam liberdade para fazer o que gostava e assim assistiram a brincadeira virar paixão por aquilo que fazia, Eduardo assim expressa:

Nada contra, sempre demos o maior apoio, maior força [...] Sempre teve o apoio da família e isso sempre ajuda. Quando um filho tem o apoio dos pais seja lá para o que for ele se sente protegido, ele se sente guardado pelos familiares [...] (LUIZELLI, Eduardo, 2015, p. 7).

Rosa segue com a mesma concepção do marido:

Nunca me importei, sempre achei importante fazer o que gosta, tu sempre te preocupa: “Será que tem alguma coisa da parte profissional que vai dar certo? Que vai dar que não vai dar”. Mas acho que no final ela tinha tanta paixão que ela foi fazendo [...] (LUIZELLI, R., 2015, p. 3).

Assim como no berço familiar de Duda, a maioria das jogadoras entrevistadas para essa pesquisa declarou que não houve resistência da família diante a prática de futebol. Contam que foram apoiadas e incentivadas pelos pais e familiares e que eles foram os maiores responsáveis pela continuidade delas no esporte. Buscaram escolinhas especializadas, as levavam e buscavam nos treinos, acompanhavam nos jogos, apoiavam financeiramente com o pagamento de mensalidade, a aquisição de materiais esportivos, a alimentação, o transporte entre outras necessidades. Ivete Gallas³⁰ e Patrícia Gusmão narram que seus pais nunca foram contrários a que praticassem futebol, tanto como forma de brincadeira quanto se tornou algo mais sério, relacionado com o desejo de se tornar uma jogadora de uma equipe profissional:

²⁹ Para saber mais acesse: <http://selecao.cbf.com.br/noticias/todas/selecao-feminina-recebe-convidada-especial#.V6uKYU0rLIU>

³⁰ Jogadora do Sport Club Internacional na década de 1980. Atuou pela Seleção Gaúcha de Futebol e pelo Saad Esporte Clube na década de 1990. Foi técnica da equipe juvenil de futsal e futebol de campo da equipe do Saad Esporte Clube. Foi auxiliar técnica de Zé Duarte no São Paulo Futebol Clube e na Seleção Brasileira. Técnica do Grêmio Foot-Ball Portoalegrense no ano 2000 e atuou como técnica de futsal da equipe do Irã nos Jogos Olímpicos Islâmicos.

Muito boa! Eles nunca tiveram nada contra bem pelo contrário, eles sempre apoiaram. Não me lembro do meu pai ter dito nada reclamando da questão de eu jogar futebol. Nunca tive esse problema dentro da minha própria família, da minha casa (GALLAS, 2015, p. 11).

Não. Da parte da minha família sempre foi muito tranquilo, até por eles vivenciarem muito esse mundo do futebol, acho que não [...] Mas foi tranquilo, sempre me apoiaram, sempre foram prestigiar, estavam em todos os jogos. Até a maioria das recordações que eu tenho foi de fotos que meu pai tem desde treino, campeonatos, tudo praticamente (GUSMÃO, 2014, p. 4-5).

Apenas uma das entrevistadas relatou que os pais não gostavam de vê-la inserida no futebol, mas nunca se impuseram ou proibiram-na de jogar, mesmo observando as diversas manobras que a garota fazia para se divertir com a bola. Segundo Maria Giovana Eiserman³¹, a ação da mãe de não lhe dar uma bola de futebol para que pudesse brincar não foi um impedimento para que permanecesse praticando:

A mãe não gostava, óbvio. Nem o pai, mas o pai não me falava nada. Mas a mãe não queria que eu jogasse de jeito nenhum, eles não gostavam, porque “né”. Não é que nem hoje. Hoje ainda existe um preconceito, na época era pior ainda. Mas não me... A mãe não me dava bola, para que eu não jogasse, mas eu me virava, fazia com jornal, com saco de plástico, enrolava, fazia bola de qualquer jeito para poder jogar nos fundos de casa sozinha assim, chutar, ou então com a minha prima “gol a gol”, brincava. E bola nem pensar, eles não gostavam. Não gostam até hoje, nunca gostaram (EISERMAN, 2016 p. 3)

A fala de Maria Giovana corrobora com a afirmação de Pisani (2012, p. 84) em que “é raro que uma criança, do sexo feminino, seja incentivada a jogar ou que ganhe presentes relacionados ao futebol – como uma bola, uma chuteira ou meiões – quando muito, a garota ganha uma camiseta para fazer parte da torcida do time”. Apesar da fala de Maria Giovana ir ao encontro da fala de Pisani (2012), foi a única das entrevistadas que narrou esse comportamento da família, o de pouco ou nenhum incentivo.

Apoiada por seus familiares, foi no Colégio Marista Nossa Senhora do Rosário, em Porto Alegre, que Duda participou de suas primeiras competições

³¹ Atuou na Seleção Gaúcha de Futebol. Jogou futsal pelas equipes da Sociedade Esportiva Recreativa Bruxas e Sociedade Esportiva Recreativa Chimarrão. Foi atleta do Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense de 1998 a 2001.

esportivas. Além de torneios internos, representava o colégio em campeonatos municipais e estaduais não apenas no futebol, mas nas várias modalidades desenvolvidas na escola. Nas Olimpíadas do Rosário, evento organizado pela instituição, a esportista colecionou medalhas nas modalidades de voleibol, futebol, atletismo, basquete, handebol e tênis de mesa. Foi nessa competição que Duda conquistou seu primeiro troféu, guardado com carinho até os dias de hoje em sua casa, junto a outros artefatos que compõem o seu acervo pessoal. Certa vez o diretor do Colégio, em tom de brincadeira, disse a Eduardo que proibiria a Duda de participar dos jogos, pois ela não dava chance para outras participantes. Ganhava quase todas as provas que disputava. Duda ingressou nesta escola com oito anos de idade e lá permaneceu até finalizar o ensino médio em 1988, com dezessete anos.

Conforme demonstrado acima a iniciação esportiva de Duda foi bastante incentivada pelos pais e familiares, em parceria com seu vizinho e craque Valdomiro. Foi também na rua e no contexto escolar que se delinearam os primeiros passos da trajetória de uma reconhecida futebolista do Rio Grande do Sul.

4.2 A DÉCADA DE 1980 E A PRIMEIRA GERAÇÃO³² DO FUTEBOL DE MULHERES NO RIO GRANDE DO SUL

A década de 1980 é marcada pelo avanço e pela legitimação do futebol de mulheres no Brasil. Os movimentos feministas advindos da década de 1970 e a luta da mulher para firmar-se nos diversos ramos da sociedade ecoaram no interior do universo esportivo. O Conselho Nacional de Desporto baixou em 1979 a deliberação 65/79 que revogava a anterior, garantindo às mulheres a prática do futebol (MOURA, 2015).

A revogação da lei que proibia as mulheres de praticarem futebol, assim como outros esportes, é um marco histórico no desenvolvimento da modalidade no Brasil. O Rio Grande do Sul segue o rumo dessa expansão com a revelação de equipes que já existiam antes mesmo da revogação, iniciando a disseminação do esporte no estado. Despontaram equipes como Estrela Vermelha, Pepsi Bola e

³² Utilizo o termo primeira geração para me referir as jogadoras e equipes que emergiram a partir do término da interdição oficial da prática do futebol pelas mulheres. Nas entrevistas surgiram outros termos como, por exemplo, nova era e antiga geração. O termo primeira geração é utilizado, portanto, para diferenciar as jogadoras que atuaram na década de 1980 e das que atuaram na década de 1990, quando Duda retornou para o Sport Club Internacional.

Independente. Posteriormente as equipes Pepsi Bola e Independente deram origem aos departamentos de futebol feminino de Sport Clube Internacional e Grêmio Football Porto Alegrense, respectivamente, na década de 1980. O movimento de fomento ao futebol de mulheres não alcançou somente os clubes da capital gaúcha, times do interior como Esporte Clube Internacional, de Santa Maria, Clube Esportivo Bento Gonçalves, Cerâmica Atlético Clube, de Gravataí, entre outros, aderiram a causa e formaram combinados femininos em suas cidades (NUNES, 2016, p. 3).

Aos poucos as esportistas ganhavam notoriedade e espaço na mídia, mesmo que pouco visível. O futebol de mulheres dava sinais de que estava se estruturando. Ivete Gallas, que vivenciou esse período do início da modalidade como uma prática legitimada, cita algumas equipes que emergiram na década de 1980 e se tornaram referência no cenário estadual:

Começou a ter várias equipes femininas na época e tinha umas que eram aqui de Porto Alegre... Estrela Vermelha, que eu lembro que era uma equipe daqui, o Independente... Equipes que eram aqui de Porto Alegre, que eram as “bambambam” (GALLAS, 2015, p. 2).

Carlos Renato Lopes, marido de Duda, aponta em sua entrevista que algumas equipes faziam seus treinamentos em locais públicos de Porto Alegre. O Parque Harmonia aparece com um desses locais de treinamento, mais especificamente da equipe Pepsi Bola, time no qual atuavam algumas jogadoras da primeira geração

Harmonia que não era Harmonia era um areião, aquilo ali era um aterro do governo e ali tinham campos de areia e ai ali naqueles campos de areia treinava um time que se chamava Pepsi Bola e essas meninas do Pepsi Bola que eu cansei de fazer amistoso, elas convidavam meninos, o futebol feminino sempre teve isso, os times de alto nível sempre tiveram dificuldade de encontrar meninas de alto nível para amistosos, então elas sempre acabavam treinando contra meninos, principalmente times que jogavam em âmbito nacional como esse Pepsi Bola [...] (LOPES, 2016, p. 1).

Os campos de areião abrigaram time de mulheres que posteriormente compuseram as equipes de Grêmio e Inter, como relatado por Isabel Cristina

Nunes³³, a Bel, que participava da equipe do Pepsi Bola que logo após se transformou na equipe do Internacional:

Depois do Nonoai do futsal, nós fomos para uma equipe de futebol de campo que se chamava Pepsi Bola, e aí eu já estava com quinze anos. Ficamos um ano na equipe do Pepsi Bola e o Internacional resolveu abrir o departamento de futebol feminino e pegou essa equipe como base, a equipe do Pepsi Bola. E tinha uma outra equipe que era a nossa rival, que se chamava Independente, que se transformou adivinha em quem? (NUNES, 2016, p. 1)

O Pepsi Bola é citado nos relatos das jogadoras desta primeira geração, como a equipe que continha as primeiras protagonistas do futebol de mulheres do Rio Grande do Sul. Tido como um time de prestígio fazia viagens dentro do estado e disputou inclusive algumas partidas com o Esporte Clube³⁴ Radar, do Rio de Janeiro, uma equipe referência daquele período. Em sua entrevista Bel narra que com a equipe do Pepsi Bola foram jogar na cidade do Rio de Janeiro:

É, em Copacabana na beira da praia. A equipe do... Tanto é que chegamos lá no Rio e eles colocaram o nosso jogo em um sol a pino, só para nós... Fizeram a gente... Essas histórias não precisam muito assim. Nós fomos de avião, coisa bem organizada com a equipe do Pepsi Bola, o jogo foi quatro a zero, na areia fofa em Copacabana (NUNES, 2016, p. 3).

Em 1983 a equipe do Sport Club Internacional foi formada com a base do Pepsi Bola. Duda, que ia ao estádio com seu pai Eduardo desde muito pequena para acompanhar os jogos do Inter, se apaixonou não só pelo esporte futebol, mas também pelo clube colorado. Aos 13 anos de idade, por iniciativa própria, chegou aos campos do Internacional, não como torcedora, mas sim como atleta. Soube por uma matéria que leu em jornal que o clube estava fazendo uma seletiva para a equipe adulta. Não pensou muito e, acompanhada pelos pais, foi ao estádio do Beira-Rio participar da avaliação conforme relata:

³³ Foi jogadora da equipe do Sport Clube Internacional nas décadas de 1980 e 1990. Atuou na Seleção Brasileira de Futebol em 1995 e sagrou-se campeã sul-americana. Ingressou na equipe do Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense em 1998 onde ficou até o ano de 2003. É considerada uma das referências do futebol de mulheres no Rio Grande do Sul junto com Duda.

³⁴ O departamento de futebol de mulheres do Esporte Clube Radar surgiu em 1981 nas areias de Copacabana com uma equipe de futebol de areia. A equipe de mulheres do radar participou de competições nacionais e internacionais, inclusive representando o Brasil. Maiores informações sobre a equipe podem ser acessadas na pesquisa de Caroline Soares de Almeida (2013) intitulada "Boas de Bola": Um estudo sobre o ser jogadora de futebol no Esporte Clube Radar durante a década de 1980.

E uma bela época vimos, quando eu tinha doze, treze anos, vimos um anúncio na Zero Hora dizendo “Peneirão” para equipe profissional, para equipe adulta do Inter”. E meus pais me levaram lá, e o que aconteceu, sempre me levavam, me buscavam, meus pais tinham o maior cuidado, eu era muito nova (LUIZELLI, Eduarda, 2015, p. 3).

Segundo Rosa, os contatos para jogar futebol eram feitos por intermédio de Duda, que buscava sempre algum lugar para praticar. Em sua entrevista, narra que ela e Eduardo se revezavam para acompanhar a filha nos treinos e partidas, evidenciando uma preocupação relacionada ao ambiente predominantemente ocupado por homens:

Assim, ela se virava, conseguia contatos não sei como, mas ela conseguia. “Vou jogar lá, vou jogar lá”, mas nós sempre acompanhávamos porque naquela época era um negócio muito difícil, eu não podia deixar uma menina de treze, quatorze anos, quinze depois, solta, não tinha como deixar, ainda mais em um meio que tinha muito homem, então, nós cuidávamos muito desta parte, a gente se revezava, quando eu podia eu ia, quando eu não podia o Eduardo ia. Por termos comércio próprio conseguíamos fazer isto. Então a gente se revezava, sempre acompanhamos ela (LUIZELLI, R., 2015, p. 2).

Eduardo conta que não lembra ao certo como se deu o início de Duda no clube, mas que participou de muitos momentos com a filha nesse período:

Olha eu vou ser sincero, já são tantos anos que eu não me lembro assim se eu levei ou se ela foi, eu sei que me lembro muito bem que eu acompanhei muitas viagens; nós sempre acompanhamos de perto, mas eu não lembro se fui eu que levei ela lá no Inter ou se foi por vontade própria, ou por alguém ter convidado, isso eu não sei te dizer certo, não me lembro (LUIZELLI, Eduardo, 2015, p. 2).

Seu talento com a bola não passou despercebido pelo clube e Duda foi selecionada para fazer parte da equipe adulta. Nessa época não existiam categorias de base muito menos escolinhas de futebol específicas para meninas. Os times eram formados por mulheres já na fase adulta e as meninas mais novas que tinham gosto pelo futebol deveriam se encaixar nessas equipes. Apesar da pouca idade, Duda brigava por espaço no time das veteranas. Em sua entrevista narra a dificuldade que sentia para se inserir na equipe em função da disparidade de idade, ainda que não faltasse nenhum treino:

Na época eu era centroavante, era a quinta centroavante da equipe. As meninas treinavam físico duas vezes por semana, terça e quinta, e chegava no sábado tinha um coletivo. Muitas vezes treinei sábado, quinta... Não faltei a nenhum treino que eu me lembre, chegava no coletivo, eu nem fazia o coletivo, por que eu era muito nova, então, não fazia o coletivo (LUIZELLI, Eduarda, 2015, p. 3).

A equipe era coordenada pelo treinador Éverton Ávila e por sua esposa e jogadora, Elisabete Amorim, que levou as meninas do Pepsi Bola para jogar no Internacional. Elisabete, graduada em Educação Física pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, é citada como uma das percussoras do futebol de mulheres dentro no clube colorado. Além disso, era preparadora física da equipe de futsal juvenil de homens e Éverton, o treinador. Junto aos meninos do juvenil a equipe das mulheres fazia viagens pelo estado, intercalando futebol de campo e futebol de salão, que caminhavam paralelamente naquele período. Os treinos eram realizados durante a semana no ginásio do Internacional, conhecido como Gigantinho e, por vezes nos campos suplementares do estádio Beira-Rio aos sábados. Carlos Renato Lopes, ou Camarão como é conhecido, pertencia à categoria juvenil de futsal do clube nesse período e foi nesta ocasião que conheceu Duda, com quem viria a se casar alguns anos mais tarde. Na sua entrevista descreve que as meninas viajavam pelo interior do estado e faziam partidas até mesmo contra equipes de homens quando não encontravam equipes de mulheres para realizar os confrontos:

Eu me lembro delas nas viagens do interior, Santa Maria esses lugares assim muito interior que elas jogavam, muitas vezes até contra os times masculinos de coroa assim de massa, mas elas se apresentavam era time do Inter, camisa do Inter (LOPES, 2016 p. 4).

As viagens e excursões impulsionavam a arrecadação de fundos, visto que o clube não remunerava o plantel. Os patrocínios eram obtidos através das ações de Elisabete e Éverton, como evidenciado por Renato:

[...] o Inter fazia muitas viagens pelo interior do estado para arrecadar fundos e o juvenil e o feminino por terem o mesmo treinador sempre iam juntos nessa viagem, então, as meninas iam de um lado do ônibus, os meninos do outro, mas a gente ainda era muito jovem e as meninas eram adultas, fora a Duda, a Bel um pouco mais novas (LOPES, 2016, p. 1).

Segundo Bel, o valor arrecadado dos patrocínios e recolhidos por Éverton e Elisabete, era distribuído para as atletas que se destacavam mais, levando em consideração suas habilidades técnicas. A atleta ainda relata que não eram todas que recebiam e que o valor recebido era irrisório comparado as cifras direcionadas aos homens. Bel narra que “no final do mês tinha um *envelopezinho* com o nome, era o nosso salário”. E quando questionada sobre a quantia, responde: “Bah”[risos]. Deixa eu ver... Na época, trezentos... Comparando com agora acho que uns trezentos reais, quinhentos reais... (NUNES, 2016, p. 4).

Quanto à infraestrutura para a atuação na equipe, às meninas eram oferecidos os materiais de treino e de jogo, a comissão técnica (treinador, preparador físico, preparador de goleiras, tesoureiro, etc.) e o local de treinamento (o ginásio do Gigantinho e o campo suplementar do estádio). Bel cita que apesar de ter uma equipe de profissionais envolvidos com a equipe, não era o clube que viabilizava as viagens.

Não era o clube, nunca foi. O que acontecia é que a gente tinha alguns apoios, a gente tinha diretor, tesoureiro, a comissão técnica: preparado físico, de goleiras. Isso aí a gente tinha. Mas a gente tinha essas pessoas, também que é uma grande... (NUNES, 2016, p. 4).

O objetivo da equipe era disputar a II Taça Brasil de Futebol Feminino que aconteceria em Campinas, São Paulo. Duda relata que este foi seu primeiro campeonato oficial, e que o jogo de disputa do terceiro lugar da competição marcou o início de sua trajetória como jogadora de futebol.

E no meu primeiro Campeonato Brasileiro em Campinas eu tinha treze anos, na categoria adulta, não joguei nenhum jogo, chegou à decisão de terceiro e quarto lugar, que era o último jogo, faltavam 15 minutos para acabar o jogo, o professor me chamou: “Vem, vem Duda”. Eu fui lá. O jogo estava dois a dois. Porque eu batia bem bola parada, pênalti. Vou entrar no final para bater o pênalti. E a primeira bola que veio para mim em um lançamento da goleira, dei o toque um pouco errado para frente, saí correndo e as zagueiras ficaram dormindo, saí correndo. Sabe aquele gol que o Pelé não fez que ele deu um rabo de vaca no goleiro? Eu fiz exatamente, só que a única diferença foi que a bola entrou no gol. Depois dali, imagina! Com treze anos [...] Aquele dia foi o máximo da minha vida [...] (LUIZELLI, Eduarda, 2015, p. 2-3).

Neste período o futebol de mulheres no Brasil estava começando a se estruturar visto que sua regulamentação aconteceu apenas em 1983. Os primeiros campeonatos foram, portanto, significativos para quem os viveu visto que promoviam encontros antes inexistentes. Segundo Mourão e Morel (2005, p. 77)

As práticas esportivas seduziam e desafiavam muitas mulheres que, indiferentes às convenções normativas, morais e sociais, aderiram à sua prática. Incentivadas ou não a participarem de determinadas modalidades, a ampliação da participação feminina no esporte possibilitou a emergência de algumas competições de grande porte, destinadas exclusivamente às mulheres.

Além de competições nacionais, a equipe colorada disputou os campeonatos estaduais, até então, organizados pela Federação Gaúcha de Futebol. O presente estudo não alcançou informações amplas sobre as edições dos Campeonatos Gaúchos que ocorreram na década de 1980. No entanto, a partir das narrativas das pessoas entrevistadas e de dados oriundos do acervo pessoal de Duda, inferimos sua possível existência nos anos iniciais desta década. Segundo Bel existiam algumas equipes no período, o que pode ter provocado um campeonato regional.

Inter de Santa Maria, Esportivo de Bento, Cerâmica de Gravataí, Inter e Grêmio... Não tinha muitas equipes, e tinha Pelotas? Não lembro se Pelotas tinha na minha época, tinham seis equipes, mas era bem legal porque nós fazíamos as preliminares dos Campeonatos, um monte de coisa que não tem, que não acontece, era muito legal. Esse apoio a gente tinha do Campeonato, e o Campeonato eu não me recordo era organizado pela Federação, eu não sei a partir de quando eles começaram a fazer os Campeonatos Gaúchos. (NUNES, 2016, p. 3).

A então jogadora Maria Giovana Eiserman, em sua entrevista menciona a existência de campeonato de nível estadual:

Então, quando eu vim pela primeira vez aqui para Porto Alegre, foi em 1984, nessa época que tinha o Campeonato Gaúcho, a gente veio... A nossa equipe lá de Santa Cruz, o Inter foi jogar lá e nos convidou para vir jogar aqui para entregar a faixa de campeã para elas em 1984 e o jogo foi no Estádio Beira-Rio [...] (EISERMAN, 2016 p. 3).

O Informativo da Federação Gaúcha de Futebol, datado de dezembro de 1993, fazia referência ao Sport Clube Internacional como tri-campeão do

Campeonato Gaúcho de Futebol Feminino na década de 1980: “Isabel Cristina de Araújo Nunes, a Bel, 27 anos é uma das mais experientes do grupo. Participou do famoso time do Inter, tricampeão gaúcho nos anos 80” (INFORMATIVO..., 1993).

No acervo pessoal de Duda encontrei, junto à fotos e recortes de jornal seu currículo referente ao período de 1990 à 1995. A primeira página do documento contém uma lista das competições nas quais participou e suas respectivas colocações. Duda aponta que no ano de 1986 foi Bi-campeã Gaúcha e, em 1987, conquistou o Tri-campeonato, ambos com o Sport Club Internacional.

Além destas informações, o currículo mostra que entre os anos de 1988 e 1991, praticamente não houve atividade da modalidade no estado. Em 1987, o Inter fechou as portas para as mulheres, extinguindo o Departamento Feminino e a Federação Gaúcha de Futebol não organizou campeonatos da categoria.

Figura 2 - Sport Club Internacional na década de 1980



Fonte: Acervo Pessoal de Duda

Vale destacar que a inserção de Duda no futebol gaúcho acontece pelo clube do coração, o Sport Clube Internacional quando tinha apenas treze anos. Seu sucesso em campo a fez disputar com veteranas a titularidade sendo que o grande reconhecimento aconteceu quando fez o famoso gol no Campeonato Brasileiro disputado em Campinas. No entanto, a carreira promissora sofreu em grande abalo com a extinção do Departamento Feminino do clube, esmorecendo seu sonho e o de

tantas outras meninas e mulheres que apostavam na estruturação do futebol de mulheres no Rio Grande do Sul.

4.3 DESCONTINUIDADES: INTERRUPÇÃO DAS ATIVIDADES DO SPORT CLUB INTERNACIONAL

Nesta seção pretendo abordar alguns aspectos relacionados às interrupções ocorridas no estado referentes ao futebol de mulheres. Por falta da organização de campeonatos de futebol de campo as atletas permaneceram na atividade praticando o futsal. Com isso, as jogadoras que compunham a equipe do Sport Club Internacional organizaram-se e criaram a equipe da Sociedade Esportiva Recreativa Bruxas. As Bruxas, como eram reconhecidas, faziam viagens pelo estado, competindo e fazendo amistosos contra diversas equipes. O futsal parecia estar sendo difundindo naquela época, o que ocasionou a existência de muitas equipes de mulheres.

No ímpeto de reorganizar as atividades do futebol de campo e com o surgimento da I Taça Havelange de futebol, por intermédio da Federação Gaúcha de Futebol, foi organizada a Seleção Gaúcha visando participar dessa competição que reuniria as seleções de diversos estados do país. A partir da sua inserção na Seleção Gaúcha de Futebol e por meio de um empresário, Duda teve a oportunidade de migrar em 1994 para Itália e disputar o campeonato Italiano pelo A.C. Milan. Enquanto isso, no Rio Grande do Sul, as atividades de futebol de campo permaneciam estagnadas. Após três meses na equipe do Milan, Duda transferiu-se para a equipe do Verona, onde ficou mais um ano e viveu um dos momentos mais difíceis de sua trajetória esportiva.

Dito isso, discorro a seguir sobre esses temas que emergiram das análises dos materiais coletados.

4.3.1 S.E.R. bruxas: futsal, um aliado em tempos de interrupção

O futebol de mulheres é caracterizado pelas suas constantes interrupções, principalmente quando se refere ao futebol de campo. Manter uma equipe requer, além de incentivo e patrocínios, o auxílio climático e um número considerável de atletas, visto que a regra exige onze atletas para cada time em um jogo oficial.

Suponho que as atividades do Sport Club Internacional não tenham chegado ao fim por conta destas duas últimas variáveis, no entanto, para o presente estudo não obtive informações suficientes que dizem respeito às interrupções do funcionamento do Departamento de Futebol Feminino no clube. Tendo o futsal como um aliado em tempos difíceis, Duda expõe as diversas facetas do futebol, que pode ser praticado de diversas maneiras:

Na época e até hoje o futebol feminino é futsal, futebol de sete, futebol de campo, enfim, jogávamos tudo que aparecia, e começamos a disputar vários campeonatos, uma série de eventos (LUIZELLI, Eduarda, 2016, p. 3).

O futsal é um esporte com maior facilidade de execução se relacionado ao futebol de campo, visto que é praticado em ambiente fechado, o que independe das ações climáticas, e demanda a metade de jogadoras. Nos anos de 1990 a Confederação Brasileira de Futebol de Salão (CBFS) desligou-se da Federação Internacional de Futebol de Salão (FIFUSA) e cedeu à FIFA o direito de organizar a modalidade, assim como aderiu às novas regras propostas pela entidade. Despontou, então, o termo futsal, em detrimento de futebol de salão, como proposta voltada para a possibilidade de internacionalizar o jogo e assim difundi-lo mundialmente (KESSLER, 2010).

As meninas do Internacional, que já defendiam o clube jogando futebol de salão, interessadas na manutenção do ofício criaram o S.E.R. Bruxas. A equipe mantinha seus treinamentos no ginásio do Partenon Tênis Clube, em Porto Alegre e mobilizava-se pelo estado a fim de participar de torneios e campeonatos de futsal, que naquela época não se extinguiram e, de certo modo, mantinham viva a prática do esporte entre as mulheres. Em um período no qual os departamentos de futebol de campo dos clubes gaúchos estavam desativados, a equipe das Bruxas viajava pelo estado e conquistava diversos títulos tanto no futsal como no futebol sete e *beach soccer*. Cidades como Bom Princípio, Nova Prata, Caxias do Sul e Capão da Canoa, foram palco para a exibição das Bruxas. Segundo Bel:

Então assim, teve muito... Durante esses anos tiveram muitas interrupções, teve muitas paradas. “Agora o futebol feminino vai alavancar” e não, parava. Parecia que ele ia deslanchar e ele parava entendeu? Às vezes ficava até sem ter um campo, sem ter o Inter, sem ter o Grêmio aí ia todo mundo para o futsal (NUNES, 2016, p. 5).

De acordo com a atleta, a equipe foi montada conforme a afinidade entre as jogadoras sem deixar de lado suas habilidades com a bola, afinal, era um coletivo competitivo, acostumado a colecionar vitórias: “Nós reunimos as melhores atletas, por afinidade também e fizemos a equipe, era uma equipe muito forte também (NUNES, 2016, p. 6). A qualidade técnica das jogadoras era exaltada pelos jornais que demonstravam a surpresa do público em relação ao futebol apresentado pelas gurias. Duda era constantemente ressaltada com um dos destaques da equipe das Bruxas, tanto pela habilidade quanto pelos gols marcados conforme identificamos na reportagem abaixo:

Considerada uma jogadora de exceção, ela consegue atrair um grande número de torcedores, nos fins de semana, no Ginásio da Rua Cabral, bairro Rio Branco. Ela se destaca no futebol de salão feminino. Eduarda Marranghello Luizelli, a Duda, joga tanto de ala como de frente e faz sucesso com a camisa 10 das Bruxas Pneurama [...] O clube no momento está angariando fundos através de rifas para jogar em Goiânia, num amistoso previsto para julho, contra a Seleção Brasileira. “Pretendemos divulgar o futebol feminino gaúcho. Como não tem um Inter ou um Grêmio por trás, não existe apoio” reclama. (DUDA..., 1991, p. 16).

No ano de 1992, além de ser campeã estadual de futsal de forma invicta, Duda consagrou-se como goleadora da competição, marcando treze gols em seis jogos. Foi também campeã e goleadora do Campeonato Metropolitano do mesmo ano, com vinte e cinco gols em dez jogos. Posteriormente, em 1993, as Bruxas conquistaram o Bi-campeonato Metropolitano e o vice-campeonato Estadual de Futsal. Além das Bruxas, outras cinco equipes participaram do Campeonato Metropolitano de Futsal de 1993: Navegantes, Independente, Funil/Kombisul, Onda/Sander Stortz e AE CRT (FEDERAÇÃO..., 1993).

Na falta de torneios para participar, as Bruxas buscavam alguns recursos para divulgar sua existência e também promover competições. Um deles era a divulgação em jornais com interesse em encontrar adversárias ou até mesmo adversários. Vejamos um deles: “**As Bruxas** – Time de futebol feminino que joga campo e salão,

está aceitando jogos em todo o estado. Até contra os barbados. A Bel, a Duda, a Marina e a Sílvia comandam o espetáculo [...]” (VAZ, 1991, p. 18).

O futsal, durante longo período caminhou paralelamente ao futebol de campo na trajetória esportiva de Duda. Não há como desvincular um do outro. O futsal por algum tempo foi o meio das atletas permanecerem em atividade no estado exatamente pelas facilidades já supracitadas. Praticamente as mesmas protagonistas que fizeram a história do futebol de campo no Rio Grande do Sul, são as mesmas que marcaram presença nos primeiros torneios de futsal disputados no estado. O atrativo de qualquer esporte é a competição. O futebol de mulheres sofre com as descontinuidades da modalidade com a ausência de campeonatos sistemáticos o que coloca as equipes na dúvida se permanecerá ou não de um ano para o outro. Essas dúvidas são constantes e ainda pairam no universo do futebol praticado por mulheres. Nesse sentido, o futsal representa um refúgio, uma chance para quem não quer interromper suas atividades. Segundo narra Maria Giovana:

Nos juntávamos dois meses para treinar e jogar um Brasileiro quando tinha Brasileiro, porque não era sempre que tinha Brasileiro, eles faziam assim, sei lá, porque cargas d'água não tinha todos os anos, então, quando nós íamos era assim. Daí parava, acabava aquele campeonato a gente voltava a jogar salão, jogar torneio, até mesmo campeonatos (EISERMAN, 2016 p. 06)

A migração das jogadoras entre as várias formas de jogar o futebol não era uma realidade exclusiva do Rio Grande do Sul. Em entrevista concedida para o Centro de Memória do Esporte, Sisleide Lima do Amor (Sissi), relata que o futebol de salão estava mais estruturado, comparado ao futebol de campo, no estado de São Paulo no final da década de 1980 e início da década de 1990. Conta que se mudou da Bahia para a capital paulista contatada para jogar futebol de salão no Sport Club Corinthians, transferiu-se para a equipe da Borndon e logo após para a equipe da Marvel, que segundo ela “pagaram e pagaram muito bem” (AMOR, 2015, p. 07). Em sua ida para o time da Sabesp, acrescenta que meninas que jogavam no Rio de Janeiro migraram para São Paulo por conta do futebol de salão e que somente após a Copa do Mundo de 1991 na Suécia que as entidades começaram a valorizar mais o futebol de campo (AMOR, 2015).

Duda permaneceu na equipe das Bruxas até 1994, quando viajou para Itália. Entre os treinos e competições de futsal, aliava seu curso de graduação em

educação física no Instituto Porto Alegre (IPA), no qual ingressou em 1989 e finalizou em 1993.

4.3.2 Seleção Gaúcha

As atividades do futebol de campo estavam estagnadas no estado desde 1987. As atletas que compunham os departamentos dos clubes migraram para o futsal para que pudessem se manter em atividade. Até que em 1993, por intermédio da Federação Gaúcha de Futebol, criou-se a Seleção Gaúcha de Futebol Feminino com o propósito de disputar a I Taça João Havelange do ano de 1994, conforme relata Ivete Gallas:

Só em 1993 a Federação Gaúcha teve um Campeonato Brasileiro de Seleções e o Inter não tinha mais equipe, não tinha nenhuma equipe de futebol de campo no Rio Grande do Sul (GALLAS, 2015 p. 4).

A competição reuniu vinte e três seleções estaduais³⁵ e foi sediada em oito cidades: Porto Velho (RO), São Luiz (MA), Recife (PE), Vitória (ES), Gurupi (TO), Capão da Canoa (RS), Petrópolis (RJ) e Campos do Jordão (SP). O campeonato foi elaborado com o intuito de observar jogadoras para compor o grupo de atletas que seriam convocadas para seleção brasileira de futebol, visando a preparação para o Campeonato Sul-Americano de 1995 e a Copa do Mundo de 1995 a ser realizada na Suécia, assim como os Jogos Olímpicos de Atlanta de 1996.

A FGF organizou uma seletiva em novembro de 1993 para montar o coletivo que iria defender o Rio Grande do Sul na competição, como relatam Ivete Gallas e Maria Giovana Eisermn, atletas selecionadas no teste.

Eles convocaram as atletas para fazer uma peneira lá no campo suplementar do Beira-Rio. “Bah!”. Eu cheguei lá e era tanta mulher no campo e o pessoal que a gente conhecia só ria. Era muita gente! Todo mundo queria ser da Seleção Gaúcha. Então eles foram eliminando, foram selecionando (GALLAS, 2015 p. 4).

³⁵ Grupo A: Rondônia, Acre, Amazônia e Roraima; Grupo B: Maranhão, Pará, Amapá e Piauí; Grupo C: Pernambuco, Ceará, Rio Grande do Norte e Paraíba; Grupo D: Espírito Santo e Mato Grosso do Sul; Grupo E: Tocantins, Goiás, Distrito Federal e Minas Gerais; Grupo F: Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul; Grupo G: Rio de Janeiro, Vencedor B, Vencedor C e Vencedor D; Grupo H: Bahia, Vencedor A, Vencedor E e Vencedor F (INFORMATIVO..., 1993).

Fizeram uma peneira para fazer a Seleção Gaúcha em 1994, foi aí que eu conheci a maioria das gurias que estão aí nessas fotos. Ficamos um bom tempo treinando nos campos suplementares do Inter e jogamos aquele Campeonato Brasileiro (EISERMAN, 2016 p. 4).

O Jornal Zero Hora do dia 3 de novembro destacava a seletiva exaltando o número expressivo de participantes: “Das noventa e quatro mulheres que se apresentaram, 35 foram aprovadas e começam os treinos para o campeonato brasileiro em Cuiabá (NORONHA, 1993, p. 51)”. Forneceu ainda a lista das aprovadas salientando que daquele selecionado apenas dezoito permaneceriam para a disputa do torneio. Ainda que pareça ser a favor do futebol de mulheres, a reportagem comete alguns deslizes ao comparar mulheres e homens e ainda dar ênfase as qualidades estéticas das jogadoras. Na mesma matéria, Raquel de Souza Noronha³⁶ e Sandra Beatriz de Oliveira, foram apelidadas de Romarinho e Maradona, respectivamente, em virtude de aparentarem características físicas semelhantes aos jogadores citados. “Romário e Maradona lado a lado só mesmo na seleção gaúcha de futebol feminino”. A beleza de Bel, eleita a “musa” do futebol de mulheres na década de 1980 e de Duda, também ganha relevância na matéria que tinha o objetivo de falar sobre a seleção gaúcha: “E mulheres que se encaixam no melhor padrão de beleza da época, aliando ao corpo bonito uma invejável intimidade com a bola, caso de Isabel Cristina de Araújo Nunes, a Bel e Eduarda Luizelli, a “Duda”. E para finalizar a matéria carregada de representações em torno do corpo da mulher, um lampejo de bom senso:

São mulheres, apaixonadas pelo futebol que jogam sem recompensa financeira alguma, treinam nas poucas horas de folga que a atividade profissional lhes possibilita, e enfrentam com bom humor o preconceito de uma sociedade que considera futebol coisa de macho (NORONHA, 1993, p. 51).

Duda foi uma das trinta e cinco escolhidas na seletiva e posteriormente compôs o plantel das dezoito atletas do técnico Ciro Rios que representariam o Rio Grande do Sul. Os treinos aconteciam no Estádio Beira-Rio, no campo suplementar de duas a três vezes por semana, dependendo da disponibilidade das atletas.

³⁶ Mudou-se para São Paulo em 1997 e no mesmo ano foi convocada para a Seleção Brasileira de Futebol. Participou da Copa do Mundo de 1999 nos Estados Unidos em que o Brasil obteve o 3º lugar. Fez parte do grupo que foi para os Jogos Olímpicos de Sidney em 2000, no qual a seleção alcançou a 4ª colocação.

Inicialmente a primeira partida seria disputada em Cuiabá, como referido pelo jornal Zero Hora, mas por conta da desistência da equipe de Mato Grosso o jogo foi transferido para Capão da Canoa (RS).

Antes da estreia no campeonato a equipe gaúcha fez dois amistosos, o primeiro contra a equipe de mulheres do Taquariense (Alto do Taquari) e o segundo contra a equipe de homens de Tramandaí, no qual Duda era apontada como destaque segundo o Jornal da Federação Gaúcha de Futebol, ao lado de Bel, Romana³⁷, Iolanda³⁸, Alemoa³⁹ e Nana⁴⁰: “Duda arrasou, roubando o espetáculo, dando dribles desconcertantes em seus adversários, mostrou muita categoria e promete abafar no campeonato” (FUTEBOL...,1993, p. 7).

O primeiro jogo da I Taça João Havelange da etapa sul, ocorreu no dia 15 de janeiro de 1994, contra a Seleção de Santa Catarina, no Estádio Mariscão em Capão da Canoa. Uma goleada marcou a estreia do plantel gaúcho na competição, aplicando o placar de 4 a 0. O destaque da partida ficou por conta da atacante Raquel, a jogadora mais nova da competição com apenas quinze anos. No segundo desafio, contra a Seleção do Paraná, outra goleada, desta vez pelo placar de 7 a 1, o que deu a vaga para Seleção Gaúcha disputar a fase semifinal da competição. Outro grupo foi formado e as adversárias agora eram a Seleção de Tocantins, a Seleção do Amazonas e a Seleção da Bahia.

A segunda fase foi disputada na cidade de Campos do Jordão (SP), com início no dia 30 de janeiro. Após vinte quatro horas de viagem dentro de um ônibus a equipe gaúcha estreia com largo placar sobre Tocantins. Bel, Bete e Raquel marcaram duas vezes. Duda, Márcia e Ivete marcaram uma vez cada, somando o escore de 9 a 0 no Estádio Municipal de Campos do Jordão. O jogo seguinte foi arrematado pelas gaúchas pelo placar de 2 a 1, necessitando apenas de uma vitória contra a Seleção Baiana para passar à final. O que não aconteceu. A derrota por 4 a 1 encerrou a participação das meninas na competição, mas a boa campanha garantiu o terceiro lugar para a Seleção Gaúcha no primeiro campeonato brasileiro entre seleções. Como relata o Jornal Zero Hora de 7 de fevereiro de 1994.

³⁷ Romana Schmidt foi jogadora do Sport Club Internacional nas décadas de 1980 e 1990 e da Seleção Gaúcha de Futebol de 1993/1994.

³⁸ Iolanda Vargas atuou na Seleção Gaúcha de Futebol de 1993/1994.

³⁹ Iranês Golembieski atuou na Seleção Gaúcha de Futebol de 1993/1994.

⁴⁰ Aliana Alvares da Rosa atuou na Seleção Gaúcha de Futebol de 1993/1994.

A seleção gaúcha de futebol feminino, integrada por jogadoras de destaque, como a ponta-direita Bel e a meia Duda, ficou em terceiro lugar no campeonato brasileiro após perder ontem para a seleção baiana [...] (SELEÇÃO... 1994, p. 5).

A presença de reportagens como estas indicam que, neste período, a mídia estava atenta aos acontecimentos que envolviam o futebol de mulheres no Rio Grande do Sul. É importante salientar, que não eram todas as atletas que desfrutavam de espaços nos meios midiáticos. Duda foi privilegiada neste quesito, muito em virtude de sua aparência que reforçava um padrão hegemônico de feminilidade, como ressalta o Jornal Zero Hora de 10 de janeiro de 1994:

Os belos olhos claros desta meia-direita da seleção gaúcha e os brincos que esqueceu de tirar para jogar contra os veteranos são apenas uma amostra de que não falta feminilidade às meninas do futebol (MOTTA, 1994, p. 3).

Tal matéria indica a relevância atribuída a afirmação da feminilidade da mulher futebolista. Em reportagem realizada durante a I Taça João Havelange, o mesmo jornal citado à cima, mostra Duda e Bel em um momento de descontração na praia de Capão da Canoa (Figura 3). O título da reportagem faz referência às “musas” do futebol. Trechos como: “Juntas as duas vêm colorindo o verão no litoral gaúcho, exibindo graça e beleza no Estádio Mariscão [...]”; “Dupla habilidosa: as duas jogadoras de futebol exibem beleza e graça dentro e fora dos gramados gaúchos”; “Duda, 22 anos, recebe muitas cantadas”; “Bel, 27 anos tem admiradores em São Paulo”, corrobora com as afirmações de Moura de que

Há uma insistência neste tipo de reportagem, que tenta mostrar ao público leitor que, no futebol feminino, só há lugar para a mulher que cause suspiros no público masculino, não pelas jogadas de técnica e efeito, mas pelos traços atraentes e sensuais que possa ter (MOURA, 2015, p. 101).

Figura 3 - Musas do Futebol



Fonte: Acervo Pessoal de Duda

Essa representação fica evidente na narrativa de Fernanda Portinho Vlasak, ex-jogadora do Grêmio e do Internacional que em sua entrevista menciona:

Eu acho que, engraçado isso do futebol feminino comparado com os outros esportes, pra mim, ao meu ver o futebol feminino eles querem muito ter aquela coisa da beleza da mulher, a parte feminina da mulher. Poxa tem tanto esporte que não tem isso, feminino, que eles não enxergam isso e no futebol feminino ele tem sempre aquela coisa: "Mulher tem que ser feminina"; "A mulher tem que usar batom". Se tu for ver nas reportagens tem muito isso, eles ficam muito nisto (VLASAK, 2015, p. 12).

Duda e Bel eram frequentemente acionadas pela mídia para divulgar o futebol das mulheres. Ao mesmo tempo que apareciam em função de sua aparência, de certa forma a imprensa visibilizava a modalidade no estado ainda que centralizada na carreira destas duas atletas. Segundo Ivete Gallas, Duda soube usar a mídia tanto a seu favor quanto em prol do futebol de mulheres no estado.

Ela tinha essa facilidade da questão da mídia, então, ela foi uma atleta que apareceu muito mais. Ah, tinha uma reportagem, era com a Duda que já era conhecida e mais alguém que se destaca. Então a Duda sempre usou muito isso, ela sempre soube usar essa parte de marketing em favor até de conseguir manter as próprias equipes dela [...] Mas ela utilizou muito isso e isso auxiliou muito porque muitas vezes o futebol feminino só apareceu porque eles queriam mostrar a Duda. Isso acaba auxiliando porque a mídia não foca muito no futebol feminino, de vez em quando lá uma reportagem (GALLAS, 2015 p. 30-31).

Para Fernanda, a feminilidade que Duda exibia auxiliou na construção de sua carreira ao longo dos anos:

Acho que nisso a Duda ganhou muito também, porque a Duda sempre foi uma menina, comparada com as outras, muito mais feminina. Se preocupava mais com isso, era uma guria bonita e eles ficam muito nisso, muito nisso e talvez isso seja uma barreira para ter uma aceitação maior do futebol feminino, na minha opinião (VLASAK, 2015 p. 12).

Isabel Cristina Nunes, popularmente conhecida como Bel, se inseriu no futebol com os meninos, ao redor dos campos de várzea de Porto Alegre em que seu pai jogava. De uma família de classe média é a caçula de três irmãs. Junto a elas formou um time com mais algumas amigas e foram se aventurar no Nonoai Tênis Clube para um amistoso jogando futsal e lá ficaram para compor a equipe do clube que disputava campeonatos da modalidade. Bel conta que tinha entre doze e quatorze anos e competia com meninas adultas por não haver torneios que contemplassem as mais novas. Do Nonoai ingressou ao Pepsi Bola, equipe de futebol de campo na qual ocorreu sua transferência para o Internacional, onde conheceu Duda. A diferença de idade entre as duas é de cinco anos, ainda assim eram as mais novas da equipe e daquela geração de protagonistas. Bel ficou conhecida nos gramados Rio-grandenses pela sua habilidade técnica e pela facilidade que tinha em lidar com a bola além, de sua beleza. Teve passagem pela seleção brasileira de futebol sendo Bi-campeã Sul-americana e foi a última jogadora cortada da lista de atletas que iam para os Jogos Olímpicos de Atlanta em 1996. No final da década de 1990 deslocou-se para a equipe rival de Duda, o Grêmio, onde foi campeã gaúcha de futebol nos anos de 2000 e 2001, contra a equipe do Internacional. Após o término da carreira abriu uma escolinha de futebol, somente para meninos, e mudou-se para Santa Catarina. Durante longo período foi uma das

referências, junto com Duda, do futebol de mulheres do Rio Grande do Sul. A dupla trilhou uma trajetória esportiva similar. Para Maria Giovana, Bel era sua referência como mulher que jogava futebol, achava Duda também uma excelente jogadora, mas cita Bel como uma “jogadora completa”:

a minha referência é a Bel, para mim a Bel é *a completa* assim. Por exemplo, a Eduarda tem habilidade, tem visão de jogo, tem tudo, mas a Bel é mais completa, na minha opinião. Ela defende, ela ataca, ela tem força, ela é alta, ela tem garra para jogar, então minha referência sempre foi ela. Ela é minha ídola, eu sempre brinco “tu é minha ídola” [risos], e ela dá risada. Mas pior que é mesmo, porque foi... Eu era pequena e elas jogavam muito, nossa senhora (EISERMAN, 2016, p. 5-6).

As mais visibilizadas não se destacavam na mídia unicamente pelas habilidades técnicas de uma jogadora de futebol, como agilidade, força e velocidade. Pois sob a ótica masculina isso não era o suficiente para se obter relevância. Isso é exemplificado no relato de Maria Giovana que foi eleita em uma das edições do Campeonato Gaúcho, como a Miss Grenal:

A Rádio Gaúcha transmitiu um desses Grenais e eu consegui a façanha de ser escolhida a *Miss Grenal* [risos]. Com tanta gurria que tinha, as gurias do Inter, tinha umas gurias bonitas lá e eu consegui essa façanha, não sei como. E elas riem e deboçam de mim até hoje por causa disso. Isso que estava a Bel e a Duda em campo (EISERMAN, 2016 p. 10).

A associação entre futebol e beleza acompanha a história da modalidade, sobretudo depois da sua regulamentação. A Paulistana, competição promovida pela Federação Paulista de Futebol que fazia as vezes de um Campeonato Paulista, é o exemplo desse imperativo. Como abordado anteriormente, esse campeonato ganhou repercussão nacional e polemizou os bastidores do futebol de mulheres em São Paulo no ano de 2001, quando seus organizadores impuseram como critério de participação, aspectos estéticos nas atletas, tais como não raspar os cabelos, além de limitar a idade das participantes em 23 anos. A estratégia de *marketing* que tinha como objetivo o embelezamento da competição não obteve sucesso, por conta da resistência das atletas e de seus treinadores (SOUZA JÚNIOR, 2013; JORAS, 2015).

Essa mesma associação permanece na longa duração. No dia 24 de novembro de 2014, por exemplo, o site Globo Esporte, via *Blog Pombo Sem Asa* elegeu “As 10 mais belas jogadoras do Brasileirão feminino”⁴¹. Segundo a publicação: “muitas jogadoras chamaram atenção não só pela qualidade técnica, mas também pela beleza”. No ano posterior, no dia 12 de junho, o mesmo blog fazia alusão a Copa do Mundo de Futebol Feminino: “Elas batem um bolão: confira as mais belas do Mundial de futebol feminino”⁴² [...]O **blog Pombo sem asa** selecionou algumas beldades que batem um bolão. Confira e escolha a mais gata”.

Ainda que a centralidade das reportagens publicadas na mídia estivesse direcionadas para a dupla Duda e Bel, a seleção gaúcha teve certa relevância no período de sua existência, entre dezembro de 1993 e fevereiro de 1994. No entanto, a assistemática de campeonatos e a pouca estrutura da modalidade no estado impediram sua continuidade e, durante os anos de 1994 a 2002 parece não ter havido nenhuma convocação.

Nas entrevistas realizadas com Duda, não há grande referência à Seleção Gaúcha, mas a mesma torna-se significativa visto que, assim como um marco na história do futebol de mulheres no estado, é a baliza para muitas das protagonistas que viveram da modalidade neste período. Ali, estavam as melhores jogadoras que representaram e deram visibilidade para o Rio Grande do Sul a nível nacional. Foi a porta de entrada para algumas atletas que vislumbravam uma profissionalização. Em entrevista para o Projeto Garimpando Memórias Márcia Tafarel⁴³ relata que a sua participação na Seleção Gaúcha foi o ponta pé inicial para almejar vôos mais altos:

Poxa! Fui convocada para a Seleção Gaúcha que foi representar meu estado, o próximo passo é eu continuar treinando para de repente eu jogar em alto nível quando tiver uma Seleção Brasileira, eu ser chamada também (TAFAREL, 2015 p. 8).

Maria Giovana Eiserman também cita a Seleção Gaúcha como o momento inicial rumo à sua convocação para a Seleção Brasileira:

⁴¹ Disponível em: <<http://globoesporte.globo.com/blogs/especial-blog/pombo-sem-asa/post/10-mais-belas-jogadoras-do-brasileirao-feminino.html>>. Acesso em: 25 nov. 2014.

⁴² Disponível em: <<http://globoesporte.globo.com/blogs/especial-blog/pombo-sem-asa/post/elas-batem-um-bolao-confira-mais-belas-do-mundial-de-futebol-feminino.html>>. Acesso em: 12 jun. 2015.

⁴³ Natural de Bento Gonçalves. Participou na primeira seleção brasileira de futebol de mulheres em 1988. Participou da Copa do Mundo de 1991 na China e da Copa do Mundo de 1995 na Suécia. Foi 4º lugar nos Jogos Olímpicos de Atlanta em 1996.

[...] depois da Seleção Gaúcha e do Cruzeiro veio um pessoal de São Paulo fazer uma apresentação aqui, um jogo amistoso com a gente, aí o cara, o treinador era o treinador da Seleção, não lembro o nome dele na época. Passou uns dois meses ele me convocou [...] (EISERMAN, 2016, p. 7).

Esta equipe também foi uma alavanca na carreira profissional de Duda, visto que, a partir do coletivo gaúcho, a mesma recebeu duas propostas para atuar no futebol estrangeiro. Situação rara para a época, uma vez que, apesar de estar em boa fase, a modalidade não havia se consolidado no país e as futebolistas ainda não eram consideradas moedas de troca.

4.3.3 CIAO Italia: una brasiliana nel calcio italiano

Após período de descontinuidade para o futebol de mulheres, a Seleção Gaúcha pontuou o recomeço da modalidade nos gramados gaúchos. Apesar de estar em atividade jogando futsal e participando de competições por algumas equipes do estado, a grande paixão de Duda sempre foi o futebol de campo. Duas alternativas surgiram para dar sequência ao trabalho como jogadora: Estados Unidos e Itália. A opção de ir para os Estados Unidos trazia junto a oportunidade de realizar uma especialização na área de Educação Física em uma universidade. Já sua transferência para a Itália, surgiu a partir de um convite do empresário Emir Parizotto, e se configurava como algo mais próximo do futebol profissional que Duda já havia vivenciado até então: jogar o campeonato italiano. A descendência italiana falou mais forte e Duda partiu no ano de 1994 para fazer testes no AC Milan.

Surgiu em uma época, a Seleção Gaúcha, com esta Seleção Gaúcha acabou surgindo um convite para eu ir para a Itália, na mesma época da Itália, também surgiu um convite para ir para Universidade de Carolina do Norte, que era a mesma universidade da Mia Hann, que era da mesma época que eu. Surgiram dois convites simultâneos, um era jogar no Milan da Itália e o outro era jogar na universidade nos Estados Unidos, e optei em ir para a Itália [...] (LUIZELLI, Eduarda, 2015, p. 3).

Essa possibilidade foi bem divulgada na mídia gaúcha. Além de ser Duda, uma presença frequente quando o tema era futebol e mulheres, a transferência de uma jogadora para um clube internacional era inédita no estado. Os jornais anunciavam: “Duda vai jogar no Milan da Itália” (FERREIRA, 1994); “Uma gaúcha

nos campos da Itália” (VEJA, 1994); “Do tênis estadual para o futebol italiano” (FEDERAÇÃO GAÚCHA DE TÊNIS, 1994, p. 14); “A primeira gaúcha a se transferir para o futebol estrangeiro” (ZERO HORA, 1994). Em um período que a migração de jogadoras para fora do país era fato raro, com vinte e dois anos na época, Duda foi uma das pioneiras a se transferir para o exterior e orgulha-se ao dizer que foi uma das primeiras brasileiras a ir para a Itália jogar futebol: “Fui a primeira, praticamente a primeira mulher a ir para Itália, abrir os caminhos, e foi matéria de Jornal Nacional, saiu em tudo quanto era lugar [...]” (LUIZELLI, Eduarda, 2015, p. 03). Em março de 1994 Duda pousava em solo italiano e após realização de testes físicos e técnicos assinou contrato de três meses com a equipe de Milão, período que restava para o encerramento do Campeonato Italiano. O sonho de se tornar uma jogadora de futebol concretizava-se.

Renato, então seu namorado, buscava o mesmo sonho de Duda e foi junto para Itália com o objetivo fazer testes e se inserir no futebol estrangeiro. Diferente da jogadora, não chegou com status de craque e durante longo período ficou realizando testes por toda a Europa. Renato conta que durante o tempo que os dois permaneceram juntos na Itália, o casal vivia do dinheiro que Duda recebia para jogar futebol.

[...] nós vivíamos com a grana dela porque não tinha, eu vivia de teste, a gente juntou um pouquinho pra ir que eu tinha que eu guardava, mas vivíamos da grana dela. Mas seguinte: a Duda ganhava tipo mil a minha primeira proposta no salão foi cinco mil, foi cinco vezes o que ela ganhava e eu fazia teste eu não tinha como dizer não, “né” (LOPES, 2015, p. 12).

A fala de Renato demonstra também a discrepância de salários entre futebolistas homens e futebolistas mulheres. A permanência de Duda no Milan durou o curto período de seu contrato: três meses. Nesse período participou de poucos amistosos e nenhum jogo oficial visto que o campeonato italiano já havia iniciado e sua inscrição não pode ser efetivada devido à contratação tardia. No entanto o segundo semestre de 1994 lhe reservava grandes surpresas. Após passar as férias de julho no Brasil, Duda retorna à Itália como o super reforço da equipe do Hellas Verona. O status passava de destaque brasileiro para estrela da equipe como anunciava o Jornal verones L’Arena:

Chegou ontem à noite ao aeroporto de Villafranca, vinda de Paris, com dois dias de antecedência para o retiro de San Zeno di Montagna, a nova estrela brasileira do futebol feminino do Verona. Se trata da jovem Eduarda Luiselli Marangello, de 23 anos, conhecida como “Duda”, atacante, proveniente da equipe do Internacional de Porto Alegre, o mesmo time que lançou o “romanista” Falcão⁴⁴ (VERONA...,1995).

Pela equipe do Verona Duda disputou a série A do Campeonato Italiano que contava com 14 equipes de diversas regiões do país, com início em setembro de 1994 e término em maio de 1995. Além deste desafio, disputou também a Copa da Itália, e já na estreia contra a equipe do Vittorio Veneto marcou três gols dos seis que deram a vitória ao Verona. A temporada no Verona era interrompida constantemente por convocações à seleção brasileira e lesões indevidamente tratadas, o que dificultou a afirmação de Duda como titular na esquadra italiana. Apesar de não conquistar nenhum dos dois títulos disputados, Duda deixou boas marcas nos gramados italianos, com belos gols e boas partidas realizadas. Tal afirmação advém de algumas reportagens em jornais da cidade de Verona que a atleta guarda em seu acervo pessoal e que fazem referência a sua atuação. O jornal *La Cronaca* (1995), por exemplo, ressaltava seu retorno após um período com a Seleção Brasileira: “A única nota positiva do dia é a volta da brasileira Duda. A estrangeira do Verona retorna assim a disposição do treinador veronês depois de ter disputado alguns jogos pela seleção brasileira”. *L’Arena* (1995) destacava sua atuação perante uma das melhores equipes da competição, a Lazio: “No início do segundo tempo, aos cinco minutos Duda bateu uma falta com grande categoria acabando com uma precisa intervenção de Russo (a goleira)”. *Rassegna Stampa* (1995) cobriu o pré-jogo entre Verona e Torino e ressalta: “Para o forte ataque é previsto um revezamento com a brasileira Duda, que sente dificuldades com o campo pesado”.

⁴⁴ Tradução livre feita por Rodrigo Augusto Mazzeo Bittencourt.

Figura 4 - Duda em ação no Verona



Fonte: Acervo pessoal de Duda

Renato lembra das dificuldades que Duda enfrentava para se firmar na equipe do Verona, em função das viagens que fazia ao Brasil para atuar na seleção brasileira. Em certa ocasião houve inclusive um desconto no seu salário por conta do desfalque à equipe.

[...] ela vinha na seleção nunca conseguia se firmar porque... E como não tinha essa história de data FIFA e tal, qualquer convocação chegava lá, mas os clubes não eram obrigados, hoje é assim também no feminino, eles só liberam aquelas Marta, Cristiane elas só vêm... Agora as gurias estão treinando aqui mas elas não estão nesse time permanente que está treinando, porque eles só liberam essas gurias em data FIFA. Os clubes não liberam e a Duda comprava essa briga: “Eu tenho que ir, eu tenho que ir...” E os caras indignados que ela ia e voltava, ia e voltava, o time já estava... E outra ela tinha que passar e ela se machucava [...] (LOPES, 2016 p. 10-11).

Após o término do Campeonato Italiano Duda opta por voltar ao Brasil, cansada das intermitentes lesões e incomodada com a direção do clube que não a apoiava quando se afastava para atuar na seleção nacional. Assim, em 1995, finaliza sua temporada de um ano no Verona.

Joguei uma temporada no Milan, depois joguei uma temporada no Verona, que assim que sai acabou sendo campeão italiano, foi uma experiência bem legal, apesar de que, me machuquei, mas como o Camarão foi comigo desde o início, então esta parte ainda foi mais tranqüila de agüentar lá, porque não é fácil ficar fora do Brasil, machucada, uma porcaria (LUIZELLI, Eduarda, 2015, p. 3).

Carlos também menciona em sua entrevista os sentimentos que Duda vivenciava quando estava naquele período, dividida entre a atuação no time italiano e na seleção brasileira:

[...] ai ela: “Tô voltando porque esses caras aqui...” Ela brigava com os caras ai eles descontavam dela porque ela vinha pra seleção, ela ficava puta porque: “Pô é pra seleção que eu tô indo”. Bah, uma confusão, daí voltou e eu fiquei lá (LOPES, 2016, p. 11).

Por ser estrangeira, Duda contava com algumas regalias junto ao clube que lhe ofertou hospedagem, alimentação, um carro (do clube) e um curso de italiano.

A valorização profissional é um aspecto frequentemente relatado pelas jogadoras que saem do país para jogar futebol. Condições de treinamento, estrutura do clube e estabilidade financeira são uns dos exemplos dados pelas atletas que jogaram no exterior. Pisani (2014) aponta quatro razões para a migração de jogadoras para fora do Brasil: 1) Experiência Cultural; 2) Ganhos Econômicos; 3) Fixar Residência; e 4) Por Amor. Sete das jogadoras que entrevistei tiveram a oportunidade de migrar para outro país, incluindo Duda, e todas descrevem que o tratamento que receberam é totalmente diferente do encontrado no Brasil. Bel, narra que sua transferência para a Itália aconteceu por meio de Duda e do mesmo empresário que intermediou sua contratação: “A Itália foi através da Duda. A Duda foi para Itália e o mesmo empresário que levou ela, queria me levar também” (NUNES, 2016, p. 8). Bel jogou no Torino Football Club por três meses e não especificou os motivos de sua saída. Em sua entrevista cita a disparidade existente entre os dois países no que se refere aos treinamentos e à contratação das jogadoras:

Eu morava com a Antonella Carta, que era a número dez da Seleção Italiana. A Antonella Carta para assinar contrato com um clube e outro, ganhava um carro zero quilômetros, um Audi, ganhava... Isso já em, eu fui para lá em 1994, muito tempo. É bem evoluído, os treinamentos eram diferenciados dos nossos, as equipes... (NUNES, 2016, p. 8).

Por vezes os empresários de futebol não se fazem presentes nestas transições de jogadoras. Como sugerido por Pisani (2014), as transferências de jogadoras de futebol são feitas à partir de “redes informais”, ou seja, pela falta de empresários que tratem destas transições, as próprias atletas servem de contato com os times indicando colegas para ingresso nos mesmos. Essa situação pode ser observada nas entrevistas que realizei com as atletas Célia Liése Brancão Ribeiro e Mônica Hickmann Alves que migraram em 2005 para atuar no futebol da Áustria. Em seus depoimentos contam que foram para esse país por convite e indicação de Rosana dos Santos Augusto⁴⁵ que primeiro levou Liése, e posteriormente, levou Mônica. Segundo esta última:

Então acabou aparecendo a oportunidade de ir para a Áustria, através da Rosana e da Liése, que jogavam lá há dois, três anos, começaram, acho que, em 2004 lá, e elas comentaram comigo, nós sempre passávamos as férias juntas, e elas acabaram falando que a equipe estava precisando de uma zagueira, que talvez seria uma boa ideia eu ir, só que eles não estavam contratando. Se eu quisesse ir eu teria que ir por conta própria, fazer um teste, passar por isso e, de repente, dar certo ou não (ALVES, 2015, p. 7).

Karina Balestra da Luz, narra que sua migração para Coréia do Sul aconteceu por meio de uma colega da equipe do ABD Botucatu, na qual atuava. Ainda que algumas contratações sejam finalizadas por representantes legais, elas iniciam entre as próprias jogadoras.

Fomos para o São Bernardo e daí lá eu meio que conversei com a Juliana Cabral, que era ex-capitã da Seleção Brasileira, medalha de prata nas Olimpíadas. Conversei com ela e falei: “Jú, é o seguinte eu quero ir para fora do Brasil de qualquer jeito em 2010, tenho que ir se não for agora depois vai ser difícil, então estou numa idade, estou numa fase boa e eu quero ir”. E ela: “me passa teu vídeo, teu DVD”. Ai surgiu um país bem perto Coréia do Sul [risos], bem pertinho daqui (LUZ, 2014, p. 6).

Pisani (2014) aponta que as jogadoras investigadas para o seu estudo acreditam que “o futebol é uma profissão e um meio de vida possível” (p. 03). As jogadoras entrevistadas para o presente estudo corroboram com a afirmação de

⁴⁵ Atuou no Sport Club Internacional de 2002 a 2004. Participou dos Jogos Olímpicos de Atenas em 2004 e Pequim 2008, nos quais conquistou a medalha de prata com a seleção brasileira de futebol. Participou da Copa do Mundo de 2007 conquistando o segundo lugar. Atualmente é atleta do Paris Saint-Germain.

Pisani, no entanto, apontam o exterior como meio possível para que a profissionalização aconteça, além de consideram que as brasileiras no exterior são mais valorizadas. Mônica quando questionada sobre a valorização recebida fora do país, evidencia:

Mas não tem comparação, chegamos lá e tínhamos uma casa só para nós, tinha toda uma estrutura de clube mesmo: plano de saúde, salário doze vezes no ano, mesmo estando de férias a gente estava recebendo. Coisas pequenas talvez, mas importantes para uma profissional. Qualquer estrutura médica que precisássemos eles estavam sempre dispostos a ajudar de qualquer forma. Tínhamos uma relação bem amigável com o clube, era profissional, mas sempre conseguíamos conversar e resolver tudo numa boa. Eles nos escutavam, perguntavam nossa opinião, o que eles achavam que podia melhorar, porque eles também confiavam muito no nosso trabalho, tinha essa relação muito boa, acho que isso ajudou bastante, talvez por isso tenha ficado tanto tempo. Quando tu te dá bem com o clube, com as pessoas, então, acaba sendo um ambiente melhor, mas em relação a estrutura tem muita diferença do Brasil para lá, campos, tudo, matérias, essas coisas básicas, a gente vê assim (ALVES, 2015, p. 9)

Karina também ressalta a diferença das condições de atuação entre o futebol brasileiro e o internacional, no caso, coreano:

Tapete vermelho [risos]. Assim sendo mais específica, tapete vermelho porque eu, por exemplo, era uma jogadora estrangeira. Eu saía na rua o pessoal me conhecia, no *shopping* o pessoal conhecia. Porque acompanham, porque passa na televisão e enfim, o pessoal vai no estádio sabe quem é quem, sabe quem é a jogadora tal. Que nem a Pretinha⁴⁶ que está lá. A Pretinha hoje se pode dizer que é a jogadora mais famosa que tem na Coreia, aonde ela vai todo mundo conhece e logo que eu cheguei lá, eu e as outras brasileiras também logo já ficamos conhecidas porque estrangeira é mais fácil tu saber (LUZ, 2014, p. 9)

Em relação aos ganhos econômicos, quando questionadas se em algum momento já haviam se sustentado jogando o futebol, o exterior apareceu como o lugar, muitas vezes o único, em que conseguiram, além de viver do futebol, obter bens materiais. Célia Liése Ribeiro, conta que conseguiu se manter, adquirir um apartamento, comprar um carro e ainda auxiliar os pais com um plano de saúde:

⁴⁶ Delma Gonçalves foi convocada pela primeira vez para seleção brasileira de futebol em 1991 e permaneceu até 2007. Participou dos Jogos Olímpicos de Atenas em 2004 e Pequim em 2008 conquistando a medalha de prata em ambas as edições. Foi medalha de ouro nos Jogos Pan-Americanos do Rio de Janeiro em 2007.

Sim, eu consegui construir uma parte da casa dos meus pais, consegui um bom... Quando estava jogando na Áustria conseguia pagar o plano de saúde dos meus pais, consegui juntar dinheiro para comprar um apartamento, me sustento disso. Hoje eu não ganho tão bem, mas não devo para ninguém Su, claro que tem coisas que não posso fazer que eu fazia antes, mas tudo é questão de programar “né” (RIBEIRO, 2015, p. 22).

Gabriela Luizelli, irmã de Duda, também vivenciou uma experiência internacional. Após finalizar o ensino médio, tentou ingresso em uma universidade nos Estados Unidos pleiteando uma bolsa por ser atleta de futebol, não obteve sucesso e acabou se deslocando para Itália, com o objetivo de adquirir a cidadania italiana em um clube de futebol de campo, o mesmo frequentado por Duda: Hellas Verona. Retornou para o Brasil, sem a cidadania. Concluiu o curso de Administração pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul e durante a graduação surgiu a oportunidade de jogar futsal na Itália, onde ficou durante dois anos jogando na equipe do Azzeta Gold Puma. A trajetória esportiva de Gabi se assemelha com a trajetória de sua irmã: início no Inter, passagem pela seleção, ida para Itália, formação superior. Em sua entrevista, Gabriela afirma que a Itália foi um lugar que conseguiu viver somente do futebol e até mesmo juntar dinheiro com o salário que ganhava do clube:

Sim, lá na Itália eu consegui me sustentar. Lá foi um lugar que eu guardei dinheiro, inclusive [...] E foi uma experiência legal, porque eu estava em outro país, conhecendo pessoas novas, uma língua nova, cultura nova e ainda ganhando dinheiro com aquilo [risos] (LUIZELLI, G., 2015 p. 13).

Patrícia Gusmão, assim como Karina Balestra também atuou na Coreia do Sul, afirma que o salário não era exorbitantes, mas que ainda assim, eram muito mais relevante que os valores recebidos para atuar no Brasil:

na verdade não é tanto, mas é que tu é acostumada a ganhar tão pouco no teu país, que aquilo lá se torna uma fortuna. E se tu for ver, não chega, não se compara com o que o futebol masculino ganha, mas ajuda muito (GUSMÃO, 2014, p. 11).

Além de rotas internacionais, identifiquei jogadoras gaúchas que também buscaram migrações dentro do próprio país sendo o destino mais procurado o eixo Rio-São Paulo. Tal opção se deu em função destes estados promoverem

campeonatos mais organizados e prestarem melhores condições de prática à partir de equipes mais estruturadas quando comparadas a times da Região Sul, Nordeste e Norte.

Convidada por Romeu Castro⁴⁷, Duda participou de alguns jogos pela equipe do Saad⁴⁸ quando se encontrava de férias no Brasil no período que jogava na Itália. Segundo matéria da Folha de São Paulo, Duda recebeu proposta para atuar na equipe do São Paulo Futebol Clube no ano de 1996. Mas como já havia estruturado a escolinha de futebol no Internacional só trocaria o clube colorado pelo paulista se o mesmo implantasse de igual forma uma escolinha somente para meninas, como existia no time gaúcho (RIO GRANDE..., 1996). No mais, Duda atuou somente em equipes gaúcha.

Gabriela Luizelli menciona em sua entrevista uma conversa que teve com Duda, em que a irmã mais velha foi sincera ao expressar que se a jovem almejava uma convocação para Seleção Brasileira e principalmente se desejava ter o futebol como profissão, teria que se mudar para São Paulo. Nas suas palavras: “A minha irmã falou ‘se tu vai querer ir, tem que ir para São Paulo, tu sabe disso’” (LUIZELLI, G., 2015, p. 13). As jogadoras citadas acima: Karina, Patrícia, Liése, Mônica e Gabriela iniciaram sua carreira profissional ao lado de Duda, primeiramente em sua escolinha e posteriormente como suas colegas de equipe no Sport Clube Internacional. Enxergavam nela a inspiração de que era possível sair do Brasil para jogar futebol, um possível caminho se esse era o sonho das meninas: “Jogar futebol, futebol feminino no Brasil, jamais ia ganhar notoriedade e eu não pagava as minhas contas” (LUIZELLI, Eduarda, 2015, p. 3-4).

Sobre sua própria atuação na Itália, Duda destaca em suas entrevistas alguns momentos nos quais vivenciou situações difíceis como, por exemplo, o período em que esteve lesionada na equipe do Verona. Sua contusão no joelho impossibilitou a disputa de alguns jogos pelo Campeonato Italiano e o descaso do clube incomodou tanto a atleta que decidiu voltar para o Brasil:

⁴⁷ Fundador do Saad Esporte Clube. Dirigente de futebol esteve presente com a seleção brasileira na Copa do Mundo de 1991 na China e na Copa do Mundo de 1995 na Suécia. Foi Diretor de Futebol Profissional do Ministério do Esporte em 2015. Foi fundamental para o desenvolvimento o futebol de mulheres na década de 1990.

⁴⁸ Equipe de futebol de mulheres fundada no ano de 1985, foi um dos clubes pioneiros na formação de categorias de base, administração e salários para as atletas conquistando vários títulos nacionais e internacionais sendo um dos destaques no anos 1990.

Acho que um dos mais difíceis foi quando eu me machuquei talvez, fora de casa, lá na Itália. Que foi quando eu decidi que eu não ia ficar lá em um lugar que as pessoas não estavam nem ai para ti porque tu estava machucada (LUIZELLI, Eduarda, 2016, p. 15).

Por fim, a ida de Duda para Itália ganhou grade repercussão no estado e posteriormente influenciou a migração de outras jogadoras gaúchas para o futebol exterior. Ao transferir-se da equipe do Milan para a equipe do Verona Duda ganhou maior relevância na mídia local, contudo, a atleta destaca que esse foi um dos períodos mais difíceis da sua carreira por conta das frequentes lesões que lhe limitavam a prática. Finalmente, identifiquei que as jogadoras que se deslocam para o exterior se consideram valorizadas profissionalmente nos clubes estrangeiros em virtude de aspectos relacionados ao tratamento pessoal e a remuneração profissional.

4.4 SELEÇÃO BRASILEIRA: SONHOS E FRUSTRAÇÕES VESTINDO A CAMISETA CANARINHO

Um estudo feito por Kessler (2015), em que compara o futebol de mulheres jogado em Porto Alegre e nos Estados Unidos, analisou o nível de participação de jogadoras porto-alegrenses de acordo com a sua percepção. As jogadoras analisadas apontam em ordem crescente de prestígio quatro níveis de participação que podem alcançar: 1) participação em campeonatos escolares; 2) participação em campeonatos gaúchos; 3) participação em equipes de São Paulo e 4) participação na seleção brasileira de futebol, sendo este o nível de maior ápice que uma jogadora pode alcançar. Fazer parte da Seleção Brasileira de Futebol é o topo para qualquer jogador ou jogadora que pratica este esporte no país. Para Duda esse foi um dos sonhos que conseguiu realizar.

Sua primeira convocação aconteceu no ano de 1994 quando já estava na Itália. A atleta chamou a atenção de olheiros antes de migrar quando participou do Campeonato de Seleções que foi realizado no mês de fevereiro daquele ano na cidade de Campos do Jordão. A primeira seleção de futebol de mulheres foi convocada no ano de 1988 para disputa de um campeonato mundial sediado pela China tendo como base a equipe do Esporte Clube Radar, (PISANI, 2014). O crescente número de jogadoras de futebol que emergia em diferentes países fez

com que a FIFA organizasse a primeira Copa do Mundo de Futebol Feminino no ano de 1991, na China.

Até então a única gaúcha convocada para a seleção brasileira havia sido Márcia Tafarel que participou da seleção de 1988, quando atuava no Saad. A competição que dava vaga para participação na Copa do Mundo era o Campeonato Sul-Americano, que ocorre atualmente no ano anterior à disputa do Mundial. No ano de 1995, a segunda edição da Copa do Mundo de Futebol Feminino foi disputada na Suécia e o Campeonato Sul-Americano ocorreu na cidade de Uberlândia, Minas Gerais. Em sua entrevista Duda relata que estava entre as convocadas para o Sul-Americano e exalta a conquista que teve junto à seleção brasileira: “Porque na época só existia Sul Americano, que joguei dois. Nós fomos bi e tri campeãs sul americanas e eu joguei” (LUIZELLI, Eduarda, 2015, p. 8). Nesta competição dividiu os gramados com jogadoras como Sissi⁴⁹, Pretinha, Formiga⁵⁰, entre outras que naquela época já eram consideradas craques de sua geração.

Figura 5 - Conquista do Bi-Campeonato Sul-Americano



Fonte: Acervo pessoal de Duda

⁴⁹ Sisleide do Amor Lima, disputou pela Seleção Brasileira de Futebol duas Copas do Mundo (1995 e 1999) e dois Jogos Olímpicos (1996 e 2000).

⁵⁰ Miraildes Maciel Mota, defende a Seleção Brasileira a 20 anos. Participou de cinco Jogos Olímpicos, conquistando a medalha de prata em Atenas 2004 e Pequim 2008. Participou de seis Copas do Mundo. Nos Jogos Pan-Americanos foi medalha de ouro em Santo Domingo 2003, Rio de Janeiro 2007 e Toronto 2015.

Apesar da vitória da equipe no Sul-Americano Duda não foi convocada para a disputa do Campeonato Mundial de 1995. Ainda assim nutria esperança em estar no elenco que participaria da primeira edição dos Jogos Olímpicos em que o futebol de mulheres figurava na programação oficial: Jogos Olímpicos de Atlanta em 1996.

Durante os preparativos para a competição Duda chegou a figurar em algumas matérias divulgadas pela mídia, conforme identifiquei na Revista Manchete publicada no dia de 13 de abril de 1996 cujo tema era a participação da seleção canarinho nos Jogos Olímpicos:

Futebol é só para homens? Era – no tempo da vovó. E quem está lutando contra preconceitos desse tipo é a gauchinha Eduarda Marranghello Luizelli, a Duda. Com a camisa do Internacional de Porto Alegre ou da Seleção Brasileira de Futebol Feminino, ótima de chute e de ginga desconcertante, ela é uma das primeiras forças da nova geração que vai encantando os gramados de toda parte. Duda reconhece que o time brasileiro precisa de organização e mais entrosamento, mas acha que com raça e talento, tem chances nos Jogos Olímpicos. Atlanta que se prepare: aí vão as meninas do Brasil. (LOPES, G., 1996, p. 28)

As meninas do Brasil participaram dos Jogos Olímpicos de Atlanta e surpreenderam com a conquista do 4º lugar⁵¹. Duda, no entanto, não foi convocada. Situação essa identificada pela atleta como uma das suas maiores frustrações em sua trajetória esportiva.

Uma das minhas maiores frustrações talvez, que é uma coisa que praticamente nunca falei, mas é uma coisa assim que... Nunca fui para uma Olimpíada, que era sempre a minha vontade de ir e eu sabia que poderia ir, foi na Olimpíada de Atlanta de 1996, que foi a primeira Olimpíada do Brasil e eu treinei toda a parte preparatória. Joguei o Sul Americano, fui bicampeã sul americana com a seleção brasileira [...] (LUIZELLI, Eduarda, 2015, p. 7).

Sem dúvida nenhuma como atleta, foi não ter ido a uma Olimpíada, não ter a oportunidade de ter ido a uma Olimpíada, até porque a primeira Olimpíada foi em 1996 quando aconteceu aquele problema ali, aí na outra eu já praticamente eu nem jogava mais, não era nem mais o meu foco treinar (LUIZELLI, Eduarda, 2016, p. 15).

⁵¹ Nos Jogos Olímpicos de Atlanta em 1996 a medalha de ouro foi conquistada pela seleção dos Estados Unidos, a medalha de prata ficou com a seleção da China e a seleção da Noruega conquistou a medalha de bronze.

Se para Duda essa foi uma das maiores frustrações vividas em sua carreira esportiva, para outra gaúcha, Márcia Tafarel, a participação nos Jogos Olímpicos de Atlanta foi um momento muito significativo da sua carreira. Nas suas palavras:

A partir do momento que eu fui convocada pela primeira vez, eu tinha esse sonho de disputar um Jogo Olímpico. Eu não sei, Jogos Olímpicos eram... Você escutava “*Jogos olímpicos...*” Então, era uma coisa que eu falava: “Nossa. Quando que vai ter futebol feminino na Olimpíada?” Sabe, porque eu queria disputar uma medalha de ouro pela Seleção Brasileira. Então, quando falaram que em 1996 o futebol feminino teria a primeira participação numa Olimpíada, eu falei: “Finalmente vou representar meu país, vou representar meu estado, vou brigar por uma medalha e vou participar de uma abertura de Olimpíada”. Esse era o meu foco: desfilar na abertura (TAFAREL, 2015, p. 17).

Apesar de conquistar o 4º lugar na competição, uma colocação importante para o Brasil, Márcia Tafarel sentiu-se frustrada por não participar da abertura do evento visto que a primeira fase de classificação aconteceu em Washington e não em Atlanta. Portanto, as jogadoras não participaram da cerimônia de abertura. “A gente assistiu no telão na Vila Olímpica em Washington, eu falei: “*Eu queria estar lá, eu quero desfilar*” e eu chorava quando entrou a Seleção Brasileira” (TAFAREL, 2015, p. 18).

Enfim diferente de Márcia Tafarel, Duda não conseguiu realizar seu mais sonhado desejo ainda que fosse novamente convocada para atuar na seleção. No dia 6 de dezembro de 1996 o Jornal Zero Hora publica a seguinte reportagem:

O futebol feminino do Internacional continua marcando presença. A jogadora Duda, 25 anos, pertencente à equipe gaúcha, é a atual titular da camisa oito da seleção brasileira que está realizando treinamento em São Paulo. Comandada pelo técnico Zé Duarte, as meninas entrarão em campo nos próximos dias 10, 12 e 14, para enfrentar a seleção da Escócia (DUDA..., 1996).

A atacante Bel também chegou à seleção brasileira no mesmo ano da primeira convocação de Duda, em 1994. Era uma época em que o certame canarinho era dominado por jogadoras que atuavam em São Paulo e Rio de Janeiro, portanto, integrar esse grupo seletivo era um grande desafio e também uma grande honra. Segundo Bel:

Existem muito mais equipes em São Paulo, eles têm mais competições... A Federação por mais que por muitos anos ela não tenha apoiado... A Federação do interior apoia muito. Eles têm todos esses clubes do interior então eles sempre tiveram... Por isso que tem muito mais atletas de São Paulo e do Rio, porque por mais que tenham... Eles têm muito mais apoio. Aqui a gente tem essa dificuldade mesmo (NUNES, 2016, p. 11).

Esta informação pode ser observada no documento de convocação da Duda, datado de 02/12/1997, no qual pude verificar que era a única representante de uma equipe gaúcha na lista das vinte e três atletas convocadas. Destas, doze atuavam no São Paulo Futebol Clube, cinco no Sport Club Corinthians, quatro na Associação Portuguesa de Desportos e uma no Clube de Regatas Vasco da Gama. Ou seja, vinte e uma jogadoras pertenciam a clubes paulistas, uma do Rio de Janeiro e uma do Rio Grande do Sul. (ANEXO A)

Durante longo período o status de jogadora da seleção perseguiu e alavancou a carreira de Duda. Além de ser a “Duda do Inter”, era também a “Duda da Seleção”. Tais atribuições foram determinantes para sua atuação como gestora anos mais tarde visto que era um chamativo para as meninas aderirem a sua escolinha de futebol. O fato de Duda ter participado da seleção inspirava as garotas que nela se identificavam buscando, quem sabe, um dia chegar nessa mesma posição. Tatiele dos Santos Silveira⁵² em sua entrevista expressa:

Já tinha ido para a seleção, e era uma época, ela e a Bel que mantinham essa ligação forte com a seleção brasileira, e para nós elas eram os nossos ícones. Imagina, tu sabia que ela tinha jogado na seleção e depois poder jogar junto com ela, é a realização de um primeiro sonho. Claro que eu sempre tive o sonho de chegar em uma seleção brasileira, mas enfim, mas só de estar jogando com a Bel e com a Duda... Eu com quinze anos jogando com as duas eu tive esse momento no Inter e foi bastante gratificante (SILVEIRA, 2014, p. 9).

Duda e Bel incentivaram uma nova geração de gaúchas que sonhavam em chegar à Seleção Brasileira. Seguindo os passos das atletas no ano de 2001, Duda teve sua primeira aluna convocada para a seleção principal. Karina Balestra da Luz, que iniciou na escolinha do Internacional em 1996 e foi companheira de Duda na

⁵² Foi jogadora do Sport Club Internacional de 1996 a 2004. Foi professora da escolinha de futebol feminino no Sport Club Internacional e posteriormente professora da Escola da Duda. Inaugurou uma franquia de escola exclusiva para meninas no Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense. Residiu e trabalhou nos Estados Unidos como técnica de futebol. Atualmente é auxiliar da seleção brasileira sub-17.

equipe adulta do clube entre os anos de 1997 e 2004. Conforme a atleta “o ápice de qualquer jogadora é chegar numa Seleção e eu acho que quanto a isso eu me realizei” (LUZ, 2014 p. 10). Karina participou dos Jogos Pan-Americanos de Santo Domingo realizados em 2003, competição no qual o Brasil conquistou a medalha de ouro, experiência lhe valorizou profissionalmente:

Ah! Eu era uma das mais novas da equipe, né. Eu, a Marta⁵³ e a Cris⁵⁴ acho que era as mais novas acho [...] E pra mim foi bom, lógico, nós fomos campeãs e tal. Foi uma experiência, até cair a ficha eu estava assim: “Pô campeã Pan Americana com a Seleção”. A repercussão que deu nisso, aqui na minha cidade e tal. Mas para carreira em si, no currículo. Também foi bem valorizado aqui no Inter, eles me valorizaram bastante (LUZ, 2014, p. 11).

Em sua entrevista Mônica Hickmann Alves, também oriunda da escola de Duda, menciona que a experiência que vive na seleção é algo que nunca havia imaginado passar e sente-se muito satisfeita por essa presença.

Primeiro que eu nunca tinha jogado com a Seleção aqui no Brasil e muito menos num estádio como o Mané Garrincha, então foi emoção em dobro assim, eu entrava e pensava “não acredito que eu estou num lugar desses, que eu vou poder estar perto das pessoas, do Brasil, do calor da torcida”, que é o que a gente sempre quer assim, a torcida perto da gente, e é um carinho assim, incrível, eles querem te puxar, querem qualquer coisa que seja de ti, um autógrafo, um oi, uma *selfie*, que é a moda agora, uma foto, eu não tenho nem palavras (ALVES, 2015, p. 19).

Ou seja, assim como Duda algumas das atletas que formou também identificam a participação na seleção como um momento especial em sua trajetória esportiva.

A última participação de Duda na seleção brasileira aconteceu no Campeonato Sul-Americano de 1998, disputado na Argentina, competição na qual conquistou a primeira colocação.

Ainda que não tenha participado de nenhuma edição da Copa do Mundo e dos Jogos Olímpicos, a presença de Duda na seleção brasileira deixou um legado não só na sua trajetória como no imaginário de outras jogadoras gaúchas que, como

⁵³ Marta Vieira da Silva. Eleita cinco vezes a melhor jogadora de futebol do mundo.

⁵⁴ Cristiane Rozeira de Souza Silva. Maior artilheira dos Jogos Olímpicos com doze gols marcados.

ela, almejam o sonho de serem reconhecidas e de representarem o país naquilo que sabem e gostam de fazer: jogar futebol.

4.5 SPORT CLUB INTERNACIONAL: A CONSAGRAÇÃO E O RECONHECIMENTO – SEGUNDA GERAÇÃO

Ao retornar da Itália para o Brasil no segundo semestre de 1995, Duda tinha como objetivo abrir uma escolinha de futebol somente para meninas no Sport Club Internacional. Por já ter participado do elenco de futebol do clube na década de 1980, as portas estavam abertas para a atleta. Aliada as negociações com o clube colorado, Duda se mantinha em atividade jogando futsal com sua antiga equipe, o Bruxas/Partenon e ainda se engajava no desenvolvimento do futebol de mulheres no estado. Junto à Secretaria de Esportes, Recreação e Lazer de Porto Alegre organizou a I Copa de Futebol Feminino realizada nas areias do bairro Ipanema. O evento contou com a participação de 18 equipes de mulheres da capital e da região metropolitana. Para fazer uma partida de demonstração as atletas Duda e Bel se uniram à equipe de homens do SESC em uma partida que finalizou o final de semana de jogos.

No ano de 1996 Duda inicia uma nova jornada junto ao seu time do coração. Assinou contrato com o clube para atuar na 9ª Taça Brasil de Futebol Feminino ocorrida em Osasco (SP). Para participar da competição, o Sport Club Internacional associou-se à uma equipe da cidade de Vacaria, o Ítalo Serrano que conquistou a vaga para o Rio Grande do Sul ao sagrar-se campeã gaúcha de futsal. Como não havia uma competição estadual de futebol de campo para definir um representante gaúcho na competição, as campeãs estaduais pelo futsal teriam o direito de participar do campeonato nacional. A parceria com o clube colorado foi determinante, segundo reportagem publicada jornal Pioneiro de 15 de janeiro de 1996 na qual informa que “o Ítalo estará jogando com as cores do time do Beira-Rio que, em troca fornece todo o material esportivo e ainda garante a participação de jogadoras de expressão, como Duda, com passagem por Milan e Verona (Itália)”. (NUNES, J., 1996).

Segundo os documentos que tive acesso os contatos para firmar a parceria entre as duas equipes parecem ter ocorrido por meio das próprias atletas. Maria

Giovana que participou do combinado entre Ítalo Serrano e Internacional tece as seguintes considerações:

Fomos eu, a Eduarda, a Nana⁵⁵ e a Neguinha⁵⁶, que era uma goleira acho, a gente se juntou. Foi para Vacaria e fizeram uma equipe lá, nessa época a Eduarda estava começando a montar o Inter, ela tinha pego os primeiros fardamentos lá, eu lembro da primeira remessa de fardamentos que o patrocinador do Inter mandou para ela, e aí a gente... Não sei como é que foi a tratativa com o pessoal lá de Vacaria, tinha uma equipe lá. Nos juntamos, ela levou os fardamentos e a gente jogou, era Ítalo Serrano o nome da equipe. Daí a gente jogou nesse Brasileiro uma partida com o fardamento do Ítalo Serrano, ou não, também não lembro direito e fomos nós quatro representando o Inter, nos juntamos e usamos o fardamento no Inter lá nesse Campeonato Brasileiro (EISERMAN, 2016, p. 7).

A etapa de pré-temporada da equipe aconteceu em Vacaria, cidade da qual as jogadoras partiram de ônibus para participar do campeonato que foi realizado no estado de São Paulo. Participaram da competição dezesseis equipes⁵⁷ de todo o Brasil e a equipe gaúcha ficou na chave de Campo Grande (RJ), Vasco da Gama (RJ) e Tupinamba (MG). A estreia se deu com a vitória contra a equipe de Campo Grande pelo placar de 4 a 2 e o empate em 3 a 3 contra a equipe do Vasco da Gama garantiu o time gaúcho na próxima fase da competição. Passaram pelas paranaenses do União na fase eliminatória e confrontaram mais uma vez a equipe do Vasco da Gama, desta vez na semifinal, mas com um resultado negativo, uma derrota por 5 a 2. Duda disputou esta partida apesar de estar com conjuntivite. Após a campanha o combinado Inter/Ítalo Serrano conquistou o 3º lugar da competição ao derrotar a equipe do Aliança de Goiás. A campeã da 9ª Taça Brasil de Futebol Feminino foi a equipe do Saad Esporte Clube.

Duda relembra, a partir dessa competição, o surgimento de uma das jogadoras que atualmente é considerada como referência da modalidade:

⁵⁵ Aliana Alvares da Rosa.

⁵⁶ Líria Lúcia Lopes da Silva.

⁵⁷ Scorpions (SC), Grêmio Quintaúna (SP), Gama (DF), Aliança (GO), Independente (PA), Saad (SP), Sulamérica (AM), Rio Branco (ES), Tupinambá (MG), Vasco da Gama (RJ), Campo Grande (RJ), Ítalo Serrano (RS), Goiania (GO), Recife (PE) União (PR) e Estudante (PB).

Andreia Suntaque⁵⁸, ela começou a jogar futebol quando fizemos uma equipe uma vez, uma parceria Inter e Ítalo Serrano, ela era grandona, ruim [risos], e a gente falava “vai para o gol, vai para o gol porque tu és grande”, ela começou a ser goleira ali, começou a treinar e ser goleira ali. Fomos para um campeonato brasileiro, foi bem legal, jogamos um campeonato brasileiro que perdemos e tal, e ela era nossa goleira (LUIZELLI, Eduarda, 2015, p. 6).

Apesar da boa colocação que a equipe conquistou na competição nacional, a disparidade entre as equipes de São Paulo e Rio de Janeiro, com o resto das equipes nacionais era evidente visto que as paulistas e cariocas dividiam as conquistas das competições nacionais. A década de 1980 foi dominada pela equipe do Esporte Clube Radar, que passou o posto para o time do Saad na década de 1990 (ALMEIDA, 2013).

A associação de Duda com a equipe colorada não se deu apenas como jogadora. Em 1996 iniciou um trabalho junto à escolinha de futebol para meninas nas dependências do clube que cedeu uma quadra de grama sintética de futebol sete. Ali iniciava uma nova fase para a trajetória de Duda e também para o desenvolvimento do futebol de mulheres do estado.

Neste primeiro ano de contrato com o time colorado, como não havia organização de campeonatos de futebol de campo, as meninas adultas concentravam-se em jogar futsal. Treinavam no ginásio do Gigantinho para disputar competições como o Campeonato Estadual, o Campeonato Citadino, a Liga Canoense e o Campeonato Sul-brasileiro. A equipe montada por Duda viajava fazendo amistosos e disseminando a modalidade pelo estado. O Riovale Jornal, de 18 de maio de 1996 noticiava o acontecimento:

A promoção ‘Domingo no Parque’ vai ter uma atração especial na tarde de hoje. A equipe de futsal feminino do Internacional de Porto Alegre vai se apresentar em Santa Cruz do Sul, na primeira partida de futebol de salão realizada no ginásio poliesportivo desde que foi inaugurado.

Além de destacar a presença de Duda:

⁵⁸ Compôs as equipes da seleção brasileira que conquistaram as medalhas de prata nos Jogos Olímpicos de Atenas em 2004 e Pequim em 2008. Participou também das conquistas das medalhas de ouro nos Jogos Pan-Americanos de Santo Domingo em 2003 e do Rio de Janeiro em 2007.

CRAQUE – A principal estrela do Inter é a jogadora Duda, que faz parte da Seleção Brasileira. ‘A Duda é uma das melhores jogadoras do país. A torcida do futsal de Santa Cruz e aqueles que gostam de bons espetáculos vão ter uma grande partida na tarde de hoje’, comentou Vilela (RIOVALE JORNAL, 1996).

O Campeonato Sul-brasileiro de futsal acima mencionado ocorreu no mês de setembro na cidade de Canoas nos ginásio do Grêmio Niterói e Guilherme Schell. Oito equipes de São Paulo, Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul e Maranhão participaram: Londrinense (PR), Marvel (SP), Unasa (MA), Sabesp (SP), Chimarrão (RS), Inter (RS), Vernisul (RS) e Amazonas (SC). A competição ganhou o status de um “Brasileiro” devido ao alto nível das jogadoras e dos times participantes. Elane⁵⁹ e Sissi, atletas que integraram a Seleção Brasileira que disputou os Jogos Olímpicos de Atenas, participaram da competição. Ainda como jogadora de futsal, Duda conquistou no de 1996 o Campeonato Citadino, contra a equipe do Vernisul de Canoas, e o vice Campeonato Estadual.

Duda lutava por espaço nas dependências do clube mediante constante negociação com a diretoria do Internacional. Conquistou sua primeira vitória no dia 07 de setembro de 1996, quando a equipe de futebol de mulheres fez seu primeiro treino oficial no campo suplementar do estádio Beira-Rio visando um jogo preliminar do Campeonato Brasileiro de homens. Seu engajamento em prol do desenvolvimento do futebol de mulheres começava a dar resultados. A partir dali, consolidava-se a modalidade dentro do clube colorado e Duda se tornava referência não só dentro do campo, mas fora dele também.

Desde o último sábado, o campo “C” do Beira-Rio tem paisagem humana diferente: as garotas do time de futebol feminino do Inter, dirigidas por Eduarda Luizelli (Duda) e estão se dando muito bem com o campo e com a bola. As atletas oriundas da Escolinha de Futebol Feminino farão a preliminar no Beira-Rio domingo, quando o Internacional enfrentará o São Paulo, pelo Campeonato Brasileiro [...] O objetivo é que o Inter participe do Campeonato Brasileiro de Futebol Feminino, previsto para janeiro/97. Duda já formou duas equipes fortes para a competição [...] (TEM FUTEBOL..., 1996, p.20).

A escolinha, inaugurada em maio de 1996, concretizava o sonho de Duda em ter um espaço de ensino do futebol somente para meninas e iniciava ali a segunda

⁵⁹ Atuou pela equipe do Radar em 1988 e fez parte da primeira seleção de futebol de mulheres no mesmo ano. Participou da Copa do Mundo na Suécia em 1995 e dos Jogos Olímpicos de Atlanta em 1996. Além de conquistar a medalha de bronze na Copa do Mundo nos Estados Unidos em 1999.

geração do Sport Club Internacional. No primeiro ano já colhia os frutos de seu trabalho com um selecionado das melhores jogadoras para disputar o primeiro Campeonato Brasileiro sub-17, realizado na cidade de Cabo Frio (RJ), em fevereiro de 1997. Estas mesmas atletas se tornaram as companheiras de equipe de Duda no Sport Clube Internacional à partir de 1997 e escreveriam junto dela novas linhas da história do futebol de mulheres no Rio Grande do Sul. Ou seja, algumas das atletas passaram meteoricamente de meninas da escolinha para integrantes da equipe adulta do Internacional, como Karina Luz e Patrícia Gusmão. Vejamos suas narrativas:

Eu fui me destacando na escolinha, no meio de tantas meninas que tinham, era uma turma de muitas meninas e eu fui me destacando e a Eduarda, ela viu em mim uma coisa diferenciada, que eu acho que foi a mesma coisa que esse senhor que me incentivou a entrar na escolinha viu em mim, meio que: “essa menina tem futuro vamos tentar talvez fazer um time competitivo para pegar as melhores da escolinha”. E foi uma questão de seis, sete meses assim montaram uma equipe, já me chamaram e eu como não tinha muitas condições financeiras, para mim foi bom não pagar mais, não continuar pagando mais escolinha, a partir do momento que eles montaram a equipe, as meninas da equipe não precisavam mais pagar escolinha então pra mim foi bom. Então foi uma questão de seis, sete meses se não me engano assim na época que eu comecei a fazer parte da equipe adulta (LUZ, 2014, p. 2).

Aí assim como a Karina também tinha falado... 1997 eu fui para escolinha do Inter. Na verdade fui para fazer um teste na escolinha do Grêmio que eu fiquei sabendo, e no mesmo dia o cara não deixou a gente... Eu participar da aula e daí eu resolvi, eu por conta própria, ir lá no Beira-Rio. E lá encontrei a Duda, e diferente do Grêmio ela me deixou fazer uma aula mesmo que tivesse... Eu cheguei no meio, na metade da aula, ela deixou eu entrar e participar. E daí, dali, daquele dia eu fiquei no Inter por oito [anos] corridos. Coisa que de repente eu poderia ficado no Grêmio se não tivesse esse imprevisto (GUSMÃO, 2014, p. 1).

Patrícia e Karina foram umas das primeiras alunas da escolinha que Duda montou dentro das dependências do Internacional. Vivenciaram a criação da equipe adulta e fizeram parte dela durante todo o período em que o futebol de mulheres permaneceu no clube, inclusive jogando juntamente com Duda. Após o encerramento das atividades estas duas atletas deram continuidade ao futebol na cidade de São Paulo jogando pelas equipes do ABD Botucatu, São Bernardo Futebol Clube e Sport Club Corinthians. Dali fizeram contato para atuar em uma

equipe estrangeira, surgiu a Coréia do Sul como opção, sem titubear migraram para Ásia, por onde ficaram durante três anos na equipe do Suwon. Atualmente Patrícia é a técnica do time de Canoas coordenada por Duda e Karina, que também se encontra no Rio Grande do Sul, permanece jogando na mesma equipe em que Patrícia é técnica.

Tatiele dos Santos Silveira, também emergente da escolinha de Duda relata como iniciou sua prática no Internacional evidenciando a formação da equipe com as meninas mais novas:

Foi quando o Inter começou, eu deveria ter uns treze para quatorze anos e quando a Duda abriu a escolinha, a Twig morava na zona sul perto do estádio e descobriu daí ela me chamou e disse: “Nós temos que ir tal”. Lá foi a Tati de novo, aí os treinos eram no Beira-Rio, que era lá no Parque Gigante. Depois que eu entrei no Inter fiz uma trajetória, toda a minha trajetória de futebol de campo foi dentro do Inter, dentro da escolinha que a gente pagava a mensalidade, até um ponto de partida quando começou a formar uma equipe [...] Fizeram essa seleção dentro do Inter para montar a equipe, onde começamos a competir [...] Eu joguei a primeira competição oficial, foi o Campeonato Gaúcho de 1997, aí começamos a competir junto com essa equipe formada dentro do clube, que era a comissão técnica dos professores que trabalhavam com o Internacional (SILVEIRA, 2014, p. 6)

Tatiele ou Tati como é conhecida no futebol gaúcho, participou da equipe do Internacional durante todo período de existência do departamento de futebol de mulheres. Formada em Educação Física pela ULBRA, iniciou sua jornada profissional nos campos do Parque Gigante dando aula na escolinha que havia lhe oportunizado tantos momentos dentro do futebol. Como técnica, atuou também da equipe de futsal da ULBRA e posteriormente inaugurou uma franquia de uma escolinha exclusiva para meninas no Grêmio Foot-Ball Portoalegrense. Com passagem pelos Estados Unidos operando nos *camps* da Tetra Brazil, retornou ao país com credenciais para assumir como auxiliar técnica da seleção brasileira sub-17, posto que ocupa atualmente.

Célia Liése Brancão Ribeiro, ou simplesmente Liése, oriunda da escolinha também, participou de todos os campeonatos disputados pelo Internacional. Competiu pelo Palmeiras de São Paulo a polêmica Paulistana de 2001. Após o encerramento das atividades do Internacional foi contratada pelo SV Neulengbach, da Áustria, onde permaneceu por oito anos disputando as mais importantes

competições europeias. Segue na Áustria como técnica da equipe que atuava. Em seu relato Liése conta como se sucedeu seu início no clube colorado e a criação da seleção das melhores jogadoras da escolinha:

Eu me lembro, da gente chegar lá na Duda, eu e a Pati fazermos a escolinha, se eu não me engano nas terças e quintas. E ela tinha recém começado com a seleção no sábado, eram as melhores, se eu não estiver errada, eram as melhores da escolinha treinavam no sábado junto. Então a gente ficou duas semanas, e já imediatamente fomos para a seleção, e se eu não estiver enganada, no ano seguinte já teve um Campeonato Brasileiro Sub-17, eu acho, no Rio de Janeiro em Cabo Frio (RIBEIRO, 2015, p. 2).

Formada por essas meninas da escolinha, a equipe adulta realizou seu primeiro jogo oficial no dia 14 de abril de 1997, no estádio Boca do Lobo em Pelotas, contra as donas da casa. Com placar alargado para equipe colorada, o Caderno de Esportes do Jornal Zero Hora destacava os cinco gols feitos por Duda no escore de 9 a 1: “As meninas do Inter golearam as garotas do Pelotas por 9 a 1 na preliminar de sábado à tarde, na Boca do Lobo. Duda, camisa 10, da Seleção Brasileira, fez cinco gols e esbanjou categoria” (Zero Hora, 1997). Na mesma reportagem um fato lamentável era noticiado, a torcida do Esporte Clube Pelotas proferiu xingamentos e ofensas durante a partida entre as duas equipes, segundo jornal Zero Hora “as meninas ouviram palavrões de constranger soldados da Favela naval”. Essa parece ser uma situação rotineira em jogos de mulheres. As entrevistadas relatam que este é o tipo de preconceito por mais vezes vivenciado como jogadoras de futebol. Em sua entrevista, Bel cita uma situação ocorrida em um jogo de Campeonato Gaúcho na cidade de Santa Maria, na qual discutiu com um homem da torcida durante a partida:

Eu lembro que foi lá em Santa Maria contra o Inter de Santa Maria tinha um cara na... Eu jogava na ponta-direita, então ficava bem perto da torcida, da arquibancada. Aí eu lembro que um cara assim desesperado “vai para cozinha! Vai isso, vai aquilo”, aí eu indignada olhei para ele... Eu bonitinha, gatinha naquela época disse para ele: “é, queria mesmo é ficar vendo perna peluda de homem aqui não é?” [risos]. Ele parou de falar! O cara vai para lá xingar a gente sabe? Aí eu dei nos dedos dele, “você quer é ver homem correndo atrás de uma bola, perna peluda” (NUNES, 2016, p. 6).

Ainda em abril deste ano a equipe do Inter participou da I Copa Sesc de Futebol Feminino realizada em São Leopoldo, no estádio João Correia, do Aimoré⁶⁰. Além de Internacional, disputaram a competição às equipes do Gramadense, Pelotas e Juventude⁶¹. Conforme aponta o Jornal Correio do Povo de 6 de abril de 1997, o evento foi uma realização de Duda Produções e Governo do Estado por intermédio do Departamento de Desporto da Secretaria de Educação. O envolvimento de Duda com o futebol ultrapassava as linhas do campo. Mesmo sendo jogadora, partia dela a iniciativa para organizar as competições que mantinham o time em atividade. Esse campeonato marcou a retomada do calendário de jogos de futebol de campo e o surgimento de novas equipes no cenário estadual. Após derrotar o Pelotas na final, por 1 a 0 com gol de Patrícia Gusmão, a Pati, as meninas do Inter conquistaram seu primeiro título regional. Tratada como estrela, Duda não passava despercebida em jogos decisivos e era sempre mencionada pelas mídias que acompanhavam os eventos. Como mostrado no Jornal Vale dos Sinos de 22 de abril de 1994, depois da decisão.

Aos 16 minutos do segundo tempo, a experiente Duda, meia da seleção brasileira, começou o lance do 1 a 0 que deu o título da Copa Sesc ao Internacional. Ela lançou Fernanda Lopes, que pela direita, colocou a bola na área do Pelotas. Pati, ponta-esquerda, que estava na pequena área, penteou de cabeça e colocou a bola na rede do Pelotas (VALE DOS SINOS, 1997).

A equipe ainda disputou algumas competições nesse ano, como a 1ª Copa Inverno, ocorrida em Gramado, com presença da equipe do São Paulo Futebol Clube e o Torneio Início de Futebol Feminino em Porto Alegre, que marcou o primeiro confronto entre o Sport Clube Internacional e o Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense, da nova geração. Com dois gols de Duda e um gol de Karina, a equipe colorada levou a melhor e posicionou-se em primeiro lugar na competição.

A exemplo do Inter, o rival iniciava os trabalhos visando o desenvolvimento do futebol de mulheres dentro do clube. A rivalidade se transpôs do quadro masculino para o feminino e as duas equipes marcaram as melhores disputas de futebol de mulheres a nível estadual entre os anos de 1997 e 2002. Maria Giovana cita esse momento como a “nova era” do futebol de campo gaúcho. A jogadora que atuou pelo

⁶⁰ Clube Esportivo Aimoré.

⁶¹ Esporte Clube Juventude.

Internacional logo no surgimento da equipe de futsal, relatou como aconteceu sua transferência para o Grêmio:

Quando terminamos em 1997, acabou o Inter de salão, a Eduarda foi para o campo, montou uma equipe no campo e eu e mais algumas gurias fomos para o Grêmio. Então ali em 1997 começou, digamos assim a segunda era do futebol [...] Em 1997 começou de novo, o futebol feminino no campo, quando a Eduarda montou o campo lá no Inter e a gente foi para o Grêmio que já estava também, já havia começado, já estava [...] (EISERMAN, 2016, p. 6).

O Rio Grande do Sul ainda carecia de um campeonato regional. A composição da equipe dos dois maiores clubes futebolísticos do estado fortalecia o movimento em prol do futebol de mulheres. Com isso, a Federação Gaúcha de Futebol organizou enfim, o primeiro Campeonato Gaúcho de Futebol Feminino da nova geração. A competição iniciou em setembro e foi até dezembro de 1997. Participaram as equipes do Sport Club Internacional (Porto Alegre), Cachoeirinha (Cachoeirinha), Gramadense (Gramado), Tamoio Mu-Mu (Viamão), Esporte Clube Cruzeiro (Porto Alegre), Gaúcho (Teutônia), Esporte Clube Pelotas (Pelotas) e Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense (Porto Alegre). Após vencer a equipe do Tamoio Mu-Mu na semifinal, a equipe de Duda se preparava para enfrentar o Gramadense, que derrotou o Grêmio nas semifinais, quando a atleta recebeu convocação da seleção brasileira. Duda desfalcava a equipe do Inter na final do primeiro Campeonato Gaúcho. Assim como os jornais destacaram sua convocação como sendo a única gaúcha no time canarinho, evidenciaram também sua atuação na partida final do Campeonato. Duda atrasou sua ida para os treinamentos da seleção brasileira em Taubaté para disputar a partida final. Nela marcou um gol de falta empatando a partida que foi para os pênaltis depois de 120 minutos de pleito. Após a disputa de pênaltis a equipe do Inter se consagrou como a primeira campeã gaúcha de futebol.

Neste mesmo ano em meio ao Campeonato Gaúcho a equipe do Internacional disputou em Taubaté, interior paulista, o 1º Campeonato Brasileiro de Futebol Feminino, ocorrido entre os dias 07 e 30 de novembro (Figura 6). Duda e o técnico Leandro Elias montaram o time colorado, único representante gaúcho na competição. Vinte meninas, mais a comissão técnica viajaram de ônibus até São Paulo, pois não havia recursos suficientes para viajar de avião. O clube colorado

forneceu a equipe de profissionais e o material de jogo. O restante da verba foi adquirida por Duda através do patrocínio da Companhia das Pizzas. As ações para conseguir apoio financeiro vinham de Duda, e por muitas vezes, como relata Renato, o dinheiro saía do bolso da atleta:

[...] começou a aparecer os campeonatos gaúchos, brasileiros e tal e as guriinhas tudo começaram a ir bem, começaram a se destacar e ela conseguia patrocínio, o Inter não dava nada, ela conseguia patrocínio para as viagens para as coisas, quando muito ela bancava, porque a Duda sempre foi de família de grana e coisa, apesar de ser “pão-durassa”, para isso ela gastava, do futebol e tal (LOPES, 2016, p. 8).

Nesse período nenhuma das jogadoras era remunerada pelo clube. A média de idade da equipe era de 17 anos. Tatiele lembra que esse foi o primeiro Campeonato Brasileiro que participou:

O meu primeiro campeonato Brasileiro eu joguei com quinze anos em Taubaté, São Paulo. E o grupo era assim, o grupo era de quinze, dezesseis, dezessete, a Duda que era mais velha que já tinha vinte e poucos, vinte e sete, vinte oito, eu não lembro direito (SILVEIRA, 2014, p. 9).

As jogadoras do Internacional de Porto Alegre logo se destacaram na competição. Além das vitórias e do alto nível técnico, os jornais anunciavam a equipe colorada como “campeãs da beleza” ou que “já são consideradas as mais belas dentre todas as delegações”. Segundo Mourão e Morel (2005, p. 84), “a narrativa de jornais e revistas é um dos fatores construtores da identidade feminina e do futebol nacional”. Termos como “belas”, “charme”, “beleza” e “estética” são constantemente citados nas reportagens de revista e jornal que dizem respeito ao futebol de mulheres, buscando incessantemente a afirmação de que mulheres que jogam futebol também podem e devem ser femininas. Apesar do assédio da mídia em relação à beleza das jogadoras do Internacional, a equipe demonstrou também muita qualidade durante o campeonato em Taubaté, ainda assim não passou para as fases finais, ficando em 5º lugar no 1º Campeonato Brasileiro de Futebol Feminino.

Figura 6 - Crachá de participação da atleta no Campeonato Brasileiro de Futebol feminino de Taubaté – SP



Fonte: Acervo pessoal da Duda

No ano de 1998 a equipe seguia viajando no estado participando de torneios e campeonatos, tanto jogando futebol de campo quanto futsal. As principais competições do ano eram o Campeonato Gaúcho e o Campeonato Brasileiro, que ocorriam no segundo semestre. Enquanto isso, Duda conquistava mais um título do Campeonato Metropolitano de Futsal e era Vice-campeã do Campeonato Estadual, o que concedeu à equipe direito de participar do Campeonato Brasileiro de Futsal que ocorreu em Natal (RN) no mesmo ano. As cidades de Pelotas e Gramado mostravam-se parceiras na luta para o desenvolvimento do futebol de mulheres no estado. Dois torneios foram disputados em ambas as cidades no primeiro semestre de 1998. Na Copa 90 anos do Esporte Clube Pelotas, o Sport Club Internacional ficou com o Vice-campeonato e na 2ª Copa de Futebol Feminino de Gramado, ficou em terceiro lugar. Ambas competições foram conquistadas pela equipe rival, o Grêmio.

Nesse período os Grenais começaram a ser tratados como o grande clássico também entre as mulheres, por parte das atletas e da direção do clube. Em uma dessas partidas, ainda pela fase de grupos do Gauchão, a equipe colorada venceu a equipe tricolor pelo expressivo placar de 9 a 0. A partida serviu de preliminar ao jogo entre Internacional e Botafogo pelo Campeonato Brasileiro de homens, que por sua vez permaneceu com o escore de 0 a 0. Tentando explicar a má fase colorada, em entrevista ao Jornal Zero Hora o então dirigente de futebol Ibsen Pinheiro proferiu a seguinte frase: “Tivemos um ano de bons resultados administrativos, não há somente más notícias no Inter: vencemos o Gre-Nal feminino por 9 a 0” (GUERRA FILHO, 1998). Sobre esta partida específica Duda relembra como um dos momentos marcantes de seus jogos no Beira-Rio. O estádio lotado gritava seu nome durante o jogo dos homens como forma de protesto contra a equipe que empatava o jogo contra o Botafogo e ao mesmo tempo reconhecimento pela camisa 10 do Inter que havia anotado cinco gols naquele Grenal.

Era um período que a equipe de homens não se encontrava em sua melhor fase. Por vezes o único título que o clube conquistava durante o ano vinha por parte das mulheres, como Patrícia relata:

O Inter não ganhava nem Gauchão, era uma época que o Grêmio estava muito forte. Então o único título Gaúcho quem dava muitas vezes era o futebol feminino pro Inter. Então a gente tinha bastante apoio porque às vezes o juvenil perdia, o júnior perdia, o profissional não chegava... Porque o time do Grêmio aquela época estava muito bom, e o Inter feminino era o que garantia o ano assim, a torcida ficava feliz por causa disso (GUSMÃO, 2014, p. 8).

Em jogos como Grenais, as meninas faziam a concentração⁶² dentro das dependências do clube. Pela segunda vez consecutiva a equipe colorada estava na final do Campeonato Gaúcho, e dessa vez disputariam o último jogo dentro do estádio Beira-Rio. Com um gol de Karina e outro de Duda, o Inter conquistou o bicampeonato gaúcho de forma invicta e Duda foi a artilheira da competição com dezoito gols marcados.

Por mais uma vez no ano de 1999 a equipe participou do Campeonato Brasileiro, desta vez na cidade de Goiânia (GO). As competições nacionais se caracterizavam pela alta qualidade técnica das jogadoras. As gaúchas enfrentavam

⁶² Reunião de atletas que antecede uma partida, pode ser feita no mesmo dia ou na noite anterior ao jogo.

equipes que mantinham em seu plantel jogadoras de seleção brasileira como Meg⁶³ e Pretinha (Vasco da Gama), Sissi, Roseli⁶⁴ e Kátia Cilene⁶⁵ (São Paulo F.C.), Formiga e Daniela Alves⁶⁶ (Lusa Sant'Anna). Ainda assim as meninas do Internacional conseguiam se equiparar às equipes de Rio de Janeiro e São Paulo. Nesta competição, terminou na 4ª colocação entre vinte equipes de todo o Brasil e Duda mais uma vez se destacava com 10 gols marcados do total de 28 assinalados pelo Inter. Segundo seus registros, Duda marcou o total de 100 gols oficiais na temporada de 1998, entre futebol de campo e futsal.

Com vários resultados positivos obtidos, a equipe liderada por Duda ganhava cada vez mais espaço dentro do clube colorado e a relação da entidade com as atletas chegava cada vez mais perto do profissionalismo. O ano de 1999 trouxe não somente mais um título do Campeonato Gaúcho, mas a valorização do clube perante as atletas. Duda relata que conseguiu montar equipes muito fortes na época que havia respaldo do clube. O tratamento que a equipe recebia era considerado profissional, visto a estrutura que o clube disponibilizava como, por exemplo, o almoço, os treinos periódicos, os materiais de treinamento, os fardamentos de jogo e treino, entre outras peculiaridades.

Nessa época no Inter, que fizemos uma grande equipe, a gente treinava de manhã e de tarde, almoçava no clube, enfim, tinha uma estrutura bem legal. A gente tinha no clube uma coisa bem legal, que era essa questão do clube apoiar e conseguimos fazer equipes que tu vê... (LUIZELLI, Eduarda, 2015, p. 6).

Segundo Renato, chegar ao nível que chegaram foi extremamente gratificante, especialmente pelo amparo dado às meninas que se dedicavam exclusivamente ao clube. Em sua entrevista relata que o investimento justifica-se

⁶³ Margarete Maria Pioresan participou da Copa do Mundo da China em 1991 conquistando o quarto lugar. Participou também dos Jogos Olímpicos de Atlanta em 1996 (4º lugar).

⁶⁴ Roseli de Belo iniciou jogando na equipe do Esporte Clube radar. Participou dos Jogos Olímpicos de Atlanta em 1996, de Sidney em 2000 e conquistou a medalha de prata nos Jogos Olímpicos de Atenas em 2004.

⁶⁵ Participou dos Jogos Olímpicos de Atlanta em 1996 e Sidney em 2000 nas quais finalizou em 4º lugar. Conquistou a medalha de ouro nos Jogos Pan-Americanos do Rio de Janeiro em 2007. Participou das Copas do Mundo da Suécia em 1995, dos Estados Unidos em 1999 e 2003 e da China em 2007.

⁶⁶ Daniela Alves Lima participou dos Jogos Olímpicos de Sidney no ano 2000. Foi medalhista de prata nos Jogos Olímpicos de Atenas em 2004 e Pequim em 2008. Conquistou o segundo lugar da Copa do Mundo da China em 2007.

também pela rivalidade que havia entre Inter e Grêmio, em que um não queria perder para o outro:

Bah tinha uma estrutura boa, tinha uma baita de uma estrutura, acho que o mais bacana foi conseguir chegar naquele nível, tudo material, tudo da Topper. Na época da Adidas, as gurias tinham material tudo, chuteira, comida, as gurias comiam lá no Puras, um ambiente profissional, ambiente profissional no salão e no campo que as gurias conseguiam ter e almoçavam lá no Beira Rio tinha até, em uma época tinha até uma parte do alojamento que era só para as gurias. Se jogava Grêmio dentro do Beira-Rio, imprensa toda hora noticiando, acho que foi aquele ápice ali com o Grêmio com um time forte, então, se tinha uma disputa, um não queria perder para o outro. O Grêmio investindo e o Inter de contrapartida ajudando também, as gurias com carteira pelo Inter, Karina, Duda, contratadas pelo Inter, comissão técnica, décimo terceiro, férias, acho que isso se conseguiu (LOPES, 2016, p. 20).

De acordo com as entrevistas realizadas, não eram todas as meninas que recebiam para jogar. Na opinião de Gisele “as mais talentosas, as mais habilidosas e melhores do ponto de vista da comissão e da direção” (RAMOS, 2016, p. 6), eram as escolhidas para receber o valor destinado para as atletas. Esse era o único diferencial entre elas, a carteira de trabalho assinada pelo clube. Como relata Tatiele, o início da época mais profissional começou com a diferenciação entre os treinos da escolinha e os treinos da equipe, com profissionais especializados em cada área de treinamento. Cita também como único benefício o abono do pagamento da mensalidade da escolinha:

Inicialmente o nosso único benefício era não mais pagar a escolinha. Então tínhamos os dias de treino que eram separados do treino da escolinha era outro tipo de treinamento; o treino era diferenciado, tínhamos um preparador físico que cuidava da parte física, tinha o treinador que era mais a parte técnica, tinha preparação de goleiras para aquelas que jogavam no gol, foi quando começou uma coisa mais profissional, mesmo que a gente não ganhasse nada para aquilo. Mas treinávamos todos os dias, aos poucos foi que começou a abrir o departamento. Quando foi aberto o Departamento de Futebol Feminino dentro do clube aí eles começaram a dar um incentivo de transporte, bolsa auxílio para custos extras, coisa pouca, mas para quem nunca tinha tido nada, adolescente, tinha quinze, dezesseis anos, foi bem bacana (SILVEIRA, 2014, p. 7).

Tatiele foi uma das poucas atletas que teve sua carteira de trabalho assinada pelo Sport Club Internacional. Ressalta em sua entrevista o quanto era motivante fazer parte daquele ambiente em que ser uma jogadora de futebol era valorizado:

[...] tive a minha primeira carteira assinada da vida e foi como jogadora profissional de futebol, pelo Sport Club Internacional, tinha um salário, um contrato, foi bem motivante na época; fiquei dentro do clube nove anos, desde os meus quatorze, treze, eu joguei no Sport Club Internacional, passei por toda essa trajetória de evolução até mudanças de direção, de clube (SILVEIRA, 2015, p. 8).

Assim como Tatiele, Patrícia também recebia do clube um valor para jogar e ressalta a estrutura recebida como profissional: “Assim ó, na época que eu joguei no Inter, ali eles procuravam fazer uma coisa bem profissional. A gente treinava todos os dias sabe, tinha salário, foi um dos primeiros clubes que teve carteira assinada” (GUSMÃO, 2014, p. 7). Célia Liése, conta que o salário recebido era em média de duzentos reais. Mas que no início, ainda na escolinha não recebia nada para jogar. Primeiro veio o auxílio para o transporte, depois o salário:

Mas assim, a gente não recebia nada, só depois de um ano ou dois é que a gente começou a receber as passagens e no terceiro ano eles assinaram a nossa carteira lá. Mas quando a gente treinava e não me lembro [...] Eu me lembro que era um salário, na época era uns duzentos e pouco reais, eu acho (RIBEIRO, 2015, p. 2-3).

Para algumas jogadoras, o valor recebido não era considerado um salário e sim uma ajuda de custo. As entrevistadas relatam que não conseguiam se sustentar somente jogando futebol na época em que atuavam pelo Internacional. Nas palavras de Geisa, uma das atletas que não recebia dinheiro para jogar, o valor pago às atletas era “pífio”, e que o clube dava o mínimo em relação a estrutura oferecida:

Gurias, não estou falando de um salário mínimo, estou falando de uma ajuda de custo pífia, cem reais, cento e cinquenta, isso anos atrás. Umas que ganhavam um pouco a mais e a Duda meio que negociava, fazia toda essa jogada para manter. Mas do Inter mesmo era tudo muito assim, para almoçar era contado, os uniformes era “aquele que sobrou lá manda para essas mulheres”, era meio assim, não era uma baita estrutura, era uma estrutura mínima. “Vou dar esse campo aqui para ti e tu treina aqui...”. Sabe? Não era aquela... (OLIVEIRA, 2015, p. 11).

Essa situação parecia ser idêntica no tradicional adversário de Porto Alegre. Maria Giovana, atleta do Grêmio, conta que recebia um valor para atuar na equipe tricolor devido a alguns patrocínios obtidos pelo clube na época, mas que era uma luta constante de ano para ano, ou quando trocava a direção o clube, para que o investimento no futebol das mulheres permanecesse:

Depois que a gente tinha esse departamento, a gente chegou a receber. A coisa evoluiu tanto que as... A gente tinha uma ajuda de custo, óbvio. Sei lá, se fosse comparar hoje eu deveria receber acho que uns quinhentos reais, digamos assim, quatrocentos. Daí claro que dependia das mais novas, rendimento, quem conseguia seu próprio patrocínio (EISERMAN, 2016, p. 10).

Assim como as demais entrevistadas para essa pesquisa, quando questionada se já havia conseguido se sustentar jogando futebol, Maria Giovana responde:

Nem pensar! Jamais! Nem pensar, estou te falando que foi só aqueles dois três anos, nem sei se durou tudo isso, recebendo essa ajuda de custo que eu tinha no Grêmio. Mas era irrisório, não tinha como. Trabalhando o tempo todo (EISERMAN, 2016, p. 11)

Fernanda Vlasak, também não recebia nenhum valor para jogar. Como atleta do Internacional podia usufruir da estrutura oferecida pelo clube, como departamento médico, fisioterapia, entre outros benefícios:

Não, eu não recebi. As que recebiam normalmente eram assim, as mais velhas, uma que outra. Karina, Pati, Liése. E depois de um tempo não é? Teve uma época que ninguém ganhava nada. Não eram todas assim. Uma época teve carteira assinada pelo Inter, aí já não era mais com a Duda. Tinha departamento, essas coisas que cuidavam. A gente podia usar o departamento médico do Inter, junto com masculino, com os guris. E era assim. Eu não recebia nada, nunca recebi. Mas tudo bem [risos] (VLASAK, 2015, p. 8).

Mas quando se transferiu para o Grêmio a situação foi diferente visto que era paga para jogar:

Sim, olha que interessante. Muito interessante. A pessoa sai do Inter, vem para o Grêmio e ela recebe. Muito legal isso. Para tu ver não é? Coisas diferentes em um time e no outro. O Grêmio nisso era bem organizado, muito bem organizado. [...] É bom nem lembrar porque

era uma miséria [risos]. Mas é legal porque tu te sente bem, tu está fazendo uma coisa certa, tu está recebendo, enfim, é bem legal. Não lembro mesmo (VLASAK, 2015, p. 15-16).

Fernanda iniciou jogando futebol na escolinha de Duda dentro do Internacional em 1996. Atuou pelo Grêmio Foot-Ball Portoalegrense na temporada de 1998 e retornou ao clube colorado em 1999. Quando questionada se havia diferença entre os dois times, Fernanda cita que havia certa falta de profissionalismo na equipe tricolor e atribui Duda como responsável pela manutenção da estrutura da equipe colorada:

Mas daí a gente viu não é, a gente sentiu muito do Grêmio para o Inter esta falta de profissionalismo talvez, porque o Grêmio tinha uma estrutura legal, mas nem se compara com o Inter. Abertura que o Inter tinha com todos, isso também não adianta e a gente vai ficar recorrente, é a Duda entendeu, ela como pessoa, a maneira como ela se apresentava para as pessoas, ela era uma guria séria, muito assim, guria de família, aquela coisa, ela se comprometia a fazer as coisas, cuidava muito da imagem, ela cuidava muito quem ela colocava para dentro do time, muito! (VLASAK, 2015, p. 15).

Durante os anos da década de 1990 em que o futebol de mulheres era organizado no Rio Grande do Sul, Inter e Grêmio disputavam o topo das competições e dividiram as conquistas estaduais. O Internacional de Duda, já havia conquistado três títulos do Campeonato Gaúcho (1997, 1998 e 1999), mas não conseguiu segurar o rival no ano 2000. Já era o segundo ano que a equipe tricolor disputava também o Campeonato Brasileiro organizado pela Confederação Brasileira de Futebol (CBF). Apesar de permanecer distante da equipe colorada a nível nacional (Internacional alcançou a 5ª colocação e Grêmio a 14º, no Brasileiro), as tricolores conquistaram o seu primeiro Campeonato Gaúcho ao derrotar o Inter, destituindo as meninas coloradas da hegemonia do futebol gaúcho. Algumas jogadoras como Romana, Adriana, Sandra e Paula que compunham o elenco colorado foram contratadas pela equipe gremista neste ano. Ivete Gallas e Maria Giovana participaram da conquista do título do Grêmio. Ivete, que iniciou jogando futebol na década de 1980 e teve passagem pela Seleção Gaúcha, chegava ao Grêmio como comandante da equipe, depois de passar um longo período na cidade de São Paulo, atuando na equipe profissional e posteriormente coordenando as categorias de base do Saad, referência no cenário nacional. Foi contratada pelo

Grêmio para a disputa do Gauchão do ano 2000 e relata que por muitos anos a equipe tricolor não ganhava do Inter. Após ser chamada em uma empresa na qual havia prestado concurso, permaneceu no clube somente para disputa do Grenal: “E nós tínhamos o torneio e tinha Grenal. O Inter... Até então fazia anos que o Grêmio não ganhava um Grenal. Mas eu disse: “Não, eu vou ganhar esse Grenal!” (GALLAS, 2015, p. 17). Maria Giovana relata que havia muita rivalidade nos Grenais, e que havia toda uma preparação para o clássico durante a semana:

Grenal é Grenal né. Era Grenal como se fosse o masculino, a rivalidade era a mesma. A gente entrava em campo, apesar de algumas estarem... Serem torcedoras do Inter e jogarem no Grêmio, e vice e versa. Mas era legal, dia de Grenal havia toda uma preparação na semana anterior, era bem legal (EISERMAN, 2016, p. 09).

Da parte colorada também havia muita expectativa na semana que antecedia os Grenais. De acordo com Geisa, as partidas iam além do um duelo entre camisas:

Era incrível jogar os Grenais, por mais que eu fosse gremista, eu não estava defendendo a camisa do Inter, eu estava defendendo as minhas amigas ali também, então Grenal o bicho pegava, era sangue nos olhos, era camisa, é a camisa que tu está ali defendendo. Jogamos Grenais no Beira-Rio, jogamos Grenais dentro do Olímpico, jogamos Grenais no suplementar, jogamos diversos Grenais. Perdemos alguns e ganhamos outros (OLIVEIRA, 2015 p. 09)

Em matéria publicada pelo Jornal Zero Hora no dia 15 de agosto de 2000, o Grêmio já havia conquistado um título sobre a equipe do Internacional no Torneio da Cidade de Bom Princípio. Repetiu o feito no Campeonato Gaúcho, desta vez, dentro do Estádio Olímpico, com vitória pelo placar de 2 a 0. Apesar do domínio temporário da equipe do Grêmio nos Campeonatos Gaúchos de 2000 e 2001, ano em que se tornaram Bi-campeãs, as meninas coloradas ganhavam notoriedade nacional com as conquistas da Copa Sul em ambos os anos.

O campeonato era organizado pelas Federações dos estados do Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná. O Torneio Sul Brasileiro foi disputado em Maringá, no estado do Paraná, no ano de 2000. Com participação de Associação Esportiva Scorpions (SC), Maringá Seletto Clube (PR), União AHU F.C. (PR) e Internacional (RS). Esse foi o primeiro título fora do estado que as meninas coloradas conquistaram. Voltaram a vencê-la em 2001, com acréscimo da equipe do Grêmio

na competição. Logo no primeiro jogo uma vitória sobre o rival pelo placar de 4 a 1, na segunda partida pelo retorno mais uma goleada, 5 a 0 com três gols de Duda, em que o Jornal da SAFERGS de março/abril (2001), destacava a presença da árbitra Sônia Tavares e da árbitra assistente Rosmari Schwindt. Teve ainda duas vitórias sobre o campeão catarinense, Scorpions, pelos placares de 7 a 3 e 4 a 3, respectivamente. E ainda uma vitória sobre a equipe de Maringá. A equipe colorada sagrou-se Bicampeã da Copa Sul, ao empatar com o time paranaense no campo suplementar do estádio Beira-Rio. Além do bicampeonato Duda conquistou o troféu de goleadora da competição.

Segundo o Jornal Correio do Povo de 5 de janeiro de 2001, o Departamento de Futebol Feminino do Internacional corria o risco de ser fechado por falta de patrocinadores que pudessem bancar o recursos destinados às meninas. De acordo com a notícia era necessária a arrecadação de R\$6 mil mensais para manutenção do departamento, bem diferente do departamento de futsal, que já havia fechado as portas no clube colorado e dependia de R\$100 mil mensais para permanecer. No relato das entrevistadas, esse parece ser um dos obstáculos enfrentados pelo futebol de mulheres dentro dos clubes de camisa: a troca de direção. A inconstância de investimentos é algo que permeia o futebol de mulheres e para Duda este foi um dos principais desafios que precisou enfrentar ao longo de sua trajetória esportiva:

As dificuldades sempre foram grandes, quando nós estávamos no Inter, cada vez que trocava uma diretoria, tu não sabia o que iria acontecer, tu tinha que ir lá explicar para o cara tudo de novo, enfim, tu tinha que entrar dentro da política do clube (LUIZELLI, Eduarda, 2016, p. 14).

O mesmo era vivenciado na equipe do Grêmio conforme podemos identificar na fala de Maria Giovana, uma de suas atletas:

Então, nós chegamos uma época, devido aos patrocínios, receber, claro depois sai patrocínio, troca direção de clube, daí não quer mais apoiar o futebol, aí o futebol fica ali na corda bamba, aí a gente convencia, “não, que dá, porque é bom, tem visibilidade”, aí ficava mais um ano, trocava a direção e já vinha aquele terror de novo de acabar com o futebol (EISERMAN, 2016, p. 8)

Mesmo com as ameaças de fechamento, o trabalho prosseguiu pelo ano de 2001 e o Internacional de Duda disputou por mais uma vez um Campeonato

Brasileiro. A competição que ocorreu em Ubá, Minas Gerais, permanece viva até os dias de hoje na lembrança das jogadoras que dele participaram. Foi a melhor colocação que o Sport Club Internacional conquistou em campeonatos nacionais, e com uma pitada a mais: a vitória se deu sobre seu maior rival, o Grêmio Foot-Ball Porto Alegre. Quando questionadas sobre os campeonatos que haviam disputado pelo clube colorado as entrevistadas relembram de algumas competições e todas citaram o Campeonato Brasileiro de Ubá. Para Duda, no que diz respeito à competições, essa foi a mais marcante. A jogadora relembra de momentos dentro das partidas como seu gol de falta contra a equipe Santa Isabel, que posteriormente ganhou a competição. Da disputa de terceiro lugar contra suas maiores rivais, o Grêmio. E da artilharia da competição que a firmou de vez no cenário nacional como uma das referências do futebol de mulheres:

Chegamos no terceiro lugar de um Campeonato Brasileiro, lembro que jogamos contra o Grêmio para disputar o terceiro lugar, que na época aqui no Rio Grande do Sul era bem desenvolvido o futebol feminino [...] Mas se eu não me engano foi em Ubá. Nós ganhamos da equipe campeã que foi o Santa Isabel, por um a zero, que eram as meninas da seleção. Durante a fase classificatória, ganhamos de um a zero com um golaço meu de falta. Lembro-me, na frente da área, a bola entrou na gaveta. Foi bem legal esse campeonato brasileiro lá em Ubá, que foi o campeonato que fui à goleadora do campeonato brasileiro, foi super legal (LUIZELLI, Eduarda, p. 6-7).

O Inter passou pela fase de grupos ganhando por 1 a 0 do futuro campeão da competição. A prefeitura da cidade de Ubá bancou a equipe Santa Isabel, contratando jogadoras de alto nível e da seleção brasileira, como relata Fernanda. E assim como Duda, Fernanda traz alguns detalhes do campeonato que lhe marcou, esse jogo especialmente, em suas palavras:

O de Ubá, que a gente ficou em terceiro e ganhou do campeão na primeira fase. A gente ganhou das gurias da Seleção. O cara da cidade montou um time para ganhar o campeonato. Claro, botou grana e aquela coisa. E aí trouxe todas as gurias da Seleção, um timaço assim [...] Mas eu sei que estava zero a zero assim, e aí aquelas coisas não é, sempre a Duda salva. Falta: vai lá a Duda assim com aquele “pézinho” dela, que eu não sei o que ela tem naquele pé e faz golaço, golaço, golaço. Sério foi muito “afudê”. Eu não lembro o nome do time, era o time da cidade. Daí a gente ganhou (VLASAK, 2015, p. 11).

As duas equipes perderam suas respectivas semi-finais, Inter, contra a equipe do Matonense (SP) e Grêmio contra equipe do Santa Isabel (MG). Em sua entrevista, Geisa relata que mesmo não participando da competição por conta de uma lesão, ligou para uma rádio que cobria o campeonato em Minas Gerais e falou com Duda na beira do campo através de um repórter. Os laços de amizade criados pelas jogadoras foi outro aspecto interessante que surgiu durante as entrevistas. Como citado por Geisa, aquele período dentro do Internacional era vivido intensamente pelas jogadoras:

E eu lembro na época quando o Inter disputou o Campeonato Brasileiro em Ubá, como eu não fui e fiquei aqui fazendo fisioterapia. Na época era internet discada e quando o Inter perdeu do Matonense⁶⁷ eu falei com a Duda, liguei para rádio e eles entraram ao vivo comigo. “Estamos aqui com a atleta do Inter”, ao vivo na rádio lá de Minas, olha a loucura da pessoa. E eu ouvindo na discada aquele [som de internet discada], caía. Então eu liguei e o cara me colocou para falar com a Duda: “Duda, vamos ganhar esse jogo” [voz de choro], e nós tomando três na cola [risos]. Era muito louco, nós vivíamos aquilo *full time* (OLIVEIRA, 2015, p. 9).

O encontro das equipes gaúchas ocorreu na disputa pelo terceiro lugar acabou empatado, levando a partida para os pênaltis, consagrando a vitória do Internacional. Como relata Gisele:

Esse campeonato foi muito legal a gente perdeu a semi-final para o Matonense que eram meninas da seleção e fomos disputar terceiro lugar contra o Grêmio, então era um Grenal, ganhamos [...] (RAMOS, 2016, p. 5).

A delegação colorada normalmente se deslocava de ônibus para outros estados, era o transporte mais viável financeiramente na época. Mas isso não era nenhum problema para as meninas. Algumas relataram que as viagens fizeram parte dos momentos mais legais vividos por elas dentro do clube. Conforme narra Fernanda, era o máximo para elas. Nesse campeonato de Ubá, levaram trinta e seis horas para chegar ao destino, mas não perdiam a alegria:

⁶⁷ Sociedade Esportiva Matonense (SP).

Era um mês de campeonato imagina, eu adorava, era muito legal agente ia de ônibus demorava, a gente demorou 36 horas para chegar em Ubá, imagina, era o máximo para nós era o máximo (VLASAK, 2015, p. 17).

No retorno para Porto Alegre, a satisfação em passar pelo ônibus do Grêmio e mostrar as medalhas conquistadas na cidade mineira, foi relatada por Gisele, que também cita as excursões como algo bem diferente, propício para se criar um vínculo maior: “[...] e aí quase dá briga e quando estávamos voltando, perto do Rio de Janeiro, passou o ônibus do Grêmio por nós e a gente com as medalhas, foi muito divertido [...]” (RAMOS, 2016, p. 5).

Na década de 1990 os Campeonatos Brasileiros ou a antiga Taça Brasil⁶⁸ eram sediados por uma cidade e a competição tinha duração de um mês. Apesar de ser organizada pela Confederação Brasileira de Futebol, os investimentos financeiros eram feitos pelas prefeituras das cidades que se ofereciam para abrigar o campeonato. Normalmente era disputado no final do ano, mas uma incerteza pairava sobre sua continuidade, visto que, se não houvesse uma cidade sede, não haveria a competição.

Diferente do Campeonato Brasileiro, a equipe de Duda perdeu para o Grêmio na disputa do Campeonato Gaúcho pelo segundo ano seguido. De acordo com a Revista Gol (2001), a direção investiu pesado no elenco gremista, além da contratação das jogadoras mais experientes que compunham a equipe colorada, o clube trouxe ainda jogadoras de São Paulo e Brasília. Dizia-se ainda que “a equipe do Grêmio estava muito competitiva e o investimento foi o maior já feito no Estado, em futebol feminino” (REVISTA O GOL, 2001).

A reviravolta da equipe colorada veio em um dos jogos que foi citado como “histórico”, “inesquecível”, “absurdo”, para muitas atletas do Internacional, principalmente Duda. Por mais uma vez a dupla Grenal se encontrava em uma final de Campeonato Gaúcho. Eram dois jogos para decidir o título, o primeiro no Olímpico, foi ganho pelas coloradas pelo placar de 2 a 1, o que dava direito a empatar o segundo e último jogo da decisão dentro do Beira-Rio. Duda não começou como titular no jogo decisivo e do banco de reservas via seu time perder por 3 a 0. Aproximadamente aos vinte minutos do segundo tempo é chamada pelo

⁶⁸ Competição que antecedeu o Campeonato Brasileiro de Futebol. Reunia equipes do país para disputa que durava em média uma semana. Ocorreu entre os anos de 1983 a 1989 (ALMEIDA, 2013).

técnico Ciro Leães para entrar na partida. Duda entrou e transformou quatro jogadas espetaculares em quatro gols para o Internacional. A final do Campeonato Gaúcha terminou com o placar de 4 a 3 para as coloradas e é destacada com um jogo marcante nas vidas não só de quem jogou mas de quem vivenciou o episódio. Trago quatro relatos de óticas diferentes sobre os momentos posteriores ao ingresso de Duda na partida: a própria Duda, Renato que estava junto da comissão técnica, Liése companheira de equipe que estava dentro do campo e seu pai Eduardo, seu eterno torcedor.

Segundo Duda:

Estava três a zero. Entrei no jogo tinham vinte e dois minutos do segundo tempo. Praticamente perdido, o coronel que era o que coordenava o Grêmio passava na frente do nosso banco: “Prepara o carro de bombeiro” [...] “Prepara o carro de bombeiro que as gurias vão dar uma volta” e eu no banco, estava até meio que chorando, porque não podia ajudar. E o jogo quase acabando, e o Grêmio trouxe todas as gurias da seleção, todas não, mas tinha na época Tânia Maranhão⁶⁹, Maravilha⁷⁰, Maycon⁷¹ [...] E o que aconteceu, ele me chamou: “Vamos?”. Ai falei: “Vamos, fazer o quê!”. No primeiro lance que eu lembro, me meti em uma jogada e a guria entrou com tudo em mim, aí fiz uma firula, fiquei no chão, e o juiz foi lá e expulsou uma do Grêmio no primeiro lance depois que entrei. E parece assim, sabe quando tu entras e dá um ânimo para a tua equipe, agora vai dar! [...] Às vezes eles falam de tu teres aquela aura positiva: “Vai mudar!”. E não teve dúvida, a guria foi expulsa. No outro lance, eu lembro que fiz alguma jogada e lancei acho que a Maria ou a Karina, na época, não lembro qual das duas e em um contra ataque nós fizemos o gol, fez o três a um. Nós estávamos jogando em casa e tinha até certa quantidade de pessoas, vi que quem estava levantou. E logo no segundo lance fomos para cima de novo. [...] lancei a Rosana lá na ponta e ela foi ganhando velocidade, lembro que ela deu uma caneta⁷² em uma guria, meti a bola e fui. Ela cruzou e eu fiz o gol de cabeça, aí acho, que foi três a três e com esse placar nós já éramos campeãs. O jogo foi três a três e nós fizemos ainda o quatro a três. E foi um dos jogos mais emocionantes,

⁶⁹ Tânia Maria Pereira Ribeiro disputou os Jogos Olímpicos de Atlanta em 1996, Sidney em 2000, Atenas em 2004 e Pequim em 2008, conquistando a medalha de prata nessas duas últimas edições. Participou das Copas do Mundo dos Estados Unidos em 1999 e 2003 e da China em 2003, em que conquistou o vice campeonato.

⁷⁰ Marlisa Wahlbrink participou dos Jogos Olímpicos de Sidney em 2000 e foi medalhista de prata nos Jogos Olímpicos de Atenas em 2004. Ficou em terceiro lugar na Copa do Mundo dos Estados Unidos em 1999.

⁷¹ Andréia dos Santos participou dos Jogos Olímpicos de Sidney em 2000, foi medalhista de prata nos Jogos Olímpicos de Atenas em 2004 e Pequim em 2008. Conquistou duas medalhas de ouro nos Jogos Pan-Americanos, uma em Santo Domingo no ano de 2003 e outra no Rio de Janeiro no ano de 2007, além da medalha de prata em Guadalajara em 2011. Foi vice campeã da Copa do Mundo da China em 2007.

⁷² Gíria do futebol.

até quem estava no estádio viu, com certeza (LUIZELI, Eduarda, 2015, p. 9).

Na visão de Renato:

Só que ele tava perdendo por três a zero, dentro do Beira-Rio, três a zero dentro do Beira Rio, uns vinte do segundo tempo ele botou a Duda em campo de centro avante, ela era... A primeira bola, veio a guria do Grêmio ela deu uma caneta na guria, jogou para Karina: três a um. Depois ela fez uma baita jogada uma bomba de longe dela: três a dois. A Rosana fez outra jogada: três a três [...] Cruzamento e ela “pá”, goleira meio que “patetizou” e ela de cabeça virou o jogo, fez quatro jogadas, dois gols, duas assistências, o Inter virou para quatro a três, ganhou o campeonato. [...] Time do Grêmio bom. Ganharam o campeonato, uma coisa *assim*, foi carregada no colo. Entrou no segundo tempo, acho que foi a maior atuação [...] Foi marcante, foi histórico, foi porque ninguém esperava, ela no banco grávida entrou e viraram. O Grêmio uma máquina, o Grêmio trouxe todo mundo porque não aguentava mais perder o campeonato, daí trouxe... O time do Inter claro tinha Rosana, não sei quem mais, fizeram um jogo assim fora de sério [...] (LOPES, 2016, p. 31-32)

Sobre o olhar de Liêse:

Que o Grêmio contratou praticamente todas as jogadoras, acho que todo mundo que vier aqui, vai te falar desse jogo, eu não tenho dúvidas que esse foi, eu falo isso para as minhas jogadoras hoje, que não tem como... O Grêmio tinha jogadoras da Seleção, se eu não me engano quatro ou cinco, vieram só para a final, se eu não me engano, primeira final no Olímpico ganhamos de dois a um, elas melhores, jogando muito mais, a gente ganhou de dois a um. No Beira-Rio a gente jogava pelo empate, vinte e cinco do primeiro tempo, três a zero para elas, aí a gente já começou a ouvir que o churrasco estava pronto e tal, o jogo acabou quatro a três para nós. Me lembro que a Duda estava no banco, ela entrou e mudou o jogo, não pelos gols, pelo que ela fez, mas pela atitude mesmo, pela postura, lembro que estava três a zero para elas e a gente virou quatro a três. É um jogo que eu nunca mais esqueci, aquele Gauchão eu nunca... Inesquecível! (RIBEIRO, 2015, p. 8-9).

E finalmente, Eduardo:

A maior emoção que eu tive foi em um Grenal feminino que o treinador era um tal de Leães, para fazer juz ao nome do leão ele colocou ela no banco. Eram 15 minutos do segundo tempo, o Internacional perdia para o Grêmio por três a zero ou três a um, e as gurias tiravam a camisa dentro do campo e rodopiavam a camisa, e aos 15 minutos ele chamou a Eduarda e colocou ela no time no segundo tempo e um empate servia para o Internacional. [...] Entrou

no campo, teve uma jogada que ela participou, fez três a dois, era uma jogada dela, depois ela fez o gol de empate se não me engano, três a três. E depois ela participou do quarto gol também e o Internacional acabou virando o jogo, ganhou de quatro a três e para mim foi uma das maiores emoções que eu estive vivendo em uma partida de futebol foi essa, memorável, inesquecível (LUIZELLI, Eduardo, 2015, p. 5).

As falas parecem repetitivas, mas cada uma carrega consigo um sentimento diferente em relação ao momento vivenciando naquela manhã no estádio Beira-Rio. Fica claro que não foi somente um momento especial para Duda, assim como tantos outros momentos que a atleta vivenciou e compartilhou. Esta ocasião traz consigo outra particularidade: Duda estava grávida. Renato conta que Duda ficou sabendo que estava grávida uma semana depois do clássico Grenal. Já ela, diz que somente a comissão técnica sabia e que por isso iniciou a partida no banco de reservas. O dia inesquecível carrega o peso de ser o último jogo da atleta com a camiseta do Sport Clube Internacional.

Sem a presença de Duda e no último ano do Departamento de Futebol Feminino do clube, em 2003, a equipe adulta do Inter sagrou-se pentacampeã gaúcha vencendo a equipe do Veranópolis por 3 a 1 no campo suplementar do estádio Beira-Rio, finalizando o campeonato de forma invicta segundo notícia publicada no Diário Gaúcho do dia 16 de dezembro de 2003. Neste mesmo ano conquistaram também o tricampeonato da Copa Sul vencendo a equipe Novo Mundo, do Paraná segundo conta no Jornal O Sul do dia 17 de novembro de 2003.

4.6 FINAL DO PRIMEIRO TEMPO

No ano de 2004, por intermédio da direção, o Departamento de Futebol Feminino do Sport Club Internacional encerrou suas atividades. Analisando os relatos, surgiram alguns indícios da razão de seu fechamento. Segundo Duda, o mau gerenciamento de uma das pessoas de dentro do clube que recebia o valor de suas franquias de escolinhas, acrescida com à troca de direção, seus contratos tanto da escolinha quanto da equipe adulta não foram renovados. Renato inclui ainda como um dos motivos do encerramento as ações trabalhistas feitas por algumas atletas contra o clube.

Quando questionada sobre quando e em qual situação parou de jogar futebol a razão apontada pela atleta era a vontade de ser mãe. Segundo Duda, ela e

Renato já estavam tentando ter filhos há algum tempo, inclusive fizeram tratamento até que a tentativa deu certo.

Quando eu resolvi que iria engravidar. Que iria ter filho, que foi até uma coisa assim. Foram praticamente vinte anos tomando anticoncepcional, então eu engravidei. [...] E foi quando engravidei pela terceira vez, na terceira tentativa, por que tudo na minha vida foi bem difícil, nada foi assim fácil, até ter filho foi uma coisa difícil. E na terceira vez deu tudo certo, o guri hoje tem dez anos, um baita de um guri tri bonito. Foi quando parei de jogar futebol (LUIZELLI, Eduarda, 2015. p. 9)

A trajetória esportiva de Duda é marcada por muitos momentos memoráveis. Duda chegou a um patamar desejado por muitas atletas que sonham ser jogadoras de futebol. A admiração e respeito com a atleta não vem somente de seus familiares e colegas de trabalho, é notável também entre suas adversárias. Ivete Gallas trata com brincadeira a questão de ser adversária de Duda falando que nunca perdeu para ela. Em sua entrevista menciona que existem muitas pessoas do universo do futebol de mulheres que não gostam de Duda por conta da mesma aparecer muito na mídia, mas ao mesmo tempo admite os esforços da atleta para desenvolver o futebol de mulheres no estado:

Muitas pessoas não gostam da Duda, vou te ser bem sincera, não gostam da Duda. Tu vai ver no ramo, no mundo do futebol assim geral, tem muitas pessoas que não gostam da Duda, mas até por causa dessa coisa da mídia. [...] E as pessoas não sabiam diferenciar isso... Que ela é “patricinha” porque é isso e aquilo... Então, as atletas levam isso muito para esse lado e não gostam da Duda por essa questão. [...] E ela também batalhou, ela foi atrás dessa questão... Ela utilizou essa parte da mídia... Ela mesma foi adiante. Muitas pessoas não tiveram coragem de ir... Muitas pessoas chamavam ela de louca (GALLAS, 2015, p. 28).

Duda demonstrava habilidade com a bola nos pés e passava segurança para as jogadoras mais novas, que ela mesma havia alavancado. As meninas que foram suas alunas e posteriormente suas companheiras de time viam na Duda uma referência:

E o legal era que, naquela época, a gente jogava com a Duda, isso era legal. A Duda treinava com a gente, jogava com a gente. Ela era bem dedicada como atleta, sempre deu muito bom exemplo, muito legal isso dela. E daí era o máximo jogar lá [risos]. [...] A Duda era muito referência. Muito, e muito bom exemplo também (VLASAK, 2015, p. 6).

A referência que Duda criou em torno de si, não somente pela sua habilidade técnica dentro de campo, mas também por seu engajamento fora dele, gerou ainda uma representatividade para meninas que buscavam por um modelo a ser seguido. Habilidade essa que investiu ao se dedicar a gestão esportiva, mais especificamente, com a criação de sua própria escolinha de futebol.

É importante salientar que o processo que fez de Duda uma dirigente dentro do futebol, ocorreu juntamente com sua carreira como jogadora, pois durante longo período dois ofícios caminharam lado a lado. A Escola de Futebol que hoje leva seu nome teve origem nos gramados do Parque Gigante, enquanto ainda era atleta do Sport Club Internacional. Este e outros aspectos da afirmação de Duda como dirigente serão discutidos no próximo capítulo.

5 SEGUNDO TEMPO: DUDA DIRIGENTE

Após o intervalo de jogo, as equipes voltam a campo com algumas alterações, sai a jogadora entra a dirigente. O esquema tático permanece o mesmo e a equipe segue com o mesmo objetivo: sair com a vitória.

5.1 ESCOLINHA DE FUTEBOL FEMININO DO SPORT CLUB INTERNACIONAL

A paixão com o esporte fez com que Duda escolhesse o curso de Educação Física para seguir como profissão. Paralelamente a pratica de futebol costumava jogar tênis no Lindóia Tênis Clube disputando diversas competições por essa agremiação. E foi com a modalidade que desempenhava com a raquete que exerceu seu primeiro ofício como profissional de Educação Física, ministrando aulas de tênis para crianças e adultos na Associação dos Condomínios do Jardim Isabel, na zona sul de Porto Alegre, bairro em que residia. Filha de dois comerciantes Duda já manifestava uma clara tendência para projetar através do esporte um negócio próprio.

A ida para a Itália despertou em Duda a ideia de trabalhar em um ramo que até então não estava sendo promovido no Rio Grande do Sul: a formação de meninas para o futebol. Rosa, sua mãe, relata que a filha observou no país italiano o desenvolvimento de meninas em categorias de base e aquilo lhe incentivou a abrir seu próprio negócio no Brasil:

Mas assim, o que ela viu muito lá fora é que lá começa nas categorias de base. Então ela via os pais, aquelas crianças pequenas, aquela paixão sabe? E os pais, desde pequenos umas torcidas organizadas bonitas, os pais torcendo. Isso incentivou ela de fazer isto aqui, porque aqui não existia. Então ela começou (LUIZELLI, R., 2015, p. 5).

Antes de viajar para a Itália Duda jogava futsal com a equipe do S.E.R. Bruxas e os treinos ocorriam no Partenon Tênis Clube. O convívio dentro do clube lhe possibilitou a abertura de uma escolinha de futsal somente para meninas no local. Nas férias de julho após passar sua primeira temporada no Milan, teve início a “escolinha de futsal feminino da Duda”, conforme anunciava o jornal Correio do Povo em 30 de julho de 1994. Dizia ainda que as inscrições estavam abertas e as

primeiras cem inscritas ganhariam uma camiseta do Milan autografada pelas jogadoras, além de que, uma aluna ganharia um estágio de um mês no clube italiano. Duda retornou para a Itália, dessa vez para defender a equipe do Verona, e a escolinha ficou aos cuidados de Maria Giovana Eiserman e Aliana Alvares da Rosa, suas colegas na equipe das Bruxas. Após um ano na Itália, Duda retorna ao Brasil e encara mais um desafio, desta vez na Associação Leopoldina Juvenil, coordenando a escolinha de futsal para meninos e meninas do clube.

O salto de sua trajetória como dirigente e formadora de atletas iniciou em março de 1996 quando firmou contrato com Sport Club Internacional para instalar nas dependências do clube uma escolinha exclusiva para meninas. Entregou o projeto à diretoria na época presidida por Pedro Paulo Zachia⁷³ no intuito de que aquela ação se tornasse uma maneira de prosseguir na modalidade após o encerramento de sua carreira como atleta. Duda relata:

Começaram com uma vontade que eu tinha de prosseguir dentro da carreira do futebol feminino, porque eu via que como jogadora de futebol minha vida era muito curta, eu não ia conseguir levar aquilo ali muito adiante. Ai surgiu a ideia, na época era o Pedro Paulo Zachia o presidente do Inter, e a gente resolveu, fui lá conversar com ele. “Vamos abrir uma escolinha de futebol feminino do Inter” (LUIZELLI, Eduarda, 2015, p. 1).

Apesar de enfrentar algumas adversidades com a diretoria, como descreve Eduardo, as ações para iniciar o processo dentro do clube partiram de Duda:

Ela foi muito criativa sempre para esse tipo de coisa, e teve muitos contras, dentro do Internacional tinha gente que não gostava, por ser futebol feminino, então, ela teve adversários dentro da diretoria do Inter. [...] Mas em virtude da faculdade que ela fez, que foi Educação Física, ela aos poucos foi adaptando a faculdade ao que ela queria, que era montar as escolinhas, ela que montou tudo sozinha, ela que batalhou muito isso ai e ela é uma vencedora (LUIZELLI, Eduarda, 2015, p. 3).

Os pais de Duda, sempre presentes, seguiam apoiando a filha. Segundo Renato, seu marido, ter uma escola de futebol dentro do Sport Club Internacional era um sonho para ela. A condição financeira da família, que na época era considerada de classe alta, auxiliou na consolidação do desejo de Duda. Além do aporte

⁷³ Presidente do Sport Club Internacional de 1988 à 1999 e de 1994 à 1997.

financeiro, a participação no projeto como um todo também foi fundamental. Ainda assim, Rosa remete à filha a responsabilidade total no desenrolar do plano:

Fez! Tudo sozinha. Ela pedia “mãe, vai comigo, me acompanha”, mas ela sabia o que ela queria, sabia o que tinha que dizer, sabia o que queria, na época até contratamos um advogado para auxiliar em contrato, coisas assim. Mas também ela tocou sozinha (LUIZELLI, R., 2015, p. 5).

Como não haveria custo nenhum para o clube em virtude de ser uma franquia de escolas ligada aos Centros de Ensino e Treinamento do Internacional a diretoria aceitou sua proposta e Duda iniciou os trabalhos dentro do Parque Gigante. Os treinos iniciaram em uma quadra de grama sintética própria para a prática de futebol society⁷⁴. Segundo Duda no primeiro dia das atividades havia somente uma aluna para fazer a aula. O Jornal Zero Hora de 29 de maio de 1996 anunciava que “as matrículas estavam abertas para meninas a partir de seis anos de idade”. Inicialmente havia poucas turmas de treinamento e ainda não existia divisão por idade, mas conforme o tempo foi passando e a novidade se espalhava, o número de alunas aumentava consideravelmente. Devido ao aumento da demanda, foi necessário implantar um novo campo para o treinamento. Duda pediu autorização à direção do Parque Gigante para aproveitar o campo de futebol society de grama natural que já existia, para “construir” um campo de futebol onze:

O clube cedia um campo, na época era um campo de grama sintética que tinha atrás da churrascaria ali, depois daquele campo passamos para um campo de grama natural de sete e esse campo de sete nós conseguimos autorização com o vice-presidente do Inter, do Parque Gigante na época, compramos as goleiras, o Inter comprou as goleiras e nós mesmas empurramos moirões⁷⁵ que tinha, porque tinha uns moirões do campo de sete [...] Nós mesmos, os pais e tal “vamos lá, todo mundo”, tiramos os moirões fora, nós que colocamos as goleiras para dentro e nós criamos um campo de onze ali atrás. (LUIZELLI, Eduarda, 2015, p. 2).

Com o auxílio dos pais das atletas, a tarefa de construir um novo campo foi realizada com sucesso e o terreno ficou conhecido durante algum tempo como “campo da Duda”. Mesmo que o campo não estivesse em excelentes condições,

⁷⁴ Esporte coletivo jogado entre sete jogadoras ou jogadores, também conhecido como futebol sete.

⁷⁵ Estaca de concreto, madeira ou pedra que serve para construir uma cerca.

para as meninas isso era o menos importante, visto que o divertimento estava em jogar futebol, independente do local, conforme relata Fernanda:

Ali no Parque Gigante, era “areião”. A gente não tinha muita moral no início [risos]. Era “areião”, mas eu gostava igual, o negócio era largar uma bola e a gente jogar. Era muito legal. Porque no início, na verdade, era só a escolinha. Mas não demorou muito tempo, acho que ela começou a se empolgar, que veio muita menina, muita gente (VLASAK, 2015, p. 2).

Após a transformação do campo de sete em campo de onze, o clube construiu um vestiário de uso exclusivo da escolinha e ali foi se consolidando o Departamento de Futebol Feminino. No início do projeto Duda ministrava as aulas junto a outros professores, mas expressa que essa não era sua preferência. Ainda assim, assegurava que as aulas seguissem um padrão de qualidade e buscava inserir um diferencial nos ensinamentos com pesquisas constantes, como ela relata:

Sempre pesquisei em sites dos Estados Unidos os *drills*, adorava. Colocava lá “passe”, pegava os desenhos já colava os desenhos nos planos de aula, se eu for pegar. Minha aula era meu sonho, que gostaria que todos os meus professores fizessem. Porque a minha aula tinha um começo, meio e fim e ela tinha sempre uma coisa diferente, porque eu pesquisava, gostava de olhar. Acho que isso também foi um diferencial das minhas aulas (LUIZELLI, Eduarda, 2015, p. 11).

Com o auxílio de Renato, criou uma metodologia de ensino que permanece sendo utilizada até os dias de hoje em suas escolas. Renato permaneceu na Itália quando Duda retornou ao Brasil e conta que em suas viagens pelo país italiano captava materiais que ajudassem Duda em sua escolinha, como fichas de avaliação, fichas de inscrição, modelos de organização das escolinhas italianas, entre outros. Renato descreve como as aulas eram montadas a partir de ensinamentos dos fundamentos do futebol:

Durante a semana nós treinávamos basicamente fundamento, um fundamento por mês: mês do passe, mês do chute, mês do cabeceio, mês do drible. Então todos os treinos meia hora de fundamento tinha um propósito, a programação era mês do passe, então, tudo de passe, explicava o que era teoria do passe interno, externo, “cavoca”, sola, peito e se trabalhava, depois exercícios e segunda hora coletivo, até porque as crianças queriam jogar, fazia coletivo lá (LOPES, 2015, p. 19).

Já no primeiro ano de escolinha Duda reuniu um coletivo para disputar o Campeonato Brasileiro da categoria sub-17 em Cabo Frio, Rio de Janeiro. Essas mesmas meninas compuseram posteriormente a equipe adulta do Sport Club Internacional que foi fomentada a partir de 1997 com essa primeira leva de meninas que treinavam na escolinha. A equipe de competição formada por Duda, ainda não tinha respaldo suficiente do clube para sua manutenção, visto que a disputa do Campeonato Gaúcho, e outros torneios, geravam despesas principalmente de transporte e alimentação, que não eram custeados pela entidade. A captação de patrocínios para subsídio da equipe adulta era realizada pela própria Duda, que montava os projetos e buscava investidores para que apoiassem sua equipe, principalmente para competições. Como relata Rosa, isso nem sempre foi uma tarefa fácil, mas a determinação de Duda se sobressaia nessas ocasiões:

Eu só acompanhava ela dizendo: “Tá difícil mãe, tá difícil. Tá difícil arrumar patrocinador, tá difícil”. Mas ela quer, ela quer. Sempre vai buscar, ela sempre acha assim, quando fecha uma porta abre uma outra, sempre teve muito assim... Ela enxerga, parece, que longe, não se deixa recair com uma caidinha, ou um tombo, alguém que dá uma rasteira ela não se deixa... Acho que é pura paixão pelo que ela faz (LUIZELLI, R, 2015, p. 6-7).

A fala de Rosa é corroborada com o relato de Gisele, que iniciou como secretária na escolinha do Inter e hoje trabalha como professora em uma das sedes da Escola da Duda:

A visão dela não era de atleta, mas de gestora, de empresária e isso facilitava, vínculo político, conhecia, vai lá pede, consegue, solicita, talvez ela não consiga tanta coisa mais aí ela vende a camiseta do Inter para todo mundo e ela consegue retorno financeiro (RAMOS, 2016, p. 7).

Nas circunstâncias em que não havia investidores, Duda auxiliava as meninas da equipe adulta da maneira que podia, seja com recursos para passagens para irem aos treinos ou até mesmo materiais de treinamento como chuteiras, caneleiras, tênis. Segundo Liése, que morava em Novo Hamburgo, ir aos treinos no Parque Gigante só se tornou possível por conta do auxílio que Duda deu para ela e para Patrícia, que também se deslocava da mesma cidade:

Daí a gente conversou com a Duda e ela ajudou por muito tempo, *sem o Inter*, ela *nos ajudou muito* eu e a Pati, ela dava passagem para a gente, não posso falar nada da Duda, porque ela sempre nos ajudou mesmo. Mas, depois que assinaram a carteira melhorou, porque a gente começou a ganhar as passagens mais o salário, daí ajudou bastante (RIBEIRO, 2015, p. 3).

Como abordado no capítulo anterior, o início da prática das atletas entrevistadas foi evidenciada como sendo na rua com os amigos e no colégio onde estudavam. Após esta primeira aproximação com o esporte, as meninas procuraram, por vezes sozinhas e outras com os pais, um estabelecimento que oportunizasse o exercício da modalidade. Antes de chegar à escolinha do Inter, algumas ingressaram em escolinhas exclusivas para meninos, destacando-se como as únicas meninas do grupo. Ao direcionar-se para a escola de futebol do Inter, ressaltam Duda como uma figura de referência. Durante longo período Duda aliou sua vida como jogadora de futebol à de coordenadora da escolinha, entre os anos de 1996 e 2003. Utilizava seu status como jogadora da seleção brasileira para promover o seu estabelecimento de ensino. Geisa, uma das atletas da escolinha, evidencia Duda e Bel como as referências do futebol de mulheres no estado:

E na época a Duda era a Duda da seleção brasileira e a Bel era a Bel da seleção brasileira então era aquele... Foi o auge da carreira delas, então tu tinha essas duas referências muito grandes no estado a nível de futebol feminino (OLIVEIRA, 2015, p. 3).

Duda era uma pioneira para as jogadoras que atuaram com ela, foi a primeira referência para muitas em termos de mulher que atua dentro do futebol. Como relata Fernanda:

Muito legal e as gurias todas admiravam muito ela, todo mundo era muito fã dela. Tinha a Bel também, que também era uma referência forte. Jogou com a gente, treinou com a gente uma boa época, bastante tempo. E é aquela coisa tu jogar com o teu ídolo, não tem coisa mais legal de estar junto contigo não é? Não é só aquela coisa de referência, eu acho legal tal pessoa. Não, ela jogava junto, era tudo junto. Treinava junto, muito legal, muito legal (VLASAK, 2015, p. 3).

O espírito esportivo dos pais, não foi passado apenas para Duda. Gabriela Marranghello Luizelli, a filha mais nova de Rosa e Eduardo, também recebeu apoio familiar para inserção aos esportes. Quando nasceu, Duda estava com dezoito anos

de idade e é citada pela irmã como a influenciadora na sua proximidade com o futebol.

Me inseri, na verdade, através da minha irmã. Desde pequena eu já jogava, então quando ela abriu a escolinha, se eu não me engano foi em 1995, 1996, foi por esse tempo, um pouquinho antes. Ela começou a escolinha e eu comecei a frequentar na verdade, eu não gostava muito de futebol. Não gostava de jogar, gostava de assistir, mas eu não jogava muito. Mas fui indo, comecei a ir, comecei a me inserir e desde então não parei mais [...] Eu sempre gostei muito de esporte, mas o futebol com certeza foi influencia total (LUIZELLI, G., p. 1).

Gabi, como é conhecida entre parentes e amigos, iniciou jogando futebol através de Duda, dentro da Escolinha do Inter. Passou por todas as etapas de treinamento e acompanhou todo o processo de evolução do estabelecimento de ensino. Assim como outras meninas que tiveram passagem pela escolinha, foi convocada pela seleção brasileira de futebol com apenas quinze anos, para categoria sub-20. É notório o respeito que tem pela pessoa que a estimulou a permanecer no esporte. Ainda assim levou consigo durante um longo período o peso de ser “a irmã da Duda”, e evidencia em seu relato o incômodo que esse rótulo trazia:

Não, mas claro tem muita influência. É engraçado, porque odeio que me chamem de irmã da Duda [risos]. Sempre odiei. Eu falo... A gente brinca, porque eu ia para os lugares e eu dava sempre o meu segundo sobrenome, não dava meu último sobrenome, porque era o que ela usava. (LUIZELLI, G., 2015, p. 21)

Este status é o indicativo da figura que Duda representava dentro do futebol de mulheres. Segundo Gabriela, ser “irmã da Duda” sugeria estar em vantagem perante as demais atletas e alunas da escolinha.

É eu nunca gostei muito, mas sempre falavam: “Tu é a irmã da Duda, por isso tu está jogando”. Aí eu ficava na minha, não porque me incomodava, mas não gostava, porque eu gostaria de ser por mim e não por ela. Até porque as nossas características são diferentes [risos] (LUIZELLI, G., 2015, p. 22).

Atualmente Gabriela é jogadora na Associação Carlos Barbosa de Futsal (ACBF) e gerente da Livraria Aurora, comércio de seus pais.

Com o aumento da procura para ingressar na escolinha do Internacional e com a variada faixa etária das meninas, Duda iniciou a divisão das turmas por categorias e criou seleções para cada grupo, sendo elas: sub-13, sub-15 e sub-17, oportunizando, assim, um desenvolvimento mais apropriado para cada idade. As seleções treinavam aos sábados visando competições, mas um dos percalços no negócio era encontrar adversárias para competir. Como Duda relata, era difícil achar campeonatos para encaixar as meninas naquela época pela escassez de equipes:

Assim, eu não lembro de ter jogado algum campeonato naquela época mais contundente até porque praticamente não existiam escolinhas femininas pra gente jogar contra, então, nós sempre jogamos os Campeonatos Municipais de Porto Alegre com a escolinha, sempre jogamos os Jogos Abertos de Porto Alegre de futsal. Foram sempre esses campeonatos que nós jogamos rotineiramente, e no mais foram sempre amistosos que jogamos (LUIZELLI, Eduarda, 2016, p. 2).

No intuito de promover e oportunizar a prática para essas meninas, a própria Duda organizava campeonatos internos entre as turmas com o objetivo de tornar a escolinha atrativa e que as meninas permanecessem jogando. Segundo registros encontrados em álbuns de seu acervo pessoal o primeiro Torneio Interno foi organizado no Parque Gigante no ano de 1996 e contou com a participação de 102 alunas, evidenciando a proporção que a escolinha havia tomado em pouco tempo de existência. Com o passar dos anos e ganhando espaço no clube, Duda articulava para que as alunas fizessem preliminares de jogos dentro do Beira-Rio junto à equipe adulta, disseminando a modalidade para os torcedores do clube, assim como incentivando o sonho das meninas em ser uma jogadora de futebol.

Figura 7 - Primeiro Torneio Interno da Escolinha de Futebol Feminino do S.C. Internacional



Fonte: Acervo pessoal de Duda

Além das competições e dos amistosos que envolviam as alunas, as excursões se tornaram rotineiras no calendário de atividades da escolinha, como um novo leque que Duda visualizou para alavancar seu negócio: o turismo esportivo. Viagens para Criciúma, Foz do Iguaçu, Florianópolis, Chuí, entre outras cidades de fora do estado foram realizadas pelas meninas.

De fato, eu mesma tenho lembranças que marcaram minha trajetória como aluna da escolinha de Duda. Lembro de minha primeira viagem internacional, em um ônibus de dois andares rumo à cidade de Montevidéu (Uruguai). Os jogos que iria disputar ficaram em segundo plano perante a exacerbada troca cultural e a experiência vivida na cidade. Outra viagem marcante foi a ida ao Beto Carreiro World, em Santa Catarina. O hotel com piscina térmica, os jogos de futsal, as brincadeiras dentro do ônibus, a negação em embarcar no trem fantasma e a emoção de encarar a montanha russa, são lembranças que permanecem vivas na memória que me remete aquele período. Jogávamos futsal, futebol sete ou futebol de campo. O que havia para o momento ou o que a Duda organizava para nós.

Figura 8 - Alunas da escolinha em jogo preliminar no estádio Beira-Rio no ano de 1997



Fonte: Acervo pessoal de Duda

A escolinha da Duda permaneceu durante oito anos dentro do Sport Club Internacional. De acordo com a atleta, em média nove mil meninas passaram pelo campo do Parque Gigante durante esse período. Em função do trabalho desenvolvido por Duda muitas jogadoras foram formadas no Rio Grande do Sul. Algumas inclusive serviram as categorias de base e a equipe adulta da seleção brasileira de futebol. No ano de 2003, as atletas Karina Balestra da Luz e Rosana dos Santos Augusto, pertencentes a equipe do Sport Club Internacional compuseram a seleção que conquistou a medalha de ouro nos Jogos Pan-Americanos de Santo Domingo. Monica Hickmann Alves, que também iniciou na equipe do Internacional, conquistou a medalha de ouro nos Jogos Pan-Americanos do Canadá de 2015, foi campeã brasileira de futebol pela equipe da Associação Ferroviária de Esportes em 2014 e atualmente compõe a Seleção Brasileira que disputou os Jogos Olímpicos do Rio 2016.

Três fatores apareceram como determinantes para o encerramento das atividades. De acordo com Renato, as atividades se encerraram devido á ações trabalhistas que algumas jogadoras efetuaram contra o clube:

[...] algumas meninas que eu não sei te dizer quem, acabaram, de repente mal orientadas por advogados, acabaram fazendo ações trabalhistas contra o Inter, e o Inter se sentiu meio traído porque apostaram nas gurias e não lembro de ter ficado sem pagar as gurias [...] (LOPES, 2016, p. 24).

Para as atletas o principal motivo do clube fechar as portas para o futebol de mulheres, foi a troca de diretoria que não manteve o incentivo dado para equipe adulta. Segundo Liése:

Se eu não me engano entrou alguém que não gostava do futebol feminino, e terminou com o futebol feminino, eu não tenho certeza, mas acho que foi isso. [...] Algum diretor, alguma coisa. Simplesmente acabaram com o futebol feminino (RIBEIRO, 2015, p. 8).

Segundo Duda houve um confronto de interesse da pessoa que gerenciava as franquias dos Centros de Treinamento dentro do Internacional, além da troca de diretoria, que iniciou um novo processo de formação de atletas do clube com o projeto Genoma Colorado entrando em conflito com o projeto que tinha das escolinhas:

[...] Entraram os Genomas Colorados, e os nossos Centros de Ensino e Treinamento eles eram... Eles competiam com o Genoma, era impossível ter os dois, e por uma questão política dentro do clube, essa pessoa que coordenou o Genoma Colorado dentro do Inter, acabou... Eu tive que tirar as minhas escolinhas dos CET's, que eram os Centros de Treinamento e ai entrou tudo, entrou de "lavancão" tudo, "é a Duda!", "a Duda não vai ter os Centros de Ensino e Treinamento, a Duda não vai ter o futebol feminino, a Duda não vai mais ter a equipe de futebol feminino", então eu entrei em um roldão assim que os três contratos que eu tinha com o Inter eu recebi de rescisão (LUIZELLI, Eduarda, 2015, p. 4).

Por fim, no ano de 2004, Duda encerrou seu ciclo com o Sport Club Internacional. A saída de suas escolinhas de dentro do clube foi concomitante ao encerramento de sua carreira como jogadora de futebol. Nas entrevistas realizadas aponta que soube ministrar bem a sua transição de jogadora para dirigente, o que fez com tranquilidade, visto que já aliava as duas funções há um certo tempo. Para Renato, o clube colorado deu à Duda credencial para seguir em frente com suas escolas:

Eu acho que as escolas do Inter deram um nome para ela não só como jogadora, mas como gestora e educadora, uma coisa que ela não tinha. Então se enxergava muito ela como jogadora, mas e ai com o sucesso das escolas do Inter de revelar jogadoras e de ter uma estrutura boa credenciou ela a fazer as escolas [...] (LOPES, 2016, p. 25).

À partir de então, inicia-se outra etapa na trajetória de Duda como dirigente e formadora de atletas, configurando, segundo sua própria percepção, em uma das grandes viradas na sua vida: a criação da Escola de Futebol da Duda. Ao se tornar dirigente de sua própria Escola, Duda quebra as barreiras incipientes da gestão esportiva, cuja área de atuação ainda é dominada pelos homens, e se tratando de futebol esse imperativo torna-se ainda mais acentuado.

5.2 ESCOLA DE FUTEBOL DA DUDA: GESTÃO E MARKETING ESPORTIVO

A área de investigação da gestão esportiva pode ser considerada recente no meio acadêmico, visto que somente a partir da década de 1980 os primeiros periódicos específicos começaram a ser publicados. No entanto, já na década de 1960 foram criados os primeiros programas acadêmicos nos Estados Unidos, em razão deste período ter sido marcado pelo aumento da demanda por produtos esportivos e pelo desenvolvimento dos meios de comunicação, sendo estes os principais responsáveis pela multiplicidade na gestão de esportes em solo americano (ROCHA; BASTOS, 2011).

Apesar do aumento da inserção das mulheres no mercado de trabalho no final do século XX, o campo da gestão esportiva é concebido como uma área de predominância masculina. Ainda que ausente nas principais organizações gestoras do esporte brasileiro (federação, confederação e secretarias) e nas suas diferentes funções (dirigentes, técnicas e árbitras), identifica-se alguns avanços relacionados a presença das mulheres nesse espaço (DERÓS; GOELLNER, 2009). Um estudo realizado por Ferreira (2012) aponta que as mulheres respondiam por cerca de 19% dos membros do Comitê Olímpico Internacional no ano de 2012. Já nos Comitês Olímpicos Nacionais espalhados pelo mundo elas ocupam 20,5% dos cargos executivos, e ainda, que nas federações internacionais o número passa para 17,6% (FERREIRA, 2012).

Segundo Vieira e Stucchi (2007), apesar das áreas de Administração e Educação Física serem diferentes, elas formam os pilares da gestão esportiva, caracterizadas por: gestão de negócios e esporte. Os autores apontam ainda que o conceito de gestão esportiva assemelha-se às relações gerenciais do trabalho do educador físico, que lida frequentemente com a gestão esportiva em sua área de pesquisa. Recorro a este pequeno esboço para indicar o contexto em que Duda se

torna dirigente de uma escolinha de futebol, que segundo Rocha e Bastos (2011) é considerada uma organização esportiva, assim como: clubes, academias, equipes esportivas profissionais e entidades de administração do esporte (ROCHA; BASTOS, 2011, p. 94).

Após a rescisão dos contratos com o Sport Club Internacional as atletas da equipe adulta foram dispensadas e Duda buscou outro local de treinamento para instalar sua escola. No primeiro momento conseguiu locação das quadras do antigo Estádio dos Eucaliptos, no bairro Menino Deus, e logo após mudou-se para quadra do Camisa 10, em frente ao Estádio Beira-Rio. Buscou algumas medidas para que as alunas não sentissem tanto a transição e para que não houvesse uma evasão por conta da mudança. Uma delas foi manter as cores do uniforme em vermelho e branco, que remetiam as cores do uniforme do Internacional, até que não houvesse mais necessidade dessa ligação:

É vamos colocar aí que teve toda uma transição, como eu te falei. O uniforme ele passou a ser branco e vermelho, era o uniforme do Inter com a logo da Duda [risos], depois a gente foi trocando um pouquinho até um certo ponto, uns dois, três anos ainda, eu ainda tinha um uniforme diferenciado, na cor rosa que eu me lembro, que era das meninas, e o uniforme já da cor laranja, preto e branco que era da cor da Escola da Duda. Até que a gente viu que não havia mais necessidade disso e acabamos fazendo um uniforme só [...] (LUIZELLI, Eduarda, 2016, p. 4).

Segundo Proni (1998), nas últimas duas décadas houve uma expansão do marketing esportivo, devido à ampliação da indústria esportiva no mundo, seguida pela globalização. Depois de anos trabalhando exclusivamente com meninas dentro do Sport Club Internacional, Duda viu a oportunidade de expandir a Escola inserindo a participação dos meninos em suas atividades. Ela exalta a inclusão de meninos em sua escolinha como “a grande sacada”. Conforme seu relato são os meninos hoje que dão sustentabilidade às suas escolas e mantêm a diversidade de ofertas das atividades:

Uma vez eu saindo do Inter a gente optou em abrir escolinha masculina e feminina que foi a grande sacada da minha vida, foi ter feito uma escolinha masculina e feminina porque sem dúvida nenhuma, hoje eu posso dizer que o feminino ele é o *marketing* das minhas escolas. Porque hoje se eu tenho mil e duzentos alunos, mil e cem alunos, oitenta por cento são meninos e vinte por cento são meninas. Hoje foram os meninos que deram sustentabilidade nas

Escolas da Duda para que as escolas crescessem e então abrimos vários leques dentro da escolinha (LUIZELLI, Eduarda, 2016, p. 1).

Duda utiliza-se das ferramentas de marketing esportivo para promover o seu negócio. Pitts e Stotlar (*apud* MARQUES; CAFEO, 2014, p. 30), definem marketing esportivo como “o processo de elaborar e implementar atividades de produção, formação de preço, promoção e distribuição de um produto esportivo para satisfazer as necessidades ou desejos de consumidores e realizar os objetivos da empresa”. No caso de Duda o produto esportivo vendido é o futebol e sua metodologia de treinamento das Escolas de Futebol da Duda. De acordo com Marques e Cafeo (2014, p. 30), “todas as organizações que possuem uma ligação com os esportes podem utilizar-se das ferramentas mercadológicas para profissionalização da gestão, visando tornar a modalidade esportiva e/ou time mais reconhecido e valorizado, o que contribui com a captação de patrocinadores e o fortalecimento e aumento de torcedores”. Neste caso, ao invés do aumento de torcedores, as ferramentas mercadológicas são utilizadas por Duda na captação de alunos e alunas para sua Escola e para suas franquias.

A sacada de Duda em inserir os meninos proporcionou o crescimento da Escola e da marca que leva seu nome. A Escola tem por objetivo incentivar meninas e meninos que tem interesse em desenvolver a prática do futebol, promovendo um trabalho de base para formação de futuros atletas. Dentro dessa proposta a Escola da Duda tem como missão: proporcionar a vivência do esporte, principalmente o futebol, usando-o como um instrumento de transformação social, de formação da cidadania e de melhoria da qualidade de vida. Para tanto valores como honestidade, concentração, empenho, lealdade, participação, cooperação, educação, solidariedade, respeito, garra e disciplina são trabalhados nas ações cotidianas. Além disso, para atleta a escola deveria ser uma escola de futebol de referência, conhecida e espalhada por todo o Estado do Rio Grande do Sul.

Figura 9 - Brasão da Escola de Futebol da Duda

Fonte: www.duda.com.br

A metodologia de treinamento foi desenvolvida em parceria com os/as gerentes e professores/as, que se reúnem periodicamente uma vez por mês. Visando harmonizar o trabalho entre as diversas unidades Duda criou o Manual do Gerente e o Manual do Professor que busca conscientizar os profissionais do seu papel como educador/a e formador/a. Neles constam as principais regras para que o processo de ensino-aprendizagem transcorra da melhor forma possível, tanto para o/a professor/a quanto para o/a aluno/a.

O Manual do Gerente propõe que os mesmos tenham as seguintes características: comunicação, organização, conhecimento das normas gerais de conduta das Escolas da Duda, disciplina, postura, motivação, carisma, seriedade, honestidade e visão comercial. O documento traz informações sobre: Normas de Conduta, Captação de Alunos, Como Receber um Professor, Chamadas com Controle e Reuniões Periódicas. As quatro funções básicas do gerente da Duda são: Planejar (utilizar lógica e técnica para pensar e projetar objetivos e ações), Organizar (organizar e distribuir o trabalho, poder e recursos para alcançar os objetivos da organização), Acompanhar (certificar que a organização está seguindo no rumo de seus objetivos) e Liderar (dirigir, influenciar e motivar os profissionais a realizarem tarefas essenciais). Finalizando o Manual do Dirigente, ainda seguem dados de atributos que o gerente necessita desenvolver: Conhecimento (informação, atualização profissional e desenvolvimento permanente), Perspectivas (visão pessoal das coisas, maneira prática de aplicar o conhecimento na prevenção e solução de problemas) e Atitude (comportamento ativo e pró-ativo, ênfase na ação fazer/acontecer, espírito empreendedor, liderança e comunicação).

O Manual do Professor é composto de algumas regras e informações de como os profissionais devem transcorrer com os alunos. As características necessárias para ser um professor na Escola da Duda são: carisma, discrição, sensibilidade, racionalidade, confiança, comunicação, conhecimento, disciplina e postura. São lançadas no documento informações sobre didática, etapas do desenvolvimento motor e estrutura das aulas. Na seção que trata das etapas do desenvolvimento motor as crianças são divididas em quatro etapas evolutivas, sendo elas: pré-escolar de 4 a 6 anos, escolar de 7 a 10 anos, última idade escolar de 11 a 12 anos e puberdade de 13 a 14 anos. Cada etapa traz características psicomotoras e fisiológicas de acordo com a faixa etária. Finalizando o Manual, a estrutura das aulas, que tem duração de 60 minutos, está dividida em quatro partes: aquecimento, parte principal I, parte principal II e volta à calma. Os professores têm liberdade para organizar suas aulas, mas os planos de aula mensais deverão ser entregues com antecedência a Duda. Quando algo não sai de acordo com o desejo de Duda, a mesma interfere para que as instruções contidas no Manual sejam seguidas, conforme relatado por Gisele, professora em uma das sedes da Escola:

A Duda tem um manual de gerente, um manual de professor, mas cada professor dá a sua aula, a Duda está muito presente na Galvão então se não estiver de acordo com o que ela quer, ela vai te chamar e falar contigo, ela tem isso (RAMOS, 2016, p. 15).

Por vezes, ainda que participativa, Duda não conhece os professores que ministram as aulas nas sedes das Escolas, pois essa é outra tarefa do gerente: a contratação de profissionais. A mesma é feita através de convênios com o Sistema de Estágios Inteligente do Brasil (SEIBRAS) ou com o Centro de Integração Empresa-Escola (CIEE), empresas especializadas em estágios. Os profissionais devem estar cursando Educação Física em alguma instituição de ensino.

Mesmo com a existência do Manual, Duda relata que uma das dificuldades que enfrenta como dirigente é a resistência de alguns profissionais em exercer o método estipulado, como ela conta:

Hoje uma das minhas maiores brigas com os meus gerentes é que nós temos um método, uma padronização de aula mas a execução não é como eu gostaria. Porque hoje eu pego um professor *vêio* lá, ele nem leu o meu negócio, ele nem passou talvez. Então é uma

briga assim que a gente tem todo mês, quando tem reunião... (LUIZELLI, Eduarda, 2016, p. 8).

De acordo com Duda, outra dificuldade enfrentada em termos de gerenciamento é encontrar pessoas que se enquadrem no perfil adequado e que sigam a padronização criada por ela para manter a qualidade de seus estabelecimentos. Duda cita algumas tarefas básicas que o/a gerente necessita realizar, com destaque para seu envolvimento em estratégias de divulgação da Escola.

Hoje talvez uma das maiores dificuldades que nós temos, talvez seja encontrar pessoas que tenham um perfil adequado de gerentes, porque hoje um gerente de uma escolinha ele tem que dar aula, pelo menos para começar, tem que panfletar, tem que pendurar a faixa. E se tu for ver são coisas que eu faço hoje e eu não tenho nenhum problema de ir lá e panfletar em um colégio se eu acho que eu preciso panfletar naquele colégio, claro que às vezes vai eu, vai mais dois, três professores juntos. Se a gente acha que aquilo é importante, a gente tem que fazer para uma escolinha crescer. E as vezes a gente encontra pessoas assim, é bem difícil hoje tu encontrar pessoas capacitadas na verdade para tocar uma escolinha para frente (LUIZELLI, Eduarda, 2016, p. 15-16).

A proporção do desenvolvimento de seu estabelecimento levou Duda a investir na ideia de franquias da Escola. O processo é feito através do interesse de algum profissional de Educação Física ou mediante atenção de Duda para algum local que considere vantajoso. De acordo com Duda, os locais para se instalar uma de suas escolas necessitam se encaixar em um padrão inicial:

Não pode ser um local, uma quadra para dentro de uma faixa, tem que ser um local teoricamente em uma avenida, onde tenha acesso. Geralmente se for uma quadra aberta, tem que ter um ginásio do lado para gente tentar fazer com que com chuva tenha aula sempre (LUIZELLI, Eduarda, 2016, p. 7).

O próximo passo para estabelecer uma franquia consiste em encontrar uma pessoa que gerencie a escola, que seja responsável por ela. Uma das exigências é que essa pessoa seja formada no curso de Educação Física, seja credenciada pelo Conselho Regional de Educação Física (CREF) e esteja com a sua anuidade em dia. A partir daí um contrato de trabalho é estabelecido e Duda e o/a profissional se tornam sócios. Nas suas palavras:

Depois no mais é só o cara querer, eu faço um contrato com ele, um contrato de sociedade, onde ele tem que ter uma MEI⁷⁶ só, se ele não tiver uma empresa ele precisa ter uma MEI que seja. E na verdade ele vai ser meu sócio na escolinha, e tudo que a gente faz dentro da escolinha que tenha ganho é meio a meio e já era (LUIZELLI, Eduarda, 2016, p. 7-8).

Sua irmã Gabriela, formada em Administração, auxilia no gerenciamento da Escola fazendo controle do número de alunos, pagamentos, inadimplência, crescimento, ou não, de uma unidade. Apesar de todas essas tarefas, Gabriela ressalta que a captação de alunos/as precisa ser feita por Duda, por conta da motivação causada por sua presença em seus gerentes:

[...] Essa parte da captação, de buscar alunos, a Duda busca fazer, porque ela sabe que só com ela é que acontecem as coisas. Ela sabe que tem que partir dela algumas coisas, até para motivar os gerentes. Então tem que partir dela ir em uma escola visitar ou “vamos colocar umas faixas, vamos divulgar”. Ela sabe que parte muito dela disso. Claro que talvez não precisasse partir, mas precisa. Precisa, porque as pessoas precisam de uma motivação e precisam saber que ela está ali, interessada, presente (LUIZELLI, G, 2015 p. 17).

De acordo com Mocsanyi e Bastos (2005, p. 57) “Todos os gerentes são, em certo sentido, gerentes de pessoas, porque todos estão envolvidos em atividades como recrutamento, entrevistas, seleção e treinamento”. O perfil que Duda busca para seus gerentes vai ao encontro do perfil proposto por Vieira e Stucchi (2007), que faz referência às competências de um gestor indicando que o mesmo necessita ter conhecimento de esporte, habilidade em negociação, planejamento estratégico, processo decisório, lidar com reclamações, ter conhecimento legal, captar recursos, motivar seus funcionários e supervisionar os recursos humanos (VIEIRA; STUCCHI, 2007, p. 119). Além de que, segundo Rocha e Bastos (2011, p. 94) “as atividades de “marketing” representam apenas uma parte das tarefas de um gestor”.

Hoje, a Escola da Duda Conta com nove sedes⁷⁷ situadas nos municípios de Porto Alegre, São Leopoldo, Canoas e Camaquã, e as aulas são realizadas em quadras esportivas, colégios e pré-escolas. Conforme a narrativa de Duda, as turmas são mistas até os doze anos de idade, meninos e meninas treinam juntos. A

⁷⁶ Microempreendedor Individual.

⁷⁷ Galvão Sports (Porto Alegre), Colégio Divino Mestre (Porto Alegre), Sulsete Cavallhada (Porto Alegre), Botafogo (Camaquã), JC Esportes (São Leopoldo), Sport Point (Canoas), HD Sports Jardim do Salso (Porto Alegre), RO7, São Leopoldo,

partir dos treze anos, há turmas específicas somente para meninas, pois antes disso não há demanda para fazer turmas exclusivas para elas:

[...] as meninas até estarem na quinta série, trabalhamos elas junto com os meninos, não tenho turma específica feminina hoje. Porque como ela está na quinta série, ela vai estudar de tarde, então as turmas de manhã são todas mistas, ou final de tarde, são todas mistas, menino e menina, até porque é difícil formar turma de menina pequena. Quando ela tem doze anos, quando ela vai para sexta série, vai para manhã, o que a gente faz, de tarde tem a turma à cima de doze anos específica, por exemplo, no caso de futebol feminino (LUIZELLI, Eduarda, 2015, p. 11-12).

De acordo com Duda, os meninos têm mais facilidade para preencher uma turma por conta da variedade de competições que os faz permanecer sempre em atividade. Ao contrário das meninas, quando chegam aos treze anos de idade os meninos são indicados para equipes do Grêmio e do Internacional, transferindo-se para outro local de treinamento. Até então, meninos e meninas treinam juntos e da mesma forma, seguindo o mesmo método de treinamento, e como relata Duda, as meninas competem junto com os meninos:

E tentamos trabalhar, trabalhamos de todas as formas, todos os fundamentos, desde lá do início, primeiro de forma lúdica, depois de forma que a criança aprenda, depois de forma mais competitiva, até competindo com meninos, até doze anos elas jogam junto com meninos. Porque infelizmente nós não temos muita quantidade, e os que têm são campeonatos escolares que nós não podemos participar (LUIZELLI, Eduarda, 2015, p. 12).

Competições de categorias de base para meninas são raras, quando não são inexistentes no caso do Rio Grande do Sul. Mas isso pode ser observado da mesma forma a nível nacional. No início do mês de julho deste ano, por falta de campeonatos específicos para meninas a equipe do Centro Olímpico, disputou uma competição jogando contra meninos no estado de São Paulo. A Copa Moleque Travesso reuniu times de camisa como São Paulo Futebol Clube, Sport Club Corinthians, Associação Portuguesa de Desportos e Clube de Regatas Flamengo na categoria sub-13. O feito tomou grandes proporções midiáticas entorno do primeiro lugar conquistado pelas meninas nessa competição⁷⁸. Para suprir a ausência de

⁷⁸ Disponível em: <http://esportes.estadao.com.br/blogs/olimpilulas/meninas-vencem/> Acesso: 12 de julho de 2016.

campeonatos que envolvem as meninas, Duda criou a Liga das Escolas da Duda (LED's). A competição é disputada duas vezes por ano envolvendo as franquias da Escola nas diferentes categorias em suas devidas faixas etárias entre meninas e meninos.

Duda abriu vários leques para além do ensino do futebol. O comércio de produtos não esportivos como bermudas, tops, camisetas, calções, parcas, moletoms, *squeezes*, meias, abrigos, entre outros, é a ponta do *iceberg* do mercado criado por Duda. A Escola conta ainda com alguns diferenciais: *Baby Fut* (aulas de futebol para crianças de três a seis anos de idade), Turismo Esportivo (promoção de viagens nacionais e internacionais visando competições de futebol), Projeto Olímpico (aulas de modalidades olímpicas como vôlei, basquete, handebol e futebol, para crianças nas pré-escolas) e Colônia de Férias (atividades recreativas e multiesportivas para crianças nos meses de janeiro e fevereiro).

De acordo com Marques e Cafeo (2014) a complexidade da gestão esportiva, ou gestão do produto, deve ser destacada por sua abrangência, visto que envolve além da modalidade, os atletas, os eventos organizados, os produtos derivados desse processo, a busca de patrocinadores e a conquista de apoiadores.

Figura 10 - Pôster da Colônia de férias da Duda



Fonte: www.duda.com.br

Em virtude dessas ações a Escola da Duda é um dos maiores estabelecimentos de ensino de futebol do estado, como citado por Duda:

A Duda virou praticamente uma marca. Hoje nós somos uma das maiores escolinhas do Rio Grande do Sul, temos hoje quase mil alunos, se somarmos os de pré-escola, somar todas as nossas escolas, enfim, temos um número bem considerável de alunos, e a gente vem tentando evoluir a cada ano que passa, nunca está bom, sempre queremos melhorar e quer fazer alguma coisa a mais (LUIZELLI, Eduarda, 2015, p. 5).

O marketing tradicional é conhecido pelos 4 Ps: produto, preço, praça e propaganda. Além desses quatro Ps, Cardia (*apud* MARQUES; CAFEO, 2014), indica que é necessário acrescentar um outro “P” no mix do marketing esportivo, seria o “P” da paixão. A paixão pelo negócio fica evidente na fala resultante do questionamento sobre ministrar aulas na escolinha. Duda diz que gosta mesmo é da coordenação e do trato com os pais e alunos, na venda de materiais e atividades:

Gosto mesmo é de coordenar, de conversar com os pais, de saber como está, isso eu acho que faço super bem, se chego a qualquer uma das minhas escolinhas, chego lá e falo “esse aqui é o uniforme novo da Duda”, todo mundo vai lá e adquire o uniforme novo. Coisa que o professor da escolinha, o gerente tem certa dificuldade de fazer isso. Eu não tenho nenhuma, vou lá pego e faço, “a nós vamos fazer uma viagem para não sei onde”. Eu estando, fica tudo muito mais fácil. Mas não consigo ficar em todos os lugares ao mesmo tempo, mas é assim que vão acontecendo às coisas (LUIZELLI, Eduarda, 2015, p. 11).

Duda mantém uma equipe adulta por meio de parcerias para disputar as competições da categoria. O Porto Alegre Futebol Clube e a Prefeitura de Alvorada foram colaboradores neste projeto. De acordo com a dirigente, de todas as edições do Campeonato Gaúcho de Futebol, houve apenas uma que a Escola da Duda não participou:

Nós sempre fomos uma referência dentro do futebol feminino, porque junto com as Escolas da Duda, nós participamos do Campeonato Gaúcho, teve um ano só que não participamos. De todas as edições do Campeonato Gaúcho. Então nós sempre participamos, eu sempre ia lá conseguia apoio daqui, apoio dali (LUIZELLI, Eduarda, 2016, p. 4).

O Campeonato Gaúcho ficou estagnado do ano de 2004 até o ano de 2008, quando foi reativado pela Associação Gaúcha de Futebol Feminino. Atualmente Duda mantém uma equipe de competição em parceria com a Prefeitura de Canoas. É considerada uma das equipes mais organizadas do estado, visto que é uma das

poucas que conta com local de treinamento específico, no Centro Olímpico Municipal de Canoas, mantém uma comissão técnica especializada e com experiência em futebol, e ainda dispõe de materiais de treino e jogo sem gerar custo para as atletas.

Figura 11 - Equipe Duda/Canoas: campeã do Campeonato Gaúcho de Futebol Feminino de 2015



Fonte: www.duda.com.br

A equipe Canoas/Duda sagrou-se campeã do Campeonato Gaúcho em 2015 sobre o comando da técnica Patrícia Gusmão. Ela já foi mencionada nesta dissertação, como ex-aluna e colega de Duda no Sport Club Internacional, e hoje comanda sua equipe nas competições estaduais. Tatiele Silveira, que manteve com Duda a mesma relação que Patrícia, coordena e ministra aulas na sede da Escola no Parque Gigante. Duda revela que devido a essas duas protagonistas, quebrou uma resistência que tinha relacionada à mulheres em comando técnico, frente à outras equipes:

Isso é bem legal. Tu vê que eu sempre na verdade, tive um pouco de preconceito, não sei acho que preconceito é uma palavra muito forte. Mas eu nunca gostei muito de mulher coordenando mulher, eu sempre achei que a figura de um homem às vezes impõe mais respeito, e hoje eu posso falar tranquilamente que tanto a Pati quanto a Tati, têm capacidade técnica melhor do que muito homem treinador que eu já vi. Tanto que o meu preconceito foi por água a baixo, porque a minha ideia... Hoje quem coordena as minhas equipes, praticamente, a minha equipe de competição é a Pati, quem coordena hoje uma das minhas escolinhas que começamos agora com a ideia de ser uma das melhores, enfim, é a Tati. Então quer dizer, nós temos a ideia assim de que, o meu preconceito quebrou, morreu [risos] (LUIZELLI, Eduarda, 2016, p. 13).

As diferenças experimentadas entre homens e mulheres no ambiente de trabalho se devem às variáveis estruturais como: oportunidade, poder e proporção. A configuração do sistema faz com que as mulheres ocupem a base da pirâmide hierárquica, resultado de menores chances de inserção e mobilidade em cargos de comando (GOMES *et al*, 2012). Há um fenômeno denominado “teto de vidro”, definido pela ocupação de mulheres em postos inferiores, a partir dos quais visualizam posições a cima através da transparência de uma cobertura de vidro, mas não conseguem ultrapassá-la. Esse acontecimento pode ser notado também no universo esportivo, onde o trabalho masculino recebe maior valor relacionado ao trabalho feminino, marcando o princípio hierárquico no qual a estrutura esportiva é baseada e denotando o desequilíbrio de poder entre os gêneros que tange esse meio. Tornando dessa forma, os cargos de maior importância inatingíveis ao gênero feminino, causados pelo não reconhecimento da mulher em cargos de liderança (GOMES *et al*, 2012, p. 161).

Por fim, Duda é dona de seu próprio negócio, obtém reconhecimento regional e nacional dentro da modalidade e ainda é uma das referências no que diz respeito ao futebol de mulheres no Rio Grande do Sul. Transformou seu nome em uma marca e gerencia hoje um estabelecimento de ensino que conta com aproximadamente mil alunos. Pode-se dizer que Duda ultrapassou o teto de vidro.

5.3 FINAL DO SEGUNDO TEMPO

Encontramo-nos na etapa final da partida da trajetória de Duda como dirigente. O apito final se aproxima, mas ainda há tempo para aumentar o placar do jogo que já está nos acréscimos.

Duda sente-se influenciadora nas escolhas da vida de muita gente, um exemplo disso são Patrícia e Tatiele, que também ultrapassaram o teto de vidro. Vislumbraram na profissão de professoras de Educação Física um caminho para permanecerem no futebol. Mas assim como se vê responsável pela inclinação profissional de suas ex-atletas, também sente um pesar pelo fato do futebol de mulheres não ter alcançado vãos mais altos assim como ela relata em sua entrevista:

Então eu acho que eu já influenciei na vida, já fui responsável por tanta coisa legal que eu vejo, uma pena o futebol feminino não ter deslanchado um pouco mais, mas estamos sempre ali tentando, na batalha, fazendo com que as coisas cresçam a cada ano que passa. Mas eu acho que é legal, porque elas viram assim como eu que dentro da Educação Física é possível a gente conquistar sonhos, ir atrás daquilo que a gente quer, tem que ser trabalhando, hoje infelizmente jogando mesmo, eu acho um pouco mais difícil, mas nada é impossível (LUIZELLI, Eduarda, 2016, p. 14).

Segundo Renato, no estado do Rio Grande do Sul, há uma “era antes da Duda e uma era pós Duda” (LOPES, 2016, p. 34), pois ela foi responsável pela criação de algo que não existia: as escolas de futebol exclusivas para meninas. O marido que acompanhou e por vezes participou de sua trajetória esportiva, remete Duda como a precursora do desenvolvimento do futebol de mulheres no estado. Nas suas palavras:

A cara eu acho que tem uma era antes da Duda e uma era pós a Duda, ela foi precursora disso aí, do futebol feminino um pouco mais profissional, o futebol feminino um pouco mais feminino e profissional, uma coisa mais organizada, uma outra visão, a Duda era imagem do futebol feminino, ela ia na RBS ela ia na Zero Hora, ela fazia a imagem de que o futebol feminino tinha representante de qualidade por ser da Seleção, então ela representou um universo de meninas que não tinham voz nenhuma, talvez se não tivesse acontecido, se não tivesse pintado uma Duda que aparecia toda hora na Zero Hora fazendo gol, gol da Duda, gol do Inter e gol de falta e gol de cabeça (LOPES, 2016, p. 34-35).

A representatividade e a batalha de Duda em prol do futebol de mulheres no Rio Grande do Sul também são retratadas por Bel, sua companheira durante anos nos campos e ginásios do estado. Como relata em sua entrevista:

E aí nós temos também que falar da Duda, não é? Se não tivesse a Duda aqui o futebol feminino não teria... Quem é que batalha pelo futebol feminino? Não conheço ninguém, só conheço a Duda. Ela também tem que ganhar uma medalha, lógico que ela está ali lutando pelo pão dela, mas eu acho que ela batalha muito pelo futebol feminino. Ela faz... (NUNES, 2016, p. 14).

Em vista ao seu envolvimento com a modalidade, Duda foi convidada pela Confederação Brasileira de Futebol para ser assistente pontual da seleção de mulheres em outubro de 2015 no amistoso contra a equipe dos Estados Unidos. O cargo busca dar visibilidade as pioneiras do futebol de mulheres como uma forma de

reconhecimento pelos serviços prestados à seleção brasileira. Duda criou um *link* com a seleção canarinho á partir de sua convocação como jogadora de futebol na década de 1990 e no papel de dirigente e formadora de atletas oportunizou a algumas meninas de sua escolinha a vivência de vestir a camiseta brasileira também. Segundo ela, já são mais de 40 meninas advindas de sua Escola convocadas para seleção brasileira de base.

No dia 08 de março de 2016, o jornal Correio do Povo fez uma homenagem à algumas mulheres que são pioneiras em suas áreas de atuação profissional. Ao lado de Silvana Covatti (primeira presidenta da Assembléia Legislativa), Alcina Surreaux (primeira presidenta do Tribunal Regional do Trabalho da 4ª Região), Deb Xavier (embaixadora do *Womans Entrepreneurship Day*) e Ivani Gregori (primeira árbitra de futebol profissional do Rio Grande do Sul), Duda aparece como a “desbravadora no futebol”. Este reconhecimento é o indicativo de que Duda permanece como a referência no que tange o futebol de mulheres no Rio Grande do Sul.

Ao ser questionada sobre suas motivações para permanecer trabalhando com o futebol de mulheres Duda cita como objetivo tornar-se uma referência na formação de atletas não somente no Rio Grande do Sul, mas no Brasil. Suas perspectivas para seu futuro dentro da modalidade são grandes, como relata em sua entrevista, Duda alimenta o sonho de ter algum projeto ligado à FIFA para desenvolver ainda mais o futebol para as meninas, sem se limitar às fronteiras nacionais, como ela relata:

O meu grande sonho hoje eu vou te dizer que é, sem dúvida nenhuma, eu acho que depois de trinta anos de experiência de futebol feminino, o meu grande objetivo hoje é ter um projeto de futebol feminino vinculado à CBF, a FIFA. Fazer alguma coisa *top*, eu não penso mais a nível de Rio Grande do Sul, a nível de Brasil. Eu já queria pensar em algo muito maior. Eu acho que não estamos longe disso acontecer, acho que tem coisas andando e tramitando que a minha ideia é fazer com que isso aconteça um dia, vamos ver o que vai acontecer agora nas próximas... (LUIZELLI, EDUARDA, 2016, p. 15).

Enfim, a meta é ampla e sonhar alto parece ser uma das características da gestora que tem como propósito estar ligada à maior entidade que rege o futebol no mundo. Sua trajetória como dirigente não chegou ao fim e promete colher alguns frutos no que diz respeito à formação de atletas e ao desenvolvimento do futebol de mulheres.

6 APITO FINAL: ACABA O JOGO, SEGUE A VIDA

Iniciar as considerações finais dessa dissertação me faz lembrar de todo caminho percorrido até aqui. O futebol para mim se encontra na lista de peças vitais para vida, que mistura sentimentos e emoções além das linhas do campo de jogo. A responsabilidade de dar visibilidade à história de uma das pioneiras e protagonistas do futebol de mulheres no Rio Grande do Sul, por vezes, causou-me insegurança. A ansiedade de embarcar nessa missão desafiadora foi suprida pela enorme vontade de tornar pública a história da pessoa que mais desenvolve o futebol para mulheres no estado.

Ao longo da realização desse trabalho Duda tornou-se o objeto de pesquisa muito além do imaginado anteriormente por mim. Suas ações, tomaram grande proporções a medida que outras biografias emergiam na história. A decisão de visibilizar a coletividade de sua trajetória esportiva foi recompensada com a história de outras protagonistas que auxiliaram para o desenvolvimento da modalidade no Rio Grande do Sul, contemplando assim o principal objetivo desse trabalho de reconstruir, paralelamente à trajetória esportiva de Duda, a história do futebol de mulheres no Rio Grande do Sul a partir da década de 1980, construindo uma narrativa de Duda como jogadora e formadora de atletas.

A primeira aproximação de Duda com o futebol foi através de seu vizinho e craque da equipe do Sport Club Internacional Valdomiro. Como a grande maioria de meninas que jogam futebol, iniciou praticando na rua com meninos, sendo a única menina entre eles. A pracinha do bairro Menino Deus deu início a carreira de Duda como jogadora de futebol. Identificou-se que o apoio de seus pais e familiares, assim como o aporte financeiro dos mesmos, foi determinante para o sucesso em sua trajetória esportiva, tanto como atleta quanto como gestora. A paixão de seu pai Eduardo pelo Sport Club Internacional e pelo futebol, aliado ao gosto por esportes de sua mãe Rosa, permitiram que Duda iniciasse e permanecesse no esporte que mais gostava. É sabido que não raro, inclinados por representações sociais referentes ao futebol e a masculinidade, pais de meninas não apoiam e até mesmo impedem que as mesmas pratiquem o esporte. Dito isso, com o incentivo de seus pais Duda rompe a barreira do hegemonicamente correto e segue sua caminhada como mulher que pratica futebol.

A modalidade deixou de ser somente uma brincadeira quando a menina passou da praça para os campos do Sport Club Internacional. Aos treze anos de idade Duda compôs a equipe de pioneiras que se aventuravam pelo estado e pelo Brasil praticando o esporte. A década de 1980 é marcada pela revogação da lei que proibira meninas e mulheres de jogar futebol. Após a liberação muitas equipes de mulheres emergiram no estado havendo incentivo por parte dos dois clubes de maior expressão no Rio Grande do Sul: Sport Club Internacional e Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense. Longe de terem o respaldo e os salários dos grandes craques da dupla grenal, as meninas batalhavam por conta própria para manterem-se disputando competições pelo estado, constantemente sem o incentivo financeiro dos clubes. É nessa época que Duda surge para o futebol que junto ao Internacional ficou em terceiro lugar na Taça Brasil de Clubes, ocasião relatada pela atleta como a origem de sua carreira como jogadora.

Notou-se que as descontinuidades permeiam o futebol de mulheres tanto no estado gaúcho quanto em nível nacional. No final da década de 1980 o Sport Club Internacional fechou as portas para as mulheres futebolistas concomitantemente à interrupção do Campeonato Gaúcho de Futebol Feminino no ano de 1987, organizado pela Federação Gaúcha de Futebol. Esse período é marcado pela migração das jogadoras para o futebol de salão, aliado constante na manutenção de jogadoras na prática do esporte. Duda uniu-se às companheiras da equipe colorada para criar a equipe da Sociedade Esportiva Recreativa Bruxas. Durante o período em que o futebol de campo permaneceu estagnado no estado, a equipe das Bruxas como eram conhecidas, viajaram pelo território gaúcho disputando competições de futsal e fazendo amistosos contra outras equipes de mulheres, e na falta de campeonatos jogavam até mesmo contra equipes de homens. Nessa época, verificou-se que a mídia especializada em cobrir o esporte dava ênfase em outras questões quando referido o futebol de mulheres. As qualidades técnicas ficavam em segundo plano, destacando-se características estéticas entorno do corpo da mulher futebolista. Duda por se encaixar em um padrão de feminilidade dito como o ideal se destacava entre as jogadoras que tinham maior amparo midiático. A espetacularização do corpo da mulher atleta é percebida até os dias de hoje, quando a mídia especializada dá maior relevância à questões estéticas do que práticas.

Após longo período sem atividades do futebol de campo, com o intuito de reestruturar a modalidade a Federação Gaúcha de Futebol organizou seletiva para

montar a Seleção Gaúcha de Futebol Feminino para participar de uma competição nacional que reuniu seleções de diversos estados no ano de 1994. A Seleção Gaúcha garantiu o terceiro lugar na Taça João Havelange e Duda chamou a atenção de um empresário que a enviou para fazer testes no Milan da Itália tornando-se inspiração para atletas que desejavam jogar fora do país. Notou-se a partir do relato das jogadoras que haviam migrado para o futebol internacional que existe maior valorização profissional no que diz respeito ao futebol estrangeiro. As atletas relataram que conquistaram independência financeira a partir de sua migração, feito que dificilmente conseguiriam em solo brasileiro. Apesar do pioneirismo de Duda na migração internacional, o futebol italiano proporcionou à atleta momentos de dificuldade em sua carreira como jogadora. Duda relata que o período em que permaneceu lesionada na Itália sem poder jogar foi o maior obstáculo enfrentado por ela em sua trajetória esportiva.

Durante as duas temporadas que permaneceu na Itália, Duda era constantemente convocada para Seleção Brasileira, o que também rendeu discórdia entre a atleta e o clube italiano Hellas Verona. No que tange sua permanência na equipe canarinho Duda aponta a maior frustração que viveu em sua carreira: não participar de uma Olimpíada. Apesar de estar presente em toda fase de preparação que antecedia a competição, Duda foi cortada da lista de convocadas que iriam aos Jogos Olímpicos de Atlanta em 1996. O status de jogadora da seleção brasileira fez com que a atleta alavancasse durante anos sua escolinha exclusiva para meninas no Sport Club Internacional.

Ao retornar da Itália, apresentou um projeto à diretoria do clube colorado para instaurar uma escolinha exclusiva para meninas iniciando sua trajetória como dirigente e formadora de atletas. Sua representatividade como futebolista alcançou milhares de meninas que partilhavam do mesmo sonho: tornar-se uma jogadora de futebol.

Apesar de todas as dificuldades enfrentadas por Duda e por suas colegas de Sport Club Internacional no que diz respeito à sua permanência no esporte, novas linhas da história do futebol de mulheres do Rio Grande do Sul foram escritas e novas protagonistas da modalidade surgiram na década de 1990. Com o clube colorado Duda foi penta campeã gaúcha, tri campeã da Copa Sul e chegou ao terceiro lugar de um Campeonato Brasileiro, no qual foi a artilheira da competição. Por anos, Duda foi a atleta em quem as meninas se inspiraram sendo referência

dentro e fora de campo. A paixão pelo Internacional é mencionada por seu marido Renato como um dos obstáculos na carreira de Duda, que permaneceu no seu clube do coração até o encerramento das atividades do departamento de futebol feminino. A rivalidade vivenciada pelas equipes de homens de Inter e Grêmio, foi reproduzida pelas equipes de mulheres dos dois clubes. Os Grenais renderam momentos inesquecíveis na carreira de Duda. Um deles, relatado com detalhes pelas jogadoras: a final do Campeonato Gaúcho de 2002, que foi apontado como um dos momentos mais marcantes vivenciado pelas atletas. Esse jogo marcou também a despedida de Duda dos gramados que encerrou sua carreira para ser mãe.

O Sport Club Internacional encerrou por mais uma vez as atividades do departamento de futebol feminino do clube. Fato observado em outras instituições e que demarcam ainda mais as descontinuidades do futebol de mulheres no Brasil. Essa ação fez com que Duda removesse sua escolinha das dependências do clube, o que segundo ela foi a maior virada da sua vida. Ao sair do Internacional, Duda criou a Escola de Futebol da Duda, abrindo espaço para inserção dos meninos em suas atividades.

Na gestão de sua Escola criou uma metodologia de ensino passada para seus profissionais através de dois manuais: do gerente e do professor, visando a manutenção na qualidade de ensino. Duda relata que uma das dificuldades enfrentadas como gerente é a adesão desses profissionais aos padrões sugeridos por ela. Hoje o nome Duda tornou-se uma marca com o auxílio das ferramentas de marketing esportivo. Percebeu-se que o gerenciamento esportivo, é um campo de atuação dominado pelos homens, e que as mulheres ao vislumbrarem cargos de liderança são confrontadas pelo fenômeno do teto de vidro, pelo qual Duda ultrapassou ao tornar sua Escola referência na área da formação de atletas no Rio Grande do Sul.

Finalizo esta dissertação dizendo que a bola segue rolando nos campos da vida, pois ela é composta por mais do que dois tempos de quarenta e cinco minutos. Fica o desejo de que mais pesquisas como essas se tornem possíveis, a fim de tornar visíveis histórias que ficaram às sombras ao decorrer do tempo.

REFERÊNCIAS

- ALBERTI, Verena. **História oral: a experiência do CPDOC**. Rio de Janeiro: Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil, 1989.
- ALBERTI, Verena. Histórias dentro da História. *In*: FONTES históricas. São Paulo: Contexto, 2005a. v. 1. p. 155-202.
- ALBERTI, Verena. **Manual de história oral**. 3. ed. Rio de Janeiro:FGV, 2005b.
- ALTMANN, Helena. **Rompendo fronteiras de gênero: Marias (e) homens na educação física**. [s.l.]: [s.n.], 1998.
- ALMEIDA, Caroline Soares de. O Clube da Rua Mascarenhas de Moraes: memórias do futebol de mulheres em Copacabana. Ponto Urbe. **Revista do Núcleo de Antropologia urbana da USP**, São Paulo, n. 14, 2014.
- ALVES, Mônica Hickmann. **Depoimento de Mônica Hickmann Alves: Projeto Garimpando Memórias**. Porto Alegre: Centro de Memória do Esporte – ESEFID/UFRGS, 2015.
- AMOR, Sisleide Lima do. **Depoimento de Sisleide Lima do Amor: Projeto Garimpando Memórias**. Porto Alegre: Centro de Memória do Esporte – ESEFID/UFRGS, 2015.
- BACELLAR, Carlos. Uso e mau uso dos arquivos. *In*: FONTES Históricas. São Paulo: Contexto, 2005. v. 1. p. 23-79.
- BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70 LDA, 2000.
- BETTI, Irene Rangel; MIZUKAMI, Maria da Graça Nicoletti. História de vida: trajetória de uma professora de Educação Física. **Motriz**, Rio Claro, v. 3, n. 2, p. 108-115, dez. 1997.
- DARIDO, Suraya Cristina. Futebol feminino no Brasil: do seu início à prática pedagógica. **Motriz**, v. 8, n. 2, p. 43-49, 2002.
- DERÓS, Carolina de Campos; GOELLNER, Silvana Vilodre. As mulheres na gestão do esporte brasileiro: um estudo pioneiro. **Revista Movimento**, Porto Alegre, v. 15, p. 235-242, abr./jun. 2009.
- AS 10 MAIS belas jogadoras do Brasileirão feminino. Disponível em: <<http://globoesporte.globo.com/blogs/especial-blog/pombo-sem-asa/post/10-mais-belas-jogadoras-do-brasileirao-feminino.html>>. Acesso em: 25 nov. 2014.
- DUDA: almeno lei c'è. **La Cronaca**, Verona, 11 febr. 1995.
- DUDA a tenista que vai jogar futebol na Itália. **Informativo da Federação Gaúcha de Tênis**, Porto Alegre, n. 13, p. 14, mar. 1994.

DUDA entra na quadra e o jogo fica mais bonito. **Zero Hora**, Porto Alegre, p. 16, 25 jun. 1991.

DUDA na seleção. **Zero Hora**, Porto Alegre, 6 dez. 1996.

E IL VERONA cerca a Torino punti per la corsa-salvezza. **Resegna Stampa**, 18 febr. 1995.

ELAS BATEM um bolão: confira as mais belas do Mundial de futebol feminino. Disponível em: <<http://globoesporte.globo.com/blogs/especial-blog/pombo-sem-asa/post/elas-batem-um-bolao-confira-mais-belas-do-mundial-de-futebol-feminino.html>>. Acesso em: 12 jun. 2015.

ESCOLINHA. **Correio do Povo**, Porto Alegre, 30 jul. 1994.

ESCOLINHA de futebol feminino. **Zero Hora**, Porto Alegre, 29 maio 1996.

FEDERAÇÃO gaúcha de futebol de salão. **Jornal do Partenon Tênis Clube**, Porto Alegre, v. 1, n.1, p. 4, set. 1993.

FERREIRA, Heidi Jancer. **O percurso de mulheres como técnicas esportivas no Brasil**. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, 2012.

FERREIRA, Sílvio. Duda vai jogar no Milan da Itália. **Zero Hora**, Porto Alegre, 9 mar. 1994.

FERRETTI, Marco Antônio de Carvalho *et al.* O futebol feminino nos Jogos Olímpicos de Pequim. **Motriz**, v. 17, n. 1, p. 117-127, 2011.

FRANCO JÚNIOR, Franco. **A dança dos deuses: futebol, cultura e sociedade**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

FRANZINI, Fábio. Futebol "é" coisa para macho"?: pequeno esboço para uma história das mulheres no país do futebol. **Revista Brasileira de História**, v. 25, n. 50, p. 315-328, 2005.

FUTEBOL feminino. **Jornal da Federação Gaúcha de Futebol**, Porto Alegre, p. 7, 1993.

GOELLNER, Silvana Vilodre. Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, v. 19, n. 2, p. 143-151, 2005.

GOELLNER, Silvana Vilodre. Mulheres e esporte: sobre conquistas e desafios. **Revista do Observatório Brasil da Igualdade de Gênero**, Brasília, v. 2, n. 4, p. 2012.

GOELLNER, Silvana Vilodre; SILVA, Paula; GOMES, Paula Botelho. A sub-representação do futebol praticado por mulheres no jornalismo esportivo de Portugal:

um estudo sobre a Algarve women's football cup. **Movimento**, Porto Alegre, v. 19, n. 3, p. 171-189, jul./set. 2013.

GOELLNER, Silvana Vilodre; Jaeger, Angelita Alice. **Garimpendo Memórias: esporte, educação física, lazer e dança**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007.

GOMES, Euza *et al.* As representações da mídia sobre a gestão feminina no Clube de Regatas Flamengo. **PODIUM Sports, Leisure and Tourism Review**, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 151-173, jan./jun. 2012.

GONÇALVES, Rita de Cássia; LISBOA, Teresa Kleba. Sobre o método de história oral em sua modalidade história de vida. **Revista Katálysis**, Florianópolis, n. 10, p. 83-92, 2007. n. esp.

GUERRA FILHO, Adroaldo. Inter se concentra em dar goleada no Grenal feminino. **Zero Hora**, Porto Alegre, 2 nov. 1998.

GUSMÃO, Patrícia. **Depoimento de Patrícia Regina Gusmão: Projeto Garimpendo Memórias**. Porto Alegre: Centro de Memória do Esporte – ESEFID/UFRGS, 2014.

JORAS, Pamela Siqueira. **Futebol e Mulheres no Brasil: a história de vida de Aline Pellegrino**. Dissertação (Mestrado) – Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015.

KESSLER, Claudia Samuel. **Mais que barbies e ogras: uma etnografia do futebol de mulheres no Brasil e nos Estados Unidos**. Tese (Doutorado) – Faculdade de Antropologia Social, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015.

KESSLER, Claudia Samuel. **“Entra aí pra completá”**: narrativas de jogadoras do futsal feminino em Santa Maria – RS. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Ciências Sociais, Universidade Federal de Santa Maria. Santa Maria, 2010.

KLAFS, Carl E.; LYON, M. Joan. **A mulher atleta: guia de condicionamento e treinamento físico**. Interamericana, 1981.

KNIJNIK, Jorge Dorfman; VASCONCELLOS, Esdras Guerreiro. Sem impedimento: O coração aberto das mulheres que calçam chuteiras no Brasil. *In*: COZAC. J. R. (Org.). **Com a cabeça na ponta da chuteira: ensaios sobre a psicologia do esporte**. São Paulo: Annablume/Ceppe, 2003. p. 2-18.

LOPES, Carlos Renato. **Depoimento de Carlos Renato Lopes: Projeto Garimpendo Memórias**. Porto Alegre: Centro de Memória do Esporte – ESEFID/UFRGS, 2016.

LOPES, Geraldo. Na luta contra o preconceito: ela valoriza a vaidade e diz que bola nunca fez mal. **Manchete**, São Paulo, p. 30, 13 abr. 1996.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, Sexualidade e Educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. 2. ed. Petrópolis – RJ: Vozes, 1997.

LUIZELLI, Eduarda Marranghello. **Depoimento de Eduarda Marranghello Luizelli: Projeto Garimpendo Memórias**. Porto Alegre: Centro de Memória do Esporte – ESEFID/UFRGS, 2015.

LUIZELLI, Eduarda Marranghello. **Depoimento de Eduarda Marranghello Luizelli: Projeto Garimpendo Memórias**. Porto Alegre: Centro de Memória do Esporte – ESEFID/UFRGS, 2016.

LUIZELLI, Eduardo Sétimo. **Depoimento de Eduardo Sétimo Luizelli: Projeto Garimpendo memórias**. Porto Alegre: Centro de MEMÓRIA DO Esporte – ESEFID/UFRGS, 2015.

LUIZELLI, Gabriela Marranghello. **Depoimento de Gabriela Marranghello Luizelli: Projeto Garimpendo memórias**. Porto Alegre: Centro de MEMÓRIA DO Esporte – ESEFID/UFRGS, 2015.

LUIZELLI, Rosa Marranghello. **Depoimento de Rosa Marranghello Luizelli: Projeto Garimpendo memórias**. Porto Alegre: Centro de MEMÓRIA DO Esporte – ESEFID/UFRGS, 2015.

LUZ, Karina Balestra. **Depoimento de Karina Balestra da Luz: Projeto Garimpendo Memórias**. Porto Alegre: Centro de Memória do Esporte – ESEFID/UFRGS, 2014.

MACEDO, Christiane Garcia; GOELLNER, Silvana Vilodre. Os estudos biográficos e sua contribuição para a pesquisa em história da Educação Física e esportes no Brasil. **Revista Brasileira de Ciência e Movimento**, v. 21, n. 3, p. 157-165, 2013.

MARQUES, José Carlos; CAFEO, Marta Regina Garcia. Mulheres fazer isso? – análise das estratégias de gestão do rúgbi feminino no Brasil. **PODIUM Sports, Leisure and Tourism Review**, São Paulo, v. 3, n. 2, p. 26-40, jul./dez. 2014.

MOCSANYI, Vinícius; BASTOS, Flávia da Cunha. Gestão de pessoas na administração esportiva: considerações sobre os principais processos. **Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte**, v. 4, n. 4, p. 55-69, 2005.

MOTTA, Caco da. Seleção está pronta para o campeonato. **Zero Hora**, Porto Alegre, p. 73, 10 jan. 1994. Caderno de Esportes.

MOURA, Eriberto Lessa. **Nos domínios do futebol feminino: Rio de Janeiro e São Paulo como cenário (1913 – 2003)**. Maceió: Edufal, 2015.

MOURÃO, Ludmila; MOREL, Márcia. As narrativas sobre o futebol feminino o discurso da mídia impressa em campo. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 26, n. 2, 2008.

NORONHA, Nico. Seleção gaúcha tem até Romário e Maradona. **Zero Hora**, Porto Alegre, p. 51, 3 nov. 1993.

NUNES, Isabel Cristina de Araújo. **Depoimento de Isabel Cristina de Araújo Nunes: Projeto Garimpando Memórias**. Porto Alegre: Centro de Memória do Esporte – ESEFID/UFRGS, 2016.

NUNES, José. Ítalo serrano: inter disputará o brasileiro. **O Pioneiro**, Caxias do Sul, 15 jan. 1996.

OLIVEIRA, Geisa Lima. **Depoimento de Geise Lima Oliveira: Projeto Garimpando Memórias**. Porto Alegre: Centro de Memória do Esporte – ESEFID/UFRGS, 2015.

PASETTO, Flávio. L'euforia arriva col vento dell'este. **L'Arena**, Verona, [199?].

PEREIRA, Ligia Maria Leite. Algumas reflexões sobre histórias de vida, biografias e autobiografias. **Historia Oral**, n. 3, p. 117-127, 2000.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História e história cultural**. 2. ed. Belo Horizonte: Autentica, 2005.

PHILOMENA, Cristiano Maser. **Fatores que levam atletas universitárias da Universidade Federal do Rio Grande do Sul a prática do futsal: um estudo acerca de sua iniciação, alegrias, decepções e expectativas**. 2010. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/27712>>. Acesso: 10/12/2014.

PISANI, Mariane da Silva. **Poderosas do Foz: trajetórias, migrações e profissionalização de mulheres que praticam futebol**. 2012. Dissertação (Mestrado) - Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2012.

PISANI, Mariane da Silva. Migrações e deslocamentos de jogadoras de futebol: mercadoria que ninguém compra? **Revista Esporte e Sociedade**, v. 9, n. 23 mar. 2014.

PRONI, Marcelo Weishaupt. Marketing e organização esportiva: elementos para uma história recente do esporte-espetáculo. **Conexões**: revista da Faculdade de Educação Física da UNICAMP, Campinas, v. 1, n. 1, p. 82-94, jul./dez. 1998.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira. Relatos orais: do "indizível ao dizível". In. SIMSON, Olga Von (Org.). **Experimentos com histórias de vida: Itália/Brasil**. Enciclopédia aberta de Ciências Sociais. São Paulo: Vértice, 1988.

RAMOS, Gisele Rodrigues. **Depoimento de Gisele Rodrigues Ramos: Projeto Garimpando Memórias**. Porto Alegre: Centro de Memória do Esporte – ESEFID/UFRGS, 2015.

RIBEIRO, Célia Liése Brancão Ribeiro. **Depoimento de Célia Liése Brancão Ribeiro: Projeto Garimpando Memórias**. Porto Alegre: Centro de Memória do Esporte – ESEFID/UFRGS, 2015.

RIGO, Luiz Carlos *et al.* Notas acerca do futebol feminino pelotense em 1950: um estudo genealógico. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 29, n. 3, 2008.

RIO GRANDE do Sul terá torneio com 64 equipes. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 25 dez. 1996.

ROCHA, Cláudio Miranda; BASTOS, Flávia da Cunha. Gestão do Esporte: definindo a área. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 25, p. 91-103, dez. 2011.

ROMERO, Elaine. A educação física a serviço da ideologia sexista. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 15, n. 3, p. 226-234, 1994.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil na análise histórica. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71-99, jul./dez., 1995.

SELEÇÃO gaúcha perde para a baiana e fica em terceiro. **Zero Hora**, Porto Alegre, p. 5, 7 fev. 1994.

SILVA, Haike Roselane Kleber da. Considerações e confusões em torno de história oral, história de vida e biografia. **Métis: história e cultura**, v. 1, n. 1, 2011.

SILVA, Luis Henrique Rolim; PEREIRA, Ester Liberato; MAZO, Janice Zarpellon. O uso das fontes orais nas pesquisas em história do esporte: memórias da “Corrida do fogo simbólico”. **Cinergis**, v. 14, n. 3, 2014.

SILVA, Giovana Capucim. **Narrativas sobre o futebol feminino na imprensa paulista: entre a proibição e a regulamentação (1965-1983)**. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2015.

SILVEIRA, Tatiele dos Santos. **Depoimento de Tatiele dos Santos Silveira: Projeto Garimpando Memórias**. Porto Alegre: Centro de Memória do Esporte, 2014.

SOUZA, Edilson Fernandes de. Histórias de vida: a memória resgatada através da atividade corporal. **Motus Corporis**, Rio de Janeiro, v. 4, n. 1, p. 27-41, 1997. (Colocar nome do autor por extenso)

SOUZA, Adriana Barreto de. Biografia e escrita da história: reflexões preliminares sobre relações sociais e de poder. **Revista Universidade Rural**, Rio de Janeiro, EDUR, v. 29, n. 1, p. 27-36, jan./jun. 2007.

SOUZA JÚNIOR, Osmar Moreira de. **Futebol como projeto profissional de mulheres: interpretações da busca pela legitimidade**. Tese (Doutorado) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas. Campinas, SP, 2013.

TAFAREL, Márcia. **Depoimento de Márcia Tafarel: Projeto Garimpando Memórias**. Porto Alegre: Centro de Memória do Esporte – ESEFID/UFRGS, 2015.

TEIXEIRA JÚNIOR, Jober. **Mulheres no futebol: a inclusão do charme**. Porto Alegre: Brasul, 2006.

TEM FUTEBOL feminino no Beira Rio. **Jornal do Comércio**, Porto Alegre, p. 20, 13 set. 1996.

VAZ, João Bosco. Façanha. **Correio do Povo**, Porto Alegre, 15 set. 1991.

VERONA sul campo del Toro: impresa ardua ma... **L'Arena**, Verona, 1995.

VÍCTORA, Ceres Gomes; KNAUTH, Daniela Riva; HASSEN, Maria de Nazareth Agra. **Pesquisa qualitativa em saúde**: uma introdução ao tema. São Paulo: Tomo, 2000.

VIEIRA, Tiago Perez; STUCCHI, Sérgio. Relações Preliminares entre a gestão esportiva e o profissional de educação física. **Conexões**: revista da Faculdade de Educação Física da UNICAMP, Campinas, v. 5, n. 2, p. 113-128, jul./dez. 2007.

VLASAK, Fernanda Portinho. **Depoimento de Fernanda Portinho Vlasak**: Projeto Garimpando Memórias. Porto Alegre: Centro de Memória do Esporte – ESEFID/UFRGS, 2015.

UMA GAÚCHA nos campos da Itália. **Veja**, São Paulo, v. 21, n. 1331, 16 mar. 1994.

WENETZ, Ilana. **Presentes na escola e ausentes na rua**: brincadeiras de crianças marcadas pelo gênero e pela sexualidade. Tese (doutorado) – Escola de Educação Física, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.

WIDMAR, Michele Janete. Futebol Feminino em Porto Alegre–RS. *In*: ATLAS do Esporte no Rio Grande do Sul. Rio de Janeiro: Shape, 2005.

WITTIZORECKI, Elisandro Schultz *et al.* Pesquisar exige interrogar-se: a narrativa como estratégia de pesquisa e de formação do (a) pesquisador (a). **Movimento**, Porto Alegre, v. 12, n. 2, p. 9-33, 2006.

APÊNDICE A - ROTEIRO ENTREVISTA DUDA

ROTEIRO DUDA

- Como iniciaram as atividades da escolinha no Parque Gigante na década de 1990?
- Como funcionava a contratação dos professores/estagiários?
- Quais as principais competições que a escolinha participava?
- Quais atividades eram oferecidas para as alunas?
- Quais os motivos da saída da escolinha do Parque Gigante?
- Como você articulou o deslocamento da escolinha para outro local de treinamento?
- Como foi a aceitação das alunas em relação a isso?
- Porque inserir os meninos na escolinha?
- Como surgiu a idéia das franquias?
- Hoje, são quantas franquias e quais atividades são oferecidas pela escolinha?
- Quais foram os principais obstáculos enfrentados por ti na tua trajetória esportiva?
- Na tua opinião quais os principais desafios enfrentados tanto como atleta quanto como na escolinha?
- Quais as principais dificuldades que precisaste enfrentar?
- Houve alguma meta que não conseguiste realizar?
- Qual tua principal motivação para permanecer no ramo?

APÊNDICE B- ROTEIRO DE ENTREVISTA EDUARDO LUIZELLI E ROSA LUIZELLI

Roteiro de entrevista Eduardo Luizelli e Rosa Luizelli

- Qual a sua relação com o esporte? Praticou algum esporte quando mais jovem?
- Como se deu a inserção da Duda no Esporte?
- Com quantos anos iniciou e quais esportes praticou?
- Como foi a reação da família quando Duda optou pelo futebol?
- Como ficaram sabendo da equipe do Inter?
- Como eram os treinos naquela época?
- De onde surgiu a ideia de ir para Itália?
- Como se deu o início da escolinha e do time adulto do Inter?
- Você acompanhava ela nos jogos?
- Como era a aceitação das pessoas/público em relação a Duda?
- Para você, qual foi o momento mais marcante da carreira da Duda?
- Para você o que a Duda representa para o futebol feminino no Rio Grande do Sul?

APÊNDICE C - ROTEIRO DE ENTREVISTA RENATO LOPES

- Como e quando conheceu a Duda?
- Qual a sua relação com o esporte atualmente?
- Como foi sua iniciação no futebol/futsal?
- Em quais times jogou?
- Como e em qual situação aconteceu seu envolvimento com o futebol feminino?
- Conte um pouco sobre a ida para Itália e como ela foi articulada.
- Quais foram os principais desafios que vocês enfrentaram neste período na Itália?
- Você lembra como se articulou o processo de abertura da Escolinha no Inter?
- Qual era sua função dentro da Escolinha? Como eram os treinos?
- Quais os obstáculos você aponta ter enfrentado dentro do S.C Internacional com a equipe de futebol feminino?
- Lembra quais campeonatos disputaram?
- Para você, qual o momento mais marcante vivenciado nesta fase do Internacional?
- Você lembra porque as atividades do Inter encerraram-se?
- Como você descreveria o momento em que as atividades do Internacional foram encerradas e a Duda abriu sua própria escolinha?
- Como se deu este processo?
- Hoje, qual sua função dentro das Escolas da Duda?
- Na sua opinião, quais foram os maiores obstáculos enfrentadas pela Duda na sua trajetória esportiva?
- Para você, qual foi a atuação mais marcante da Duda em uma partida de futebol?
- Como se deu o processo de transição da Duda-jogadora para Duda-dirigente?
- Para você o que a Duda representa para o futebol feminino no Rio Grande do Sul?

ANEXO A – CONVOCAÇÃO SELEÇÃO BRASILEIRA DE FUTEBOL FEMININO

12/03/1997 15:49 55-11-55063166 SPORT PROMOTION SC PAGE 01

0215095937-255 CBF 174 P01 03/12/97 14:01



Confederação Brasileira de Futebol
Associação Civil de Direito Privado

CONVOCAÇÃO SELEÇÃO BRASILEIRA DE FUTEBOL FEMININO

JOGOS AMISTOSOS: BRASIL X USA

Nº	NOME	APELIDO	POSIÇÃO	CLUBE
01	MARLIZA WALBRINK	MARAVILHA	GOLEIRA	SÃO PAULO
02	JULIANA APARECIDA	JULIANA	GOLEIRA	SÃO PAULO
03	MARIA CRISTINA	CRIS	GOLEIRA	CORINTHIANS
04	ELISSANDRA CAVALCANTE	NENÊ	LAT. DIREITO	CORINTHIANS
05	MARIZA NOGUEIRA	MARIZA	LAT. DIREITO	SÃO PAULO
06	ELANE REGO	ELANE	ZAG. CENTRAL	CORINTHIANS
07	JULIANA CABRAL	JULIANA	ZAG. CENTRAL	SÃO PAULO
08	TÂNIA MARIA RIBEIRO	TÂNIA MARIA	QUARTO ZAG.	SÃO PAULO
09	ANDRÉIA CAMARGO	ANDRÉIA	QUARTO ZAG.	SÃO PAULO
10	ELSIENE SILVA	ELSI	LAT. ESQ.	SÃO PAULO
11	RENATA MACHADO	REANATA	LAT. ESQ.	CORINTHIANS
12	MIRAILDES MOTTA	FORMIGA	M. ARMADOR	SÃO PAULO
13	VALÉRIA APARECIDA	VALÉRIA	M. ARMADOR	PORTUGUESA
14	MARIA APARECIDA DIAS	CIDINHA	M. DIREITA	SÃO PAULO
15	EDUARDA LUIZELLI	DUDA	M. ESQUERDA	INTERNACIONAL
16	SISLEIDE DO AMOR	SISSI	M. ESQUERDA	SÃO PAULO
17	PRISCILA FÁRIA	PRISCILA	M. ESQUERDA	PORTUGUESA
18	DELMA GONÇALVES	PRETINHA	E. DIREITA	VASCO DA GAMA
19	FABIANA RIBEIRO	FABIANA	E. DIREITA	PORTUGUESA
20	KÁTIA SILENE SILVA	KÁTIA	C. AVANTE	SÃO PAULO
21	ANDRÉIA DOS SANTOS	MAICON	C. AVANTE	PORTUGUESA
22	ROSELI DE BÉLLO	ROSELI	E. ESQUERDA	CORINTHIANS
23	SUZANA FERREIRA	SUZANA	E. ESQUERDA	SÃO PAULO

Convocação: 02/12/97 - Auditório da CBF 14:00 hs
Apresentação: 05/12/97
Local: San Michel Palace Hotel (Taubaté) - SP


DR. LUIZ MIGUEL CARNEIRO DE OLIVEIRA
Diretor de
Desenvolvimento de Categorias Esportivas